

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

ANA MARIA FIGUEIREDO BISELLI

**LAZER DE UMA JUVENTUDE SOCIALMENTE VULNERÁVEL NA CIDADE DE
SÃO PAULO**

São Paulo
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA MARIA FIGUEIREDO BISELLI

**LAZER DE UMA JUVENTUDE SOCIALMENTE VULNERÁVEL NA CIDADE DE
SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

Linha de Pesquisa
Gestão do Lazer e do Turismo

Orientadora:
Profa. Dra. Gisela Black Taschner

São Paulo
2006

Biselli, Ana Maria Figueiredo.

Lazer de uma juventude socialmente vulnerável na cidade de São Paulo / Ana Maria Figueiredo Biselli. - 2006. 145 f.

Orientadora: Gisela Black Taschner.

Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

1. Lazer – São Paulo (SP). 2. Adolescentes - Recreação. 3. Jovens - Recreação. 4. Adolescentes – São Paulo (SP) – Condições sociais. I. Taschner, Gisela. II. Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. III. Título.

CDU 379.8(816.11)

ANA MARIA FIGUEIREDO BISELLI

**LAZER DE UMA JUVENTUDE SOCIALMENTE VULNERÁVEL NA CIDADE DE
SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

Linha de Pesquisa:
Gestão do Lazer e do Turismo

Data de Aprovação:

__/__/____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gisela Black Taschner
(orientadora)
FGV-EAESP

Prof. Dr. Fábio Luiz Mariotto
FGV-EAESP

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo
Centro Universitário Senac - SP

À minha mãe Tida

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram de alguma forma deste importante momento da minha vida.

Agradeço à professora Gisela Taschner pela orientação, compreensão e apoio às minhas decisões.

Ao professor Wilton de Oliveira Bussab, que indicou a possibilidade de utilizar a base de dados e esteve sempre disponível para me ajudar.

Faço um agradecimento especial aos professores Fábio Mariotto, Alain Stempf, Diogo Canteras, Adilson Simonis e Caio Luiz de Carvalho, que me estimularam a ingressar no mestrado e me apoiaram durante o processo.

Agradeço também à Fundação SEADE pela base de dados.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida, que possibilitou a concretização deste trabalho.

Ao Centro Universitário Senac pelo apoio fornecido e aos professores, alunos e funcionários do Senac, em especial professor Luiz Octávio Camargo, professor Marcelo Traldi Fonseca, professora Maristela Sugiyama e professora Olívia Ribeiro, pelo incentivo, sugestões e dicas.

Agradeço ao pessoal com quem trabalhei na BSH International, especialmente ao José Ernesto Marino Neto que aceitou e apoiou a minha decisão e ao Abel, Liliam e Marcelo pela amizade.

Agradeço ao pessoal da biblioteca e da secretaria da FGV/ EAESP, sobretudo ao Dionísio, Roberto, Oswaldo, Juraci e Ariane que estiveram sempre dispostos a colaborar e estimular o desenvolvimento do trabalho.

Aos meus amigos que souberam compreender minha ausência e se mostraram presentes na torcida, em especial ao Marcos, Eduardo, Rafael, Isabela, Andréa, Eduarda e Tatiana. E aos novos amigos que surgiram no mestrado, principalmente ao Pedro, Karin, Paulo, Francisco, Diana e Cíntia, que permitiram que este caminho fosse mais agradável.

De modo especial, agradeço à Valentina pelo apoio, carinho e companhia.

Agradeço também ao Padre Ignácio e ao D. Geraldo pela amizade e incentivo. E à comunidade Madre Teresa que me fez e me faz mais forte.

Agradeço à minha família (pais, irmãos e parentes) que me faz muito feliz e teve grande importância na minha formação.

Agradeço ao Paolo e Fábio, meus irmãos, pelo exemplo e incentivo. Às minhas irmãs, Claudia e Lucila, que souberam aceitar a bagunça de livros e artigos espalhados pelo quarto e as horas de luz acesas em horários inapropriados.

Ao Marco e Georges pela amizade e força. Aos meus irmãos caçulas, André e Roberto, pela companhia e alegria.

Aos meus pais, Celina e Pietro, pelo constante apoio e auxílio. Aos meus avós, em especial à Nonna Matilde, por quem tenho grande admiração e carinho. À Zia Emma pela acolhida, companhia e ensinamentos.

Faço um agradecimento específico ao meu pai que é uma pessoa admirável. Está sempre disposto a preencher os espaços vazios, lutando pelo meu bem e de meus irmãos.

Agradeço de maneira especial ao Otávio que acompanhou de perto este processo, sendo companheiro, paciente, dedicado e professor. Agradeço por seu amor, carinho e também por suas broncas que, por vezes, me fizeram chorar, mas hoje percebo que foram importantes para eu acordar.

Agradeço a Deus pelo dom da minha vida.

RESUMO

A questão do lazer tornou-se foco de atenção, em vários países do mundo, com o objetivo de conhecer a evolução do comportamento da população. Estudos nesta linha visam auxiliar as entidades públicas e privadas no direcionamento de subsídios para o atendimento das necessidades da sociedade dentro do segmento do lazer. No entanto, essa temática ainda foi pouco explorada no Brasil.

O estudo em questão tem por objetivo conhecer e analisar práticas de lazer de adolescentes e jovens, entre 12 e 24 anos, habitantes de bairros periféricos da cidade de São Paulo, bem como proporcionar melhor conhecimento de potenciais fatores que interferem nas escolhas dessas atividades. As motivações para o estudo foram a importância da juventude na sociedade, as preocupações com esse segmento da população, especialmente da parcela altamente vulnerável socialmente, e as contribuições que o lazer pode propiciar em um universo com opções restritas.

Para o desenvolvimento da pesquisa partiu-se da base de dados da Fundação SEADE (2005), obtidos por meio da Pesquisa de Condição de Vida, realizada entre outubro de 2004 e fevereiro de 2005. Para melhor analisar o lazer de adolescentes e jovens da periferia de São Paulo, procurou-se verificar a existência de subgrupos (agrupamentos), segundo características sociodemográficas, dentro desse segmento da população para posteriormente analisar o comportamento dos mesmos no lazer.

Os resultados apresentam fortes indícios de que pertencer a determinado agrupamento sociodemográfico influencia no tipo de lazer escolhido. Ao final do trabalho, são sugeridos alguns desdobramentos do tema estudado como o aprofundamento de questões analisadas procurando validar hipóteses surgidas a partir deste estudo.

Palavras-chave: lazer; tempo livre; juventude; comportamento do consumidor; periferia.

ABSTRACT

Leisure has been a focus of interest in several countries of the world, in order to know the evolution of the population's behavior. Researches on this area help both public and private sectors to decide how to support the society needs related to leisure. However, the leisure matter has rarely been explored in Brazil.

This thesis purpose is to analyze the leisure habits of adolescents and young people, aged from 12 to 24 years, who live in the poor suburban areas of the city of Sao Paulo, as well as acquiring a better knowledge of the potential factors that interfere in the activities choices. The motivations of this study are based on the importance of young people in the society, the concerns with this part of the population, especially the group socially vulnerable, and the contributions that leisure may create in a place with limited options of activities.

To develop the research, the starting point was the data analysis of SEADE's 2005 Pesquisa de Condição de Vida (Life Condition Survey), made from October of 2004 to February of 2005. In order to prepare a frame for a deep understanding of the leisure activities of the young people in the outskirts districts of São Paulo, socio-demographics characteristics were utilized to cluster this population. Then, their leisure behavior was analyzed in each identified cluster.

The results strongly indicate that the choice of leisure activity is influenced by the socio-demographic cluster that young people belong to. At the end of the research, some extensions of this agenda are suggested in order to consolidate and enhance the main hypothesis elaborated in this study.

Keywords: leisure; free time; young people; consumer behavior; outskirts districts.

LISTA DE FIGURAS

Figura	Título	Página
1	Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – Município de São Paulo, 2000	59
2	Localização dos distritos analisados e escala de vulnerabilidade	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	Título	Página
1	Evolução da População do Município de São Paulo - 1940 – 2005	52
2	Distribuição da População, segundo Índice Paulista de vulnerabilidade Social (IPVS) – 2000	67
3	Distribuição dos entrevistados por faixa de idade	76
4	Distribuição dos entrevistados por “gênero e se possui filho”	77
5	Distribuição dos entrevistados por situação conjugal	78
6	Distribuição dos entrevistados por posição na família	79
7	Distribuição dos entrevistados por ocupação	80
8	Distribuição dos entrevistados por nível de escolaridade	81
9	Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Estudante criança	111
10	Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Estudante adolescente	112
11	Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Jovem solteiro trabalhador	113
12	Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Mulher cônjuge com filho	115
13	Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Homem chefe de família	116
14	Freqüência de respostas dentro da categoria lazer domiciliar	119
15	Freqüência de respostas dentro da categoria lazer pago	121
16	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou realizar, habitualmente, atividades de lazer na companhia de familiares	121

Gráfico	Título	Página
17	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “assistir TV” nos momentos de lazer dos finais de semana	125
18	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “jogar futebol” ou “praticar outros esportes” nos momentos de lazer dos finais de semana	127
19	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou conversar com amigos nos momentos de lazer dos finais de semana	129
20	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “empinar pipa”, “andar de bicicleta/ patins ou skate”, “brincar no geral” e “jogar videogame/fliperama”, nos momentos de lazer dos finais de semana	130
21	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “participar de grupo musical”, “dançar/cantar/tocar instrumento musical”, nos momentos de lazer dos finais de semana	131
22	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “freqüentar danceterias/ bares/ festas”, “ir ao cinema/ teatro/ shows”, “namorar”, “viajar”, nos momentos de lazer dos finais de semana	132
23	Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “freqüentar parques”, “visitar parentes” nos momentos de lazer dos finais de semana	133

LISTA DE QUADROS

Quadro	Título	Página
1	Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS)	58
2	Classificações de atividades de lazer de Camargo (1982)	69
3	Classificação de atividades de lazer adaptada pelos autores	70
4	Aplicação da classificação de atividades de lazer dos autores	83
5	Aplicação da classificação de Botelho e Fiore (2005)	118

LISTA DE TABELAS

Tabela	Título	Página
1	Taxa geométrica de crescimento demográfico anual do Brasil, Estado de São Paulo, Região Metropolitana de São Paulo e Cidade de São Paulo – 1960-1970/1970-1980/1980-1991/1991-2000/2000-2005	52
2	Análise Descritiva da variável Renda familiar ampliada per cápita	82
3	Distribuição dos entrevistados nos agrupamentos sociodemográficos	88
4	Análise Descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 1	89
5	Análise Descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 2	91
6	Análise Descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 3	93
7	Análise Descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 4	95
8	Análise Descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 5	97
9	Denominação dos grupos e distribuição dos entrevistados por agrupamentos sociodemográficos	98
10	Distribuição dos indivíduos nos agrupamentos segundo o tipo de lazer	100
11	Análise Descritiva dos Agrupamentos 1 e 2, segundo o tipo de lazer	101
12	Análise Descritiva dos Agrupamentos 3 e 4, segundo o tipo de lazer	102
13	Análise Descritiva dos Agrupamentos 5 e 6, segundo o tipo de lazer	103
14	Análise Descritiva dos Agrupamentos 7 e 8, segundo o tipo de lazer	104
15	Análise Descritiva do Agrupamento 9, segundo o tipo de lazer	105
16	Denominação dos grupos e distribuição dos entrevistados por agrupamento segundo o tipo de lazer mencionado	106
17	Indicador de comportamento – agrupamento sociodemográfico <i>versus</i> agrupamento segundo o tipo de lazer.	109
18	Classificação das atividades de lazer mais mencionadas pelos entrevistados	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A PROBLEMÁTICA DO LAZER	19
1.1 Evolução do conceito do lazer no tempo	19
1.2 Termos utilizados e definições	26
1.3 Pesquisas sobre as práticas de lazer	32
2 A METRÓPOLE, CONTEXTO PRIVILEGIADO DO LAZER CONTEMPORÂNEO	43
2.1 Metrópole moderna <i>versus</i> metrópole contemporânea	44
2.2 Tempo e espaço na metrópole contemporânea	49
2.3 A Região Metropolitana de São Paulo	51
2.4 Juventude e vulnerabilidade social	59
2.5 Equipamentos de lazer na cidade de São Paulo	61
3 A PESQUISA COM JOVENS DA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO: METODOLOGIA E FONTES	65
3.1 Base de dados – comentários sobre a população analisada	65
3.2 Objeto de estudo	68
3.3 Técnica de análise	72
4 O LAZER DOS JOVENS DA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	86
4.1 Formação dos agrupamentos sociodemográficos	87
4.2 Formação dos agrupamentos segundo o tipo de lazer mencionado	99
4.3 Interpretação dos resultados	107
4.3.1 – Etapa 1: Cruzamento entre agrupamentos sociodemográficos e tipos de lazer mencionados nas entrevistas	107
4.3.2 – Etapa 2: Análises complementares sobre o lazer	117
4.4 Visão geral da análise	133
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
5.1 Etapas percorridas e principais contribuições	136
5.2 Limitações do estudo	137
5.3 Sugestões para pesquisas futuras	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140

INTRODUÇÃO

O estudo em questão tem por objetivo conhecer e analisar práticas de lazer de adolescentes e jovens, habitantes de bairros periféricos da cidade de São Paulo. Assim como proporcionar melhor conhecimento de potenciais fatores que interferem nas escolhas dessas atividades. As motivações para o estudo foram a importância da juventude na sociedade, as preocupações com este segmento da população, especialmente, com a parcela altamente vulnerável socialmente e as contribuições que o lazer pode propiciar em um universo com opções restritas.

A juventude brasileira representa ampla parcela da população do país. Pesquisas revelam que esse grupo etário nunca foi tão numeroso como é atualmente em termos absolutos e as tendências demográficas indicam que a participação desse grupo na população brasileira cairá. Em 2003, o país tinha 33,85 milhões de jovens entre 15 e 24 anos, o que representava 19,5% da população (REZENDE; TAFNER, 2005).

O período de adolescência e juventude é considerado por si só uma fase de intensa vulnerabilidade. Pesquisadores indicam que este fenômeno é potencializado pela situação de pobreza e exclusão social. Esta preocupação mostra-se cada vez mais freqüente na sociedade contemporânea, em que se verifica a intensificação das desigualdades sociais, provocadas em grande parte pelos processos de rápida urbanização (FUNDAÇÃO SEADE, 2002).

A preocupação não se restringe à “exclusão social”, mas também está direcionada e concentrada principalmente a uma espécie de “inclusão perversa”. Na sociedade atual, o desejo de consumo é estimulado pela comunicação de massa, principalmente pela televisão, contudo, para satisfazê-lo rapidamente, enquanto ainda se é jovem, o trabalho que oferece mais oportunidades é o envolvimento com negócios ilícitos, primordialmente relacionados com drogas (FUNDAÇÃO SEADE, 2002).

Dumazedier (1994) afirma que os estudos referentes ao lazer têm grande importância social, principalmente em ambientes com elevado número de desempregados, dentre os quais o tempo livre é maior, podendo ou não ser dedicado ao lazer. Requixa (1974) indica que o lazer possibilita o próprio desenvolvimento humano, pois este atua, muitas vezes, como atividade socioeducativa.

Pesquisadores ainda apontam que por meio do lazer é possível promover a inserção social, bem como auxiliar na formação do indivíduo e no desenvolvimento social como um todo, procurando minimizar problemas existentes. Sabe-se, porém, que não será por meio do lazer que os problemas existentes serão solucionados.

Há autores que são críticos da perspectiva salvacionista a que o lazer e o esporte são promovidos. Melo (2005), ao questionar essa visão, não desconsidera a importância que essas atividades exercem na vida de seus participantes, ainda mais em um contexto de poucas opções de lazer, onde, no geral, pouco importa o que está por trás da ação realizada (poder público, organizações não governamentais, políticos, instituições religiosas, empresas privadas, entre outras). Para o autor, programas de esporte (ou o lazer) não podem ser tratados como a solução de problemas que demandam ações de ordem política muito mais incisivas do que simplesmente a criação de programas esportivos. Afirma ainda que o acesso ao esporte e ao lazer é fundamental, mas não é suficiente para uma efetiva melhoria nas condições de vida.

Estudos sobre este tema, sobretudo relacionados com o comportamento no lazer do jovem da periferia, são considerados importantes para entender o desenvolvimento humano e as formas de inserção social. Ressalta-se que a questão do lazer tornou-se foco de atenção em vários países do mundo, nas mais diversas áreas de pesquisa, com o objetivo de conhecer, por meio dessas pesquisas, a evolução do comportamento da população. E, assim, visando auxiliar as entidades públicas e privadas no direcionamento de subsídios para o atendimento das necessidades da sociedade dentro do segmento do lazer. No entanto, esta temática ainda foi pouco explorada no Brasil.

Partindo da base de dados da Fundação SEADE (2005)¹, obtida por meio da Pesquisa de Condição de Vida realizada entre os meses de outubro de 2004 e fevereiro de 2005 e utilizando a metodologia de análise quantitativa, este estudo tem como escopo conhecer as práticas de lazer mais freqüentes durante o fim de semana. Vale ressaltar que as unidades de análise são indivíduos entre 12 e 24 anos que habitam em distritos periféricos de São Paulo. Os distritos periféricos que foram analisados estão localizados fora do centro consolidado do município de São Paulo e apresentam alto grau de vulnerabilidade social juvenil, conforme indicador desenvolvido pela Fundação SEADE (2004).

Uma das características freqüentemente apontada por autores que estudam aspectos das sociedades pós-modernas é a segmentação do consumo. Esta análise tem se mostrado ainda mais relevante em mercados em que há grande desigualdade social.

Dessa maneira, antes de analisar o lazer de adolescentes e jovens da periferia de São Paulo, procurou-se verificar a existência de subgrupos (agrupamentos), segundo características sociodemográficas, dentro deste segmento da população. E assim, posteriormente verificar indícios de comportamento distinto no lazer dos subgrupos de indivíduos identificados. Para o desenvolvimento desta etapa, utilizou-se a técnica de análise de agrupamento, que tem por objetivo encontrar e separar objetos (no caso adolescentes e jovens) em grupos similares segundo as características de interesse (BUSSAB; MIAZAKI; ANDRADE, 1990).

Estrutura do trabalho

O trabalho foi dividido em cinco capítulos. Os dois primeiros, desenvolvidos a partir da revisão da literatura, têm como objetivo contextualizar o tema abordado. O capítulo 1 trata da questão do lazer, promovendo breve reflexão sobre a evolução do conceito de lazer e aspectos relacionados com estudos nesta linha de pesquisa: classificações utilizadas, variáveis consideradas e resultados. No capítulo 2

¹ Dados brutos cedidos pela Fundação SEADE.

apresentam-se aspectos relacionados com as metrópoles, mais especificamente sobre a Região Metropolitana de São Paulo.

No capítulo 3 são delineados procedimentos da pesquisa. Explicam-se a estrutura da base de dados utilizada, detalhes sobre objeto de estudo e técnica de análise selecionada.

No capítulo 4, composto por cinco seções, os resultados da pesquisa são apresentados, além da interpretação dos mesmos. Nos dois primeiros tópicos deste capítulo encontram-se descritos os resultados obtidos por meio das análises de agrupamento e as três seções finais são reservadas para as etapas analíticas do trabalho.

E por fim, são realizadas considerações finais sobre o estudo desenvolvido, enfatizando as principais contribuições e limitações do estudo. Destacam-se também possibilidades de temas a serem desenvolvidos em pesquisas futuras que tratem do mesmo assunto.

1 A PROBLEMÁTICA DO LAZER

A discussão sobre a evolução do conceito de lazer, escolhida para introduzir o estudo em questão, não é considerada uma tarefa fácil, visto que não existe consenso sobre a definição do termo lazer. Há algumas maneiras de se referir ao lazer como o tempo livre, o ócio, a recreação, entre outras. No entanto, estas palavras muitas vezes não são utilizadas para fazer referência ao mesmo fenômeno. Considerando-se ainda as diferenças associadas ao uso das palavras nas diferentes línguas, esta questão é agravada, uma vez que certas línguas possuem uma única palavra que engloba diversos significados. Por outro lado, existem outras que utilizam diversos termos referindo-se ao mesmo conceito.

Primeiramente, procurou-se neste capítulo resgatar de maneira sucinta a evolução do conceito de lazer no tempo. Posteriormente, buscou-se destacar os principais termos trabalhados neste campo e as definições associadas a eles. E, por fim, foram apresentados aspectos relacionados aos estudos nesta linha de pesquisa: categorização de atividades de lazer, variáveis de interesse e resultados.

1.1 Evolução do conceito do lazer no tempo

Diferentemente de alguns sociólogos estudiosos do lazer, Munné (1980) afirma que o lazer não é um fenômeno exclusivo dos tempos modernos e sim uma prática antiga que passou por mudanças conceituais significativas ao longo dos anos. O autor discorda de que apenas com a revolução pós-industrial, com a redução da semana de trabalho e o surgimento do poder de compra das massas, o ócio tenha passado a desempenhar papel de significativa importância na vida das pessoas.

A partir da sociedade industrial, nota-se com mais veemência a forte relação entre a dimensão de trabalho/obrigações e a do lazer. Porém, isso não significa dizer que antes deste período essa relação não existisse e menos ainda se pode negar a presença de lazer na vida das pessoas. Segundo Requiza (1974), as noções de

trabalho e lazer nas civilizações mais remotas confundiam-se. Nota-se que entre os povos primitivos o vocábulo “trabalho” inexistia, o que pode significar que não havia clara distinção entre a vida e o trabalho, entre o tempo de lazer e o tempo de trabalho. Tudo estava contido na existência humana, sem que houvesse distinção em partes especiais do tempo. Munné (1980) sugere que ao analisar valores das sociedades antigas é possível identificar a existência do lazer e, sobretudo, a alteração de seu significado com o tempo.

A começar pelo lazer na sociedade da Grécia Antiga, Munné (1980) resgata que nesta época o lazer era definido como contemplação dos valores supremos da cultura grega: a verdade, a bondade e a beleza. Esta situação exigia dispor de um tempo para si, isso significa dizer não estar sujeito ao trabalho. Waichman (1997) recorda que no grego, do termo *scolé* (ócio) deriva a palavra escola e é o oposto de *ascolé*, que significa estado de servidão. Nesta época apenas as camadas superiores da sociedade tinham tempo para desfrutar do ócio, que permitia a contemplação tanto da sabedoria, como do saber não utilitário. O ócio era considerado um ideal de vida, ou seja, um fim em si mesmo, e o trabalho era o meio que possibilitava atingir o *scolé* e era realizado por outra camada social.

Este conceito mudou com o império romano, quando surgiu o *otium*, um tempo de não-trabalho posterior ao *nec-otium*, tempo de atividades produtivas. O ócio passa a ser um meio e o trabalho o fim. O *otium* era tempo reservado para o descanso, recreação e recuperação com objetivo de voltar ao trabalho. Nessa época surgem os ócios massivos: entretenimentos que eram impostos pelos poderosos para divertir os desocupados (MUNNÉ, 1980). A concepção de ócio introduzida pelos romanos, momento complementar ao trabalho destinado ao descanso e recuperação para regressar às obrigações, permanece de maneira significativa na sociedade atual.

Ao final da Idade Média, o lazer começou a se transformar em ostentação, luxo e prazer. Ou seja, conforme definido por Veblen (1987), o lazer estava associado à classe ociosa (*leisure class*) e ocorria, principalmente, por meio do consumo conspícuo. Esse consumo não estava necessariamente associado a prazer, diversão ou relaxamento, estava mais ligado a rituais de consumo que existiam como sinalizadores sociais e como meio de competição social (TASCHNER, G., 2000). De

acordo com Veblen (1987), predominava, nesta época, o desejo de cada um superar os outros na acumulação de bens. Este espírito permaneceria dominante na moderna sociedade industrial.

Quando da formação dos Estados Modernos, como, por exemplo, na França e na Inglaterra, a cultura de consumo contemporâneo do Ocidente, expressada por meio do luxo, ostentação e rituais, passou a ser utilizada pela realeza como forma de demonstrar seu poder (TASCHNER, G., 2000). Neste momento, segundo Elias² (1985 apud TASCHNER, G., 2000), o alto padrão de consumo fazia parte das obrigações da aristocracia para permanecer na corte real (consumo de prestígio).

Durante o século XVIII, a ética puritana passou a ter grande influência e a valorização do trabalho foi construída baseada nas crenças de Lutero em que a responsabilidade com o trabalho e a família eram encarados como serviço a Deus. Os puritanos consideravam o lazer algo vão e, portanto, perda de tempo (JUNIU, 2000). Munné (1980) afirma que o ócio começou a ser considerado grave vício pessoal e social, desmoralizando assim a forma de viver da classe ociosa. Naquela época, o ócio passou a ser entendido como ociosidade, contraposto total do trabalho, o antitrabalho, algo improdutivo, tempo perdido. Enfim, tempo que deveria ser eliminado da sociedade.

A partir da revolução industrial, escreve Waichman (1997), o progresso social e a geração de riqueza acentuam ainda mais o valor negativo do ócio. Visto que o tempo livre supõe a dilapidação de parte da riqueza gerada por meio do trabalho, do tempo produtivo. Há também, neste período, manifestações contra a existência da classe ociosa, não produtiva, pois esta passa a ser vista como classe parasitária, contrária ao progresso social.

Requixa (1974) argumenta que a industrialização, durante sua fase inicial, não foi capaz de satisfazer as necessidades materiais imediatas dos trabalhadores e, além disso, privou-os do lazer. O autor resgata que, no começo da era industrial, o

² ELIAS, Norbert. **La société de Cour**. (Trad. francesa da edição alemã). Paris: Flammarion, 1985

proletariado urbano na Europa trabalhava, em média, 85 horas por semana. A excessiva jornada de trabalho não era restrita aos homens, era também desempenhada por mulheres e crianças. Percebe-se, assim, que nesta época não existia muito espaço para o lazer, pelo menos no que tange à classe trabalhadora.

Entretanto, foi exatamente a partir das condições de trabalho proporcionadas pela revolução industrial que o lazer começou a ganhar espaço novamente naquele segmento da sociedade. A exploração dos trabalhadores provocou reações. Em diversos países do Ocidente, as massas de trabalhadores se organizaram e iniciaram fortes movimentos de diversos matizes. Tanto reformistas como revolucionários que resultaram em revoluções em alguns países – como a Rússia – e à melhoria das condições de trabalho em outros, com a redução da jornada de trabalho e aumento dos salários. Assim, deu-se início, na maioria dos países capitalistas a um processo lento, porém constante, de diminuição da jornada de trabalho por meio de medidas legislativas restringindo o tempo formal dedicado ao trabalho. Surgiu deste modo, aos poucos, o tempo livre, momento destinado à livre disposição individual.

Percebe-se ainda que a modernização contribuiu para a manifestação de um ócio até então inexistente, período subtraído do tempo de trabalho e que não estava sujeito a norma nenhuma. Todas as concepções anteriores a esta época apresentavam uma característica comum a respeito do ócio: ter um sentido apurado seja ele positivo ou negativo. O ócio era revestido socialmente de um significado claro e específico que não determinava, mas sim condicionava o emprego do tempo dedicado a ele (MUNNÉ, 1980).

Dessa forma, o conceito de lazer na era pós-industrial origina-se da substituição do tempo de trabalho por lazer. Não porque o tempo de lazer tenha se tornado valioso, mas porque o trabalho perdeu valor. Como consequência, o ponto importante passa a ser o não-trabalho, não diretamente o ócio (MUNNÉ, 1980). Além disso, de acordo com Requixa (1974), neste período, como resultado do aumento do poder de consumo e do tempo livre disponível, considerado tempo ideal para o consumo, amplia-se o mercado consumidor e, promovido pelo progresso tecnológico, acentua-

se a diversificação na utilização do tempo livre. Este aumento da instrumentalização do lazer resultou na forte relação entre a cultura de consumo e o tempo de lazer.

A partir do século XIX, a cultura do consumo difundiu-se para outros segmentos sociais, primeiro os estratos médios e depois as chamadas classes populares, ao mesmo tempo em que se inicia a democratização do acesso ao consumo material (*trickle down effect*) (TASCHNER, G., 2004).

Após a Segunda Guerra Mundial, o sistema industrial estava direcionado a atingir o máximo crescimento e, por meio da produção em massa, estimulou o desenvolvimento da cultura de massa. A necessidade de padronização dos produtos levou à procura de um denominador comum no grande público, a quem eles eram oferecidos (MORIN, 1977).

Ocorreu o desenvolvimento da *mass media* (propaganda pelas técnicas de difusão maciça – televisão, rádio, filmes, mídia impressa) que exerceu forte influência no processo de desenvolvimento da indústria cultural e da mercantilização da cultura e do lazer. Morin (1977) enfatiza que a cultura de massa foi extremamente criticada pelos marxistas, que a classificavam como a nova alienação da civilização burguesa que se estendia da esfera do trabalho para a do lazer. Frankfurtianos, como Theodor Adorno, por sua vez, viram na cultura de massa uma pseudocultura (ADORNO, 2002).

Lafargue (2003) advertiu, já no século XIX, que o aumento da produção levava o sistema capitalista a precisar não de produtos, mas sim de consumidores. Nestes deveria ser despertada constantemente a necessidade de consumir. Dessa forma, o ócio passa ter um sentido associado a interesses de terceiros. Esta nova modalidade de lazer, segundo Waichman (1997), é classificada por alguns autores contemporâneos como “ócio alienado”, ou ainda “ócio coisificado, despersonalizado”, proporcionado pela “indústria dos ócios”.

Diferentemente do que se esperava, após a mecanização do trabalho, as modificações reivindicadas na era pós-industrial (a redução da jornada de trabalho e o aumento do tempo livre) não têm perdurado na sociedade capitalista. Já na

década de 90, Schor (1993) apontava, com base em pesquisa que realizara, que os americanos estavam trabalhando cada vez mais e não menos, porque queriam consumir cada vez mais. Waichman (1997) escreve nessa mesma linha argumentando que estudos revelaram que nos Estados Unidos muitas pessoas que tinham sua jornada de trabalho reduzida para 5 horas diárias com salários que permitiam uma situação confortável, estavam optando por procurar um segundo trabalho, o qual possibilitasse aumento do consumo. O autor adverte que as alterações não estavam levando à esperada civilização do ócio. O que se revelava cada vez mais era a civilização do consumo, na qual a disponibilidade de tempo se transformava em necessidade de consumir.

Com o advento de novas tecnologias, sistemas integrados de comunicação e o fator globalização, mudanças substanciais do construto tempo nas organizações vêm ocorrendo. A tecnologia vem direcionando as pessoas para uma economia 24 horas, aumentando a demanda de trabalho.

Esta “economia 24 horas” foi fortemente influenciada pelo exemplo norte-americano, visto que grande parte dos países europeus não segue esta filosofia. Já no Brasil, mais especificamente em São Paulo, nota-se certa semelhança com o modelo de trabalho norte-americano. Por exemplo, há atualmente diversas lanchonetes do tipo *fast-food* que permanecem abertas 24 horas, bem como shoppings que em datas especiais, como o Natal, permanecem abertos durante 36 horas seguidas.

As pessoas estão cada vez mais sobrecarregadas no trabalho (LIPOVETSKY, 2004), o que tem estimulado a ampliação do horário de trabalho e variedade de formato do mesmo. Existem pessoas que possuem um trabalho sazonal, outras parcial. Há aquelas que trabalham durante o dia, mas extrapolam seus horários para noite e finais de semana. Em suma, não há mais um horário tradicional de trabalho devido à grande demanda por trabalho e também pelas facilidades proporcionadas pela tecnologia de informação.

A tecnologia da informação tem permitido, cada vez mais, a redução do problema de distância, possibilitando ao indivíduo trabalhar em casa, em vez de ter de ir ao escritório. Esta nova realidade difere-se, e muito, da sociedade moderna, em que os

ritmos de vida estavam mais ligados ao tempo da fábrica, com ritmos objetivos, regulares, repetitivo.

É interessante notar que a sociedade atual, classificada por alguns autores como sociedade hipermoderna, também se caracteriza por contradições relacionadas ao tempo. Enquanto boa parte dos indivíduos encontra-se sobrecarregado de atividades, outros estão ociosos e não necessariamente por vontade própria (LIPOVETSKY, 2004).

Apesar da predominância, principalmente em grandes centros urbanos, de indivíduos sobrecarregados com ritmo de trabalho acelerado, já se pode notar um movimento contrário a este cenário. Há pessoas que se dizem infelizes mesmo tendo alcançado sucesso profissional, pois alegam que vivem para trabalhar em vez de trabalhar para viver. Isto resultou no surgimento do chamado “*downshifting*” (SCHOR, 1998), movimento que busca a qualidade de vida e não mais a constante luta por maior quantidade de dinheiro e consumo desenfreado. *Downshifting* não significa parar de trabalhar ou parar de gastar, todavia, significa trabalhar menos, gastar menos e fazer as coisas de forma diferente, de forma mais prazerosa. (SCHOR, 1998; JUNIU, 2000).

Por fim, percebe-se que a definição de lazer passou por diversas transformações e acredita-se que atualmente há certa miscelânea desses conceitos, com forte influência da cultura de consumo. As manifestações do novo movimento ainda são incipientes, mas aparentemente estão, pouco a pouco, ganhando mais força.

Esta breve síntese sobre a evolução do conceito de lazer não tem por objetivo construir um corpo conceitual completo sobre o tema. Pretende-se evidenciar alterações consideradas importantes, com o intuito de mostrar que o conceito de lazer está bastante associado ao contexto histórico em que se vive. Assim como, apresentar alguns sinais de como o lazer é enxergado na sociedade atual.

1.2 Termos utilizados e definições

Nesta seção, apresentam-se alguns termos utilizados e definições de lazer, trabalhados por autores nacionais e estrangeiros, procurando-se promover uma breve reflexão sobre o que vem sendo desenvolvido neste campo, nos últimos tempos. Não se pretende, evidentemente, esgotar o assunto, e sim apresentar algumas diferenças e introduzir conceitos considerados importantes para o desenvolvimento deste estudo.

Dumazedier (1967) afirma que o lazer é uma realidade essencialmente ambígua e apresenta características múltiplas e contraditórias. Waichman (1997) usa o termo ócio, referindo-se ao lazer, e ressalta a dificuldade de apresentar um conceito científico do mesmo, visto que este fenômeno implica interpretações distintas conforme a moral, a religião, a economia e até o senso comum. O autor afirma que o lazer não é um fenômeno que pode ser definido com precisão: "Poder-se-ia afirmar que há tantas definições quantos são os autores que se dedicam ao tema. A noção de ócio pode ser definida pela etimologia, pela concepção filosófica ou por um conceito operacional referido à não-obrigação ou não-trabalho". (WAICHMAN, 1997, p. 44).

Waichman (1997) aponta que grande parte da bibliografia existente surgiu da sociologia, com algumas contribuições da pedagogia, da psicologia ou da antropologia. Os sociólogos que mais têm trabalhado nesta linha de pesquisa são especialistas em sociologia do trabalho, o que explica o fato de o lazer, muitas vezes ser caracterizado como um resíduo do tempo de trabalho. No Brasil, levantamento realizado por Gomes (2004) mostra que as áreas que mais têm contribuído com trabalhos neste campo, são Educação Física, Comunicação e Educação.

Tal como apresentado, anteriormente, o conceito do lazer passou por modificações diversas com o tempo. Além do contexto da época vivida, a definição do lazer depende da perspectiva, do olhar. Kelly e Freysinger (2000) apontam que o lazer nunca apresentou um conceito específico, tem sido definido de várias formas, como

um tempo livre, uma atividade, um estado de espírito, uma qualidade de atividade ou ainda como uma dimensão da vida.

Lazer, ócio e ociosidade

Muitas vezes utiliza-se a palavra ócio para se referir ao lazer e vice-versa. No entanto, há autores que são contrários a este uso e enfatizam a necessidade de distinguir bem estes conceitos.

Requixa (1974) procura explicar a diferença entre a idéia de lazer e do ócio e enfatiza sua importância. Segundo o autor, o ócio por muito tempo foi condenado pela civilização do trabalho "... o ocioso era aquele que não trabalhava e, portanto, nada produzia, na moral tradicional o lazer passou a ser entendido como o apanágio do ocioso" (REQUIXA, 1974, p. 19). Para o autor o ócio deve ser entendido como um não-fazer, enquanto que o lazer é reconhecido, antes de tudo, como uma ocupação, um fazer.

Ao avaliar a diferença sob a ótica da etimologia, tem-se que o ócio, derivado do latim *otium*, traz, segundo Requixa (1974), a idéia de tranqüilidade, repouso, de nada fazer. Enquanto que a palavra lazer é derivada do verbo latino *licere*, que significa "o que está permitido", tempo para fazer o que bem entender. Esta distinção torna-se ainda mais evidente ao verificar as definições encontradas no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001):

– Acepções da palavra "lazer": tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas; derivação por metonímia – atividade que se pratica nesse tempo; derivação por extensão de sentido – cessação de uma atividade; descanso, repouso.

– Acepções da palavra ócio: cessação do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar; espaço de tempo em que se descansa; falta de ocupação; inação, ociosidade; falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade; derivação por sentido figurado – trabalho leve, agradável.

Confirmam-se por meio das definições acima as diferenças apontadas por Requixa (1974). O autor ainda adverte que o lazer não é apenas distinto do ócio como também possibilita o combate de alguns males provenientes da própria ociosidade. Segundo o mesmo dicionário da língua portuguesa, ociosidade significa qualidade, estado ou condição de ocioso; inatividade; falta de disposição, pressa ou empenho; preguiça, indolência, moleza (HOUAISS, 2001).

Lazer, tempo livre e tempo liberado

Antes de prosseguir a análise, faz-se necessário enfatizar que a partir deste ponto do estudo prevalecerá o uso do termo lazer em relação ao uso do ócio. Considerou-se o termo lazer mais apropriado, ao analisar as diferenças apontadas anteriormente.

O termo lazer é freqüentemente utilizado por autores que representam as sociedades capitalistas, classificados como pesquisadores contemporâneos, e a noção do tempo livre vem sendo mais trabalhada por pesquisadores marxistas (MUNNÉ, 1980; WAICHMAN, 1997). Ainda assim há grande dificuldade em atribuir um conceito específico para cada um dos termos.

Após avaliar as posições sobre o lazer de diversos pesquisadores contemporâneos de três correntes distintas, empíricos, teóricos e críticos, Munné (1980) conclui que as posições são bastante heterogêneas. O autor aponta três características, inter-relacionadas, comuns às posições analisadas:

- Subjetivismo: o lazer é considerado uma vivência de um estado subjetivo de liberdade, de liberdade de escolha, próprio da personalidade;
- Individualismo: o lazer pertence à esfera do indivíduo, porque não depende dos outros; é possível realizar o lazer individualmente.
- Liberalismo: o lazer é considerado um assunto privado, assim a sociedade não pode determinar o seu uso pessoal. No liberalismo, a regra geral, é o *laissez-faire*.

Nesta última característica, Munné (1980) aponta, entretanto, que essa atitude liberal se contradiz duplamente: no plano ideológico e no plano factual. No primeiro deles devido aos valores da tradição puritana, em que o lazer deve estar submetido ao trabalho ou controlado por ele. Já no plano factual, com a vigência de práticas de manipulação pública e privada que orientam para esfera do consumo aproveitando o conformismo social. Sobre este tema, encontram-se na literatura as idéias defendidas por Adorno e Horkheimer, da chamada Escola de Frankfurt, segundo as quais os conteúdos dos momentos de lazer não são produtos de uma livre escolha individual, mas sim da escolha entre o que é oferecido pela indústria cultural, que segue a lógica do capital, assim como o tempo de trabalho (ADORNO, 2002).

Nesta mesma linha, Camargo (1986) faz algumas considerações interessantes a respeito das propriedades do lazer, dentre elas a escolha pessoal. Para o autor, entende-se a opção pessoal como certa liberdade de escolha, ou seja, maior grau de liberdade de escolha em relação a outras esferas da vida, visto que certamente existem determinismos culturais, sociais, políticos e econômicos que pesam na decisão. Camargo (1986) comenta também sobre outras propriedades do lazer: a gratuidade, ou seja, deve ser desinteressado. Ainda que seja difícil encontrar ações completamente desinteressadas, acredita-se que o lazer tem maior propensão a ser um fim em si mesmo, ou seja, está mais ligado ao “fazer por fazer”. Quanto à obtenção de prazer ou satisfação com a atividade executada, deve estar associada à busca do prazer, e não necessariamente à garantia da obtenção da satisfação. E, por fim, o caráter de liberação, que busca compensar ou substituir esforços que a vida social impõe.

Munné (1980) enfatiza que nas posições contemporâneas, em geral, a temporalidade é deixada de lado, senão esquecida em alguns casos. Já os autores marxistas enfatizam bastante a questão temporal, mas isso não significa dizer que estes se limitem a essa dimensão e não considerem aspectos do lazer estudados pelos pesquisadores contemporâneos. Ao contrário, o próprio autor, após analisar posições burguesas e marxistas, se questiona sobre as reais diferenças entre os conceitos.

Há autores que afirmam que o lazer é o conjunto de atividades e o tempo livre está relacionado com o tempo em que se desenvolvem estas atividades (WAICHMAN, 1997). Outros pesquisadores consideram o lazer a relação entre o sujeito e a atividade, concluindo assim que todas as atividades podem ser classificadas como lazer.

Dessa forma, percebe-se que o lazer pode ser entendido segundo duas principais linhas, uma bem objetiva, o tempo, e outra, considerada de certa forma subjetiva, a atitude ou vivência. Nesta última, o lazer é caracterizado pela relação estabelecida entre o sujeito e a experiência vivida e independe de um tempo determinado. Enquanto a primeira linha considera o lazer segundo a idéia de tempo livre, “tempo liberado” do trabalho ou de outras obrigações: familiares, sociais, políticas e religiosas (PADILHA, 2000; MARCELLINO, 1983). Existem autores que preferem utilizar o termo tempo liberado ou tempo disponível em vez de tempo livre, visto que, segundo Marcellino (1990), considerando as relações sociais, raramente existe um tempo totalmente livre de coações ou de normas de conduta.

O tempo livre também pode ser considerado uma parcela do tempo liberado, mas não tem o mesmo significado. Bacal (2003) designa “tempo necessário” o tempo despendido para a execução das tarefas de trabalho, “tempo liberado” o tempo disponível após o tempo necessário e, por fim, “tempo livre” como sendo uma parcela do tempo liberado que pressupõe a existência da liberdade de escolha do que fazer ou não fazer.

Munné (1980) após analisar inúmeras definições de lazer/tempo livre, conclui que há também discrepância no que diz respeito à questão temporal do lazer. Para o autor é possível encontrar, nas concepções diversas, cinco maneiras de classificação do tempo no tempo livre, a saber:

- Tempo residual do tempo de trabalho;
- Tempo que sobra livre após as necessidades e obrigações cotidianas;

- Tempo que sobra livre após as necessidades e obrigações cotidianas e se faz o que se deseja;
- Tempo em que se faz o que quiser;
- Tempo destinado ao desenvolvimento físico e intelectual do homem como um fim em si mesmo.

Apesar de ser possível encontrar diversas formas de compreender o lazer, acredita-se que a tendência dominante entre os especialistas ao conceituar o lazer, segundo Marcellino (1983), é considerar as duas variáveis, tanto o tempo quanto a atitude, procurando enfatizar a qualidade das atividades desenvolvidas.

Acredita-se que definição de lazer desenvolvida por Dumazedier (1976) resume bem as principais questões apontadas anteriormente. Para o autor lazer é:

“um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (DUMAZEDIER, 1976, p. 34).

Percebe-se que esta definição considera as duas dimensões tanto de tempo quanto das atividades (conjunto de ocupações). Este conceito foi, aparentemente, bem aceito na academia, visto que há muitos teóricos trabalhando nesta linha.

Utiliza-se, neste trabalho, como ponto de partida a definição do sociólogo Dumazedier (1976), visto que este conceito possibilita compreender a questão do lazer de forma mais completa e adequada para a análise em questão.

1.3 Pesquisas sobre as práticas de lazer

Categorização do lazer

Muitos pesquisadores ao estudar esta temática procuram categorizar o conjunto de ocupações existentes em subgrupos. Posteriormente, observam as práticas de lazer (nos subgrupos determinados) de indivíduos procurando analisá-los segundo determinadas variáveis de interesses.

Nota-se uma dificuldade de organizar um esquema classificatório que abranja todas as formas de experiências de lazer, sem simplificar demasiadamente as diferenças pelo número insuficiente de categorias, e sem tampouco obscurecer as dimensões subjacentes pelo excesso de subgrupos (PARKER, 1976).

Ao analisar as diversas classificações pôde-se notar que estas podem estar associadas a questões bem variadas como: à função que a atividade exerce, à postura do indivíduo frente à atividade, ao local de sua realização, à determinada exigência, seja financeira ou material, ao interesse cultural central da atividade, entre outras. Sendo que as classificações podem se sobrepor e, além disso, a mesma atividade pode ser classificada de maneira distinta, dentro da mesma classificação, dependendo do momento e/ou do indivíduo que a realiza. Seguem algumas classificações utilizadas.

– *Descanso, diversão e desenvolvimento*: Dumazedier (1976), ao desenvolver a definição do lazer, atribui ao lazer três tipos de funções. A primeira delas, a função de descanso, tem como objetivo liberar da fadiga, ou seja, o lazer atua como um reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas, especialmente, do trabalho. A função de diversão busca divertir, recrear e entreter, ou melhor, desentediá-lo o trabalhador. E, por fim, a função desenvolvimento da personalidade permite uma participação social maior e mais livre e está vinculada à prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão, além da formação prática e técnica.

– *Domiciliares e externas*: abordagem, recentemente utilizada na pesquisa realizada pelo Centro de Estudo da Metrópole (BOTELHO; FIORE, 2005), que separa as práticas culturais e de lazer realizadas em casa (domiciliares) daquelas que exigem deslocamento (externas). As atividades consideradas como práticas domiciliares foram: informática (uso de computador, acesso à internet, jogos eletrônicos); leitura (revista, jornal, livro por prazer); audiovisual (televisão, vídeo/DVD); música. As práticas externas foram: ir ao cinema, ao circo, ao teatro, a espetáculos de dança (balé, dança moderna, popular), apresentações musicais (popular, concerto, ópera), visita a museus, a exposições de arte, a cidades históricas e freqüência a centros culturais e bibliotecas.

– *ativo, passivo e entretenimento social*: o lazer ativo inclui as atividades que necessitam de esforço físico adicional, como, por exemplo, atividades esportivas (correr; andar de bicicleta); lazer passivo são as atividades que não demandam esforço físico adicional, como assistir televisão, ouvir rádio etc.; e, por último, entretenimento social se refere à participação em atividades do meio social, como ir a eventos esportivos, teatros, museus, cinema, bares, restaurantes, entre outros (LEE; BHARGAVA, 2004).

Fast e Frederick (2004) categorizam o lazer de maneira semelhante à apresentada acima, mas com algumas sutis subdivisões de categorias. Há o lazer de socialização, o lazer passivo é dividido entre assistir televisão e as demais atividades e o lazer ativo também é separado nas atividades esportivas e outras atividades ativas como dirigir por prazer.

A categorização em lazer ativo e passivo (ou inativo) também foi utilizada por Dumazedier (1973), apesar de ter um enfoque, de certa maneira, diferente. O autor indica que o que determina se o lazer é ativo ou passivo não é a atividade em si e sim a postura do participante frente à atividade. Dessa forma, assistir a um filme no cinema pode ser considerado um lazer ativo ou passivo, dependendo da postura do espectador.

– *físico, manuais, artísticos, intelectual, social e turístico*: Camargo (1982) desenvolve a classificação das atividades de lazer inspirado em uma outra

classificação desenvolvida por Dumazedier, que se baseia no princípio do interesse cultural central de cada atividade de lazer. Camargo (1982) manteve os cinco subgrupos de atividades apontados pelo sociólogo francês (físico, manuais, artísticos, intelectual e social) e acrescenta mais uma área de interesse cultural no lazer, o turístico.

Para o estudo em questão, objetiva-se analisar o lazer a partir da função “diversão” de Dumazedier (1976) e utilizando classificações diversas. O lazer será analisado, principalmente, segundo o interesse cultural central, para isto será desenvolvida adaptação da categorização de Camargo (1982). Além disso, pretende-se avaliar o lazer segundo outras classificações como, por exemplo, o local em que a atividade é exercida (domiciliar e externa). Detalhes sobre as classificações utilizadas serão apresentados no capítulo 3 “A pesquisa com jovens da periferia da cidade de São Paulo: metodologia e fontes”.

Variáveis analisadas

Muitas pesquisas que se propõem a estudar o uso do tempo, em especial o tempo destinado ao lazer, objetivam contribuir para um melhor conhecimento dos fatores que interferem nas escolhas das práticas de lazer de maneira geral. Para tanto, algumas variáveis de interesse são selecionadas.

Verifica-se certa semelhança com os estudos no campo do comportamento do consumidor, talvez pelo fato de o lazer estar se tornando um “lazer coisificado”, encarado como uma mercadoria pela “sociedade de consumo” (WAICHMAN, 1997). Não é objetivo desta seção se aprofundar neste assunto e sim evidenciar algumas semelhanças existentes.

Ao analisar a literatura da área de *marketing*, usualmente encontra-se o modelo proposto por Kotler, Bowen e Makens (1998) para análise do comportamento do consumidor. Este modelo considera diversas características que estão distribuídas em quatro subconjuntos: aspectos culturais (cultura, subcultura e classes sociais); sociais (idade, estágio de ciclo de vida, ocupação, situação econômica, estilo de vida

e personalidade); pessoais (grupos de referência, família, papéis e status) e psicológicos (motivação, percepção, aprendizado, crenças e atitudes).

Faz-se importante destacar também que apesar de alguns estudos mencionados a seguir focalizarem todas as esferas da vida categorizadas, como por exemplo: tempo destinado ao trabalho assalariado e educação; trabalho não remunerado; recreação e lazer e cuidados pessoais (FAST; FREDERICK, 2004), entende-se que a abordagem utilizada não difere muito de estudos que analisam apenas a dimensão de lazer.

Lee e Bhargava (2004) realizaram um levantamento de estudos precedentes que analisaram fatores que afetam a alocação do tempo do lazer. As variáveis freqüentemente estudadas são: escolaridade, jornada de trabalho, presença de crianças, renda, idade, gênero, raça, local da habitação, situação conjugal. Os autores separaram a análise em três etapas: tipo de família (casado ou solteiro), obstáculos de tempo (presença de crianças e jornada de trabalho) e características sociodemográficas (renda, educação, idade, gênero, raça e local da habitação).

Fast e Frederick (2004) apresentam que as variáveis idade, gênero, situação da família (situação conjugal e presença de crianças) e status do trabalho são freqüentemente utilizadas em estudos que analisavam como as pessoas gastam o tempo. Cada uma destas variáveis tem sido considerada importante variável preditora.

Há também estudos que analisam as diferenças de comportamento do lazer com ênfase em uma variável, como, por exemplo, classe social (WHITE, 1955); gênero (MATTINGLY; BIANCHI, 2003). Encontram-se também outros que selecionam algumas variáveis e as analisam de maneira independente. Botelho e Fiore (2005) analisam o uso do tempo livre e práticas culturais de habitantes da Região Metropolitana de São Paulo, principalmente pelo cruzamento com as variáveis: gênero, idade, escolaridade e classe social.

Percebe-se que em geral cada dimensão é analisada individualmente. Ocasionalmente ocorre a combinação de duas variáveis e muito raramente, todas as

dimensões são estudadas em conjunto representando coletivamente a função que determina o comportamento (FAST; FREDERICK, 2004).

Robison e Godbey (1997) propuseram um modelo de fatores que determinam como as pessoas usam o tempo. Neste modelo as decisões de alocação do tempo estão descritas como uma função de fatores:

- biológicos: como idade, gênero, raça.
- papéis: jornada de trabalho assalariado, casamento, paternidade.
- status: instrução, ocupação, renda.
- ambientais: “urbanização”, região geográfica, tipo de habitação.
- temporais: dia da semana, estação, ano.

É importante frisar que, para os autores, não basta analisar características sociodemográficas, a questão temporal e o papel exercido, ou seja, o estágio do ciclo de vida, indicam ser fundamentais para compreender o comportamento no lazer. Segundo Schaninger e Danko (1993), o ciclo de vida “captura o estilo de vida, renda e diferentes padrões de gastos provocados pelas transições nos papéis familiares”.

Além destes pesquisadores, há muitos outros autores que sugerem que mudanças no padrão das atividades podem ser previstas de acordo com alterações de papéis e obrigações no decorrer do ciclo de vida (FAST; FREDERICK, 2004). Nota-se que mudanças no padrão do comportamento do lazer podem indicar alterações nas necessidades de desenvolvimento, como também podem refletir mudanças nos contextos que impactam o comportamento no lazer (RAYMORE et al., 1999).

A adolescência desempenha importante papel na análise do comportamento do lazer, visto que nesta fase o indivíduo inicia o processo de realizar suas próprias escolhas e definir atividades centrais em seu padrão de comportamento no lazer.

Destaca-se a necessidade de estudos que analisem o comportamento no lazer na fase de transição da adolescência para a juventude, pois nessa etapa da vida indivíduos lutam pela liberdade de escolha e é esperado que comecem a ter mais responsabilidade em diversos aspectos. (RAYMORE et al., 1999).

Pesquisadores têm apresentado muitas formas de definirem o ponto de transição da adolescência/juventude para a vida adulta. Raymore et al. (1999) relata que alguns utilizam o término do colegial como rito de passagem. Outros usam apenas a idade como um indicador, enquanto existem aqueles que utilizam uma combinação da idade com variáveis preditoras baseadas em eventos que acompanham. Segundo Greene et al. (1992), existem quatro principais eventos de transição de vida que ocorrem durante a transição adolescência/juventude para a vida adulta, que são: passar a morar sozinho; começar a trabalhar ou ingressar na vida universitária; estabelecer um relacionamento de longo prazo (casamento ou união consensual); tornar-se pai (ou mãe). Cada um desses acontecimentos pode exercer influência significativa no comportamento do indivíduo no lazer.

Fast e Frederick (2004) descrevem os eventos, citados por vários autores, comumente associados à fase de transição da juventude para a vida adulta. Esta transição geralmente ocorre entre 15 e 29 anos de idade e tipicamente está relacionada com os seguintes acontecimentos: a independência econômica e social ao finalizar a escola, entrar no mercado de trabalho, deixar as casas dos pais e estabelecer a sua própria família.

Beaujot e Dumas³ (1995 apud FAST; FREDERICK, 2004) observaram que o ciclo de vida familiar tem perdido a uniformidade e a formalidade que possuía antigamente. Os padrões do ciclo de vida são considerados, atualmente, mais diversificados; o tempo de transição, menos preciso e universal; e os próprios eventos de transição, mais prováveis de ser experimentados como processos estendidos e complexos do que eventos distintos. Como exemplo, o aumento do desemprego entre os jovens e a queda nos rendimentos têm proporcionado um atraso e uma transição mais gradual para a vida independente. Outras mudanças que têm alterado o ciclo de vida

³ BEAUJOT, R. T., DUMAS, J. **Family over the life course**. Ottawa: Statistics Canada, Demography Division, 1995

familiar: a substituição da união consensual pelo casamento, o aumento do número de divórcios e o crescimento da expectativa de vida das pessoas.

Esses fatores têm dificultado a operacionalização de estudos nessa linha, visto que está cada vez mais incerta a classificação de determinados estágios de ciclo de vida. Além disso, há outras variáveis freqüentemente consideradas relevantes em estudos dessa temática, mas que também são demasiadamente complexas, dificultando a investigação. Como é o caso do capital cultural do indivíduo que está relacionado ao conjunto de predisposições práticas ligadas à trajetória de vida do indivíduo e familiar e à inserção de ambos no espaço social (BOURDIEU, 1984).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, serão consideradas variáveis sociodemográficas que estejam, prioritariamente, associadas ao estágio de ciclo familiar e profissional do adolescente e do jovem.

Resultados de pesquisas já desenvolvidas

Nesta seção serão apresentados resultados de dois estudos recentemente desenvolvidos que abordam a temática em questão, o lazer na periferia. Ainda que a metodologia utilizada seja distinta, decidiu-se por elucidar alguns resultados.

Vale salientar, entretanto, que quando se comparam resultados de estudos anteriormente desenvolvidos é preciso cuidado. Deve atentar-se à metodologia utilizada, à amostra pesquisada, à época em questão, entre outros aspectos. Mesmo sabendo da dificuldade de se encontrar estudos completamente comparáveis, acredita-se ser importante levantar os principais resultados dos estudos já desenvolvidos, pois muitas vezes estas pesquisas podem provocar reflexões interessantes.

Primeiramente, faz-se necessário apresentar a colocação de alguns pesquisadores quanto ao preconceito existente de que, em comunidades carentes, os jovens não têm nada para fazer no seu tempo livre. A pesquisadora Mônica Franch, após estudar o comportamento no lazer de jovens da periferia do Recife, constata a existência de uma cultura recreativa complexa, baseada na valorização das relações

pessoais e na apropriação coletiva dos espaços privados e públicos do bairro. Magnani (1998), tratando da mesma temática, recorda que:

“... a luta do movimento operário pela diminuição da jornada de trabalho tinha como objetivo, entre outros, conquistar uma parte das horas ocupadas em tarefas produtivas para destiná-las a atividades culturais e recreativas, à leitura, ao descanso. É bem verdade que nas atuais condições de vida dos trabalhadores nos grandes centros urbanos, seu tempo, energia e recursos são, em grande parte, utilizados para assegurar a sobrevivência. No entanto, sempre sobra disposição, um tempinho e uns trocados para o baile ou circo no sábado à noite, para a partida de futebol das manhãs de domingo, a sinuca no fim da tarde, a festa de aniversário ou casamento de algum colega e às vezes até para uma rapidíssima excursão a Aparecida do Norte, ou então a Praia Grande, na festa de Iemanjá” (MAGNANI, 1998, p. 19).

Ao analisar as práticas de lazer de trabalhadores da periferia da cidade de São Paulo, com foco especial na análise do circo, Magnani (1998) nota por meio das entrevistas iniciais da pesquisa que a escolha do lazer se diferencia, notadamente, por sexo, idade, estado civil. Vale ressaltar que os dados obtidos nas entrevistas não podem ser analisados de acordo com critérios estatísticos, apenas servem de referência para captar algumas questões sobre o lazer.

Segundo o autor, o tempo livre dos homens casados é dividido entre ficar em casa e sair de casa. O tempo passado em casa é aproveitado para estar com a família, descansar, assistir a jogos de futebol ou filmes, escutar rádio. Ao sair, os homens casados freqüentam os bares, muitas vezes, com sinuca, classificados como ponto de encontro com vizinhos e colegas. No caso dos rapazes predominam as opções de lazer fora de casa, como bares, sinuca, futebol de campo e bailes (MAGNANI, 1998).

Magnani (1998) ao observar o lazer das mulheres, notou que as mulheres casadas permanecem grande parte do tempo livre em casa e costumam assistir às novelas de TV, escutar rádio, descansar e realizar trabalhos “domésticos”. Ocasionalmente saem para ir a casamentos, aniversários, circos. As atividades de lazer, em geral, são acompanhadas de familiares. As moças assistem à televisão e escutam rádio

quando ficam em casa no tempo livre e fora de casa vão a lanchonetes, bailes, festas em casa de amigos.

Franch (2002) analisou, durante seis meses em 1999, o comportamento de jovens de periferia no Recife, por meio de observação participante, entrevistas em profundidade e aplicação de questionários com genitores, líderes comunitários e jovens residentes na comunidade Vietnã, situada na zona oeste do Recife/Pernambuco.

A autora destaca, no artigo “Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife”, questões extraídas da pesquisa desenvolvida em sua dissertação de mestrado. Franch (2002) aponta o significativo revigoreamento do interesse pela juventude no Brasil, aumento da exposição do jovem na mídia, presença no debate político e novas formas de se enxergar os jovens e maneiras de participação na sociedade. Além de assinalar o fato de o lazer estar ganhando significativa visibilidade, por meio das produções artísticas juvenis: os grupos de *hip hop*, *funk* e outros estilos musicais. Segundo a pesquisadora, essas são formas de apresentação que os jovens encontraram para apresentar suas propostas, utilizando os meios de comunicação de massa. (FRANCH, 2002).

No artigo, Franch (2002) destaca três principais atividades de lazer, freqüentemente praticadas pelos jovens como “jogar conversa fora”, “bater bola” e atividades formais de lazer e procura discutir aspectos associados a cada uma dessas modalidades de lazer na realidade de jovens de periferia no Recife.

O hábito da conversa se mostrou freqüente no grupo de jovens pesquisados. A autora afirma que é comum encontrar grupos de jovens engajados em animadas conversas ao final da tarde, principalmente rapazes e moças da própria comunidade ou de bairros próximos. “A composição das rodas de conversa nos informa da existência de um padrão de sociabilidade observado por vários estudiosos do modo de vida das classes populares, e que tem como principal característica a base local das relações” (FRANCH, 2002, p.122).

Magnani (1998) também identifica a ligação das classes populares com o bairro, o pedaço, ao estudar as formas de lazer de trabalhadores que residem na cidade de São Paulo. O autor afirma que:

“Vê-se, dessa forma, que a periferia dos grandes centros urbanos não configura realidade contínua e indiferenciada. Ao contrário, está repartida em espaços territorial e socialmente definidos por regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações. Se se compara, por exemplo, este quadro, com o que ocorre em bairros ocupados por outros segmentos sociais, pode-se avaliar a importância que o “pedaço” representa para as camadas de rendas mais baixas. Diferentemente daqueles setores – onde na maioria das vezes os vínculos que ampliam a sociabilidade restrita da família nuclear não são os de vizinhança, mas os que se estabelecem a partir de relações profissionais – uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e a condições precárias de existência, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano” (MAGNANI, 1988, p. 117).

A segunda atividade de lazer que Franch (2002) destaca em seu trabalho é o “bater bola”, mais especificamente “queimada” para as meninas e “futebol” no caso dos meninos. Segundo a autora, a prática de jogos na rua foi referida por 60% dos rapazes e por 33,3% das moças entrevistadas.

A autora aponta que o futebol é considerado ocupação adequada para os jovens desempregados, visto que é mais saudável do que ficar no bar, o que acontece muito com os adultos (FRANCH, 2002). Por outro lado, ainda segundo a pesquisadora, o jogo na rua mesmo sendo bem aceito pode provocar alguns conflitos entre as gerações, brigas verbais, agressões, o que provoca críticas, principalmente, por adultos. Além disso, estes últimos alegam também a carência de espaços apropriados para a prática de esporte. Muitos pais dizem que ficariam mais tranquilos, pois acreditam que seus filhos estariam mais seguros em ambientes fechados ou direcionados de fato à atividade.

Por fim, a autora discute aspectos relacionados a espaços formais de lazer como grupos de igreja, agremiações esportivas, grupos de capoeira. Esses locais são, em geral, gerenciados por adultos, acontecem de portas fechadas, em horários e dias fixos, apresentando uma hierarquia de funções diferente da escolar e/ou profissional, mas evidente e inquestionável. Já estão presentes em todas as camadas sociais e tem apresentado crescimento significativo nas comunidades de baixa renda, principalmente como resposta ao avanço da criminalidade entre as crianças e os jovens de periferia (FRANCH, 2002).

Neste capítulo foram analisadas questões associadas ao lazer, tanto aspectos conceituais quanto práticos, no campo da pesquisa, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento do desenho desta pesquisa bem como da análise dos resultados encontrados. O próximo capítulo tem como finalidade desenvolver análise similar tratando de outro assunto importante para este estudo, a configuração do ambiente onde ocorre o lazer da população analisada, a metrópole de São Paulo.

2 A METRÓPOLE, CONTEXTO PRIVILEGIADO DO LAZER CONTEMPORÂNEO

Nesta seção, pretende-se apresentar de maneira breve questões sobre a evolução das metrópoles modernas para as contemporâneas, bem como algumas características específicas das metrópoles contemporâneas, mais especificamente da Região Metropolitana de São Paulo. Ao final do capítulo, serão abordados aspectos relacionados com a juventude, com a vulnerabilidade social, bem como com a distribuição espacial de equipamentos de lazer na cidade de São Paulo.

Antes de analisar as características específicas do lazer em São Paulo, faz-se necessário compreender aspectos da configuração atual das cidades. Há muitos autores pesquisando neste campo. Alguns deles abordando, com mais ênfase, a perspectiva sociológica (foco nas pessoas e nos grupos sociais, estilos de vida) e outros a urbana (ecologia das formas urbanas, distribuição da população e os centros institucionais). Sassen (1998) confirma, o que já havia sido dito por outros sociólogos urbanos, que é fundamental ao estudar as cidades ampliar a perspectiva e não ficar restrita a apenas uma.

O objetivo desta seção não é esgotar o tema em questão e sim apresentar de forma sucinta aspectos considerados importantes a respeito da nova configuração das metrópoles contemporâneas. Procurou-se enfatizar questões relacionadas com o espaço e o tempo na metrópole. Pretende-se também elucidar características da própria cidade de São Paulo, principalmente da periferia da mesma.

2.1 Metrópole moderna *versus* metrópole contemporânea

“As metrópoles de todo o mundo, independentemente de sua localização geográfica global, de seu nível de desenvolvimento econômico e social, localizadas em países desenvolvidos, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, não cabem mais nas caracterizações utilizadas até os anos 70 para defini-las. A experiência pessoal, a observação científica e artística, os dados e as análises confirmam a gradual dissolução dos traços territoriais, funcionais e espaciais da metrópole moderna. Apesar de se encontrarem hoje em momentos distintos de adaptação ao novo perfil, pois algumas ainda estão abrindo seu caminho para uma nova etapa, para grande parte das metrópoles já não se pode utilizar o qualitativo que as designou até aqui: *modernas*” (MEYER, 2000 p. 5).

Certamente é possível encontrar diversos estágios dessa nova transformação nas diversas metrópoles do mundo, até mesmo dentro de uma mesma metrópole. O que demonstra a dificuldade que se tem de encontrar definições para o que está ocorrendo na metrópole, bem como quais foram as reais causas das modificações. Meyer (2000) aponta para a dificuldade existente ao procurar discernir aspectos da antiga e da nova metrópole, visto que, por um lado, tem-se uma real modificação em curso, por outro, ainda é possível reconhecer a presença de uma considerável proporção de elementos ditos em continuidade.

Para facilitar esta reflexão sobre a nova configuração das metrópoles contemporâneas, acredita-se ser fundamental resgatar aspectos relacionados com o histórico de desenvolvimento das metrópoles, principalmente da fase de transição da metrópole moderna para metrópole contemporânea.

Meyer (2000) faz menção ao ensaio de Massimo Cacciari⁴ “Metropolis”, em que o autor afirma que “é no povoado que se inicia concretamente o destino da metrópole”. Meyer (2000) aponta que esta afirmação não se trata de um determinismo histórico, mas se refere a uma leitura do desenvolvimento metropolitano que indica o caráter de *espaço que se impõe*, proporcionando um desenvolvimento rápido e intenso. A

⁴ CACCIARI, Massimo. Metropolis. In: **De la vanguardia a la metropolis**. Barcelona, Gustavo Gilli, 1972

autora exemplifica afirmando que a própria história das cidades e das metrópoles revelam a rápida evolução de muitos povoados, encontrando nestes povoados, em um curto espaço de tempo, dimensão e função metropolitana.

Meyer (2000) resgata ainda que “a metrópole moderna instalou-se a partir da explosão sucessiva de estágios urbanos precedentes, o povoado e depois a cidade, em um ciclo que traduz a contínua necessidade de ser eficiente, de exercer de forma plena as funções de ‘lugar de centralização’, de forças econômicas, de relações sociais, de manifestações artísticas e de inovação técnica”. Ainda sobre a origem das metrópoles modernas, a autora recorda a grande participação do movimento de agregação, em que se inicia o processo de unificação das malhas urbanas de diversos núcleos e cidades, denominado de conurbação. Este crescimento ilimitado fez surgir um organismo expandido, extenso, multifacetado e setorizado.

Véras (2001) afirma que as metrópoles foram as configurações socioespaciais representativas do momento histórico da acumulação fordista, da industrialização e da construção do Estado do Bem-Estar Social. Desde a era industrial, segundo Meyer (2000), a vida metropolitana foi essencialmente moderna em todos os seus aspectos. Nela organizou-se a sociedade de classes, emergiram a multidão e a massa, desenvolveu-se uma nova forma de cosmopolitismo, nasceu o indivíduo moderno.

O permanente “impulso inovador”, existente nesta época, tornou-se a essência da própria dinâmica metropolitana. Processo que conduziu o organismo metropolitano a prosseguir em um processo contínuo de transformações, atingindo ao final do século XX uma nova fase desse percurso (MEYER, 2000).

Percebe-se presente nas avaliações de muitos autores das mais diversas áreas, a importância da tecnologia informacional como marco da transformação do modo de produção da economia mundial, bem como de reestruturação do território metropolitano. Castells (1999) afirma que este novo território e o espaço, em que está ocorrendo a transição do modo de produção mecânico para o modo tecnológico, vêm sendo nomeado de *metrópole contemporânea, ou pós-industrial*.

O autor não atribui somente à revolução tecnológica o papel de transformador do cenário social da vida humana no final do século XX. Apesar de enfatizar a importância das tecnologias de informação neste processo, o autor também aponta para outros acontecimentos como responsáveis por esta nova etapa: como a interdependência global (nova forma de relação entre economia, Estado e a sociedade); fim do movimento comunista internacional, com o colapso do estadismo soviético, alterando a geopolítica global; reestruturação do próprio capitalismo, ampliando a flexibilidade de gerenciamento, descentralização das empresas e sua organização em redes tanto internamente quanto em suas relações externas; alterações diversas no mercado de trabalho, entre outras.

Vale ressaltar que muitos dos fatos apontados acima só se tornaram mais intensos com a revolução tecnológica. Um deles certamente é a interdependência global, tema bastante trabalhado por Sassen (1991). A autora enfatiza a importância das cidades denominadas globais na nova configuração da atual “economia global” e a alteração profunda no papel que os governos desempenhavam, como regulamentador no comércio internacional, nos investimentos e nos mercados financeiros.

As cidades globais são lugares que desempenham papel estratégico no cenário mundial atual. Segundo Sassen (1998) são lugares-chave para os serviços avançados e para as telecomunicações necessárias à implementação e ao gerenciamento globais. Estas localidades também tendem a concentrar as matrizes das empresas, principalmente daquelas que operam em mais de um país (transnacionais). Fato que vem desgastando o papel antes exercido pelo governo na economia mundial. Boa parte deste trabalho está concentrada, atualmente, nas mãos das empresas transnacionais.

Diferentemente do critério adotado para a classificação de metrópoles ou grandes cidades que geralmente analisa o tamanho da população da cidade, as formas de classificação de cidades globais ou mundiais são subjetivas e bem diversificadas, tornando-as de difícil aplicação de replicação. Beaverstock, Taylor e Smith (1999) indicam a existência de quatro abordagens: presença de características cosmopolitas e corporações multinacionais; nova divisão internacional do trabalho: o

poder das multinacionais; internacionalização, concentração e intensificação de produtores de serviços; e a presença de centros financeiros internacionais.

Apesar de haver diferenças nas classificações gerais, há um consenso, dentre as 15 fontes pesquisadas no levantamento realizado por Beaverstock, Taylor e Smith (1999), de que Nova Iorque, Londres, Paris e Tóquio podem receber esta denominação. A cidade de São Paulo foi apontada como cidade global em 66% dos casos estudados.

Para Sassen (1991), as grandes cidades do mundo estão se tornando “cidades globais” devido às transformações ocorridas na composição da economia mundial, especialmente, a nova divisão internacional do trabalho. Ressalta-se a grande contribuição proporcionada pela combinação da dispersão geográfica das atividades econômicas e integração dos sistemas global das mesmas, possível por meio da tecnologia e das empresas transnacionais. As cidades globais têm concentrado funções de comando de grandes empresas e indústrias. Aspecto que tem surpreendido pesquisadores que projetaram que com o desenvolvimento das tecnologias de informação as cidades se tornariam obsoletas (SASSEN, 1998).

Além disso, há outros fatores que têm colaborado para a manutenção e o fortalecimento das cidades. Castells (1999) sugere alguns deles que são: facilidades de encontrar tanto os fornecedores quanto a mão-de-obra especializada e qualificada; existência de instalações adequadas e equipadas; possibilidades de contatos pessoais facilitados para decisões cruciais; além de centros metropolitanos oferecerem desde boas escolas até possibilidades de grande consumo, inclusive de arte e entretenimento.

É possível identificar certas semelhanças entre as cidades globais, umas positivas outras nem tanto. Taschner e Bogus (2001) apontam alguns atributos que são considerados comuns em distintos países: de um lado, nota-se desemprego crescente, polarização social e violência. De outro, encontra-se base de operações do capital financeiro, indústrias sofisticadas tecnologicamente, empresas transnacionais e rede de telecomunicações eficiente.

Nota-se nessas cidades o aumento do comércio e da mobilidade, concentração do poder econômico e financeiro e redução do bem-estar social. Segundo Sassen (1998), a reestruturação econômica característica da cidade global também contribui para a dualização, principalmente a espacial, pelos mecanismos do mercado fundiário e imobiliário.

Para alguns autores a estrutura socioespacial da cidade industrial estaria sendo substituída pela polarização entre segmentos pobres e ricos, ou seja, dualizando a estrutura social e aumentando a distância entre os pólos superiores e inferiores da sociedade. Surgindo uma nova geografia de centralidade e marginalidade (TASCHNER, S.; BOGUS, 2001). Segundo Sassen (1998), é possível encontrar na mesma cidade áreas que recebem aportes maciços de investimentos imobiliários e telecomunicações e outras áreas da cidade que estão carentes de recursos. Encontram-se também trabalhadores altamente qualificados e empregados em setores de ponta recebendo altos salários e em ascensão e operários com qualificação mediana ou baixa nos mesmos setores com salários baixos e declinando. Por um lado, têm-se os serviços financeiros produzindo altos lucros, ao passo que serviços industriais apenas sobrevivem. Sassen (1998) afirma ainda que essas tendências são evidentes, apresentando variação em sua intensidade, em número grande das cidades mais importantes no mundo desenvolvido e em número crescente de cidades nos países em desenvolvimento que integram a economia global.

2.2 Tempo e espaço na metrópole contemporânea

“A metrópole reúne muitas pessoas, diferentes estratos de renda e culturas, um grande laboratório de idéias, o lugar do enfrentamento, do conflito e também da comunhão e solidariedade. É ainda um conjunto de lugares – e um conjunto de fluxos de passagem, no qual muitos migrantes e nativos vivem, sobrevivem, descobrem o mundo, em tempos nem sempre sincronizados” (VÉRAS, 2001 p. 8).

O advento de novas tecnologias, sistemas integrados de comunicação, a globalização da economia, acompanhado pelo surgimento de uma cultura global, alteraram profundamente a realidade social, econômica e política dos Estados-Nação, das regiões transnacionais e das cidades (SASSEN, 1998). Castells (1999) aponta que tanto o espaço quanto o tempo estão sendo transformados pelo paradigma da tecnologia da informação e pelas formas e processos sociais provocados pelo processo atual de transformação histórica.

Há dois pontos a serem destacados na metrópole contemporânea: a alteração no mercado de trabalho e os novos tipos de desigualdade. Entende-se que estes aspectos estão extremamente associados entre eles e influenciam consideravelmente todas as esferas da vida, inclusive a do tempo destinado ao lazer.

A revolução tecnológica possibilitou e estimulou alteração no mercado de trabalho. Alguns autores enfatizam apenas a substituição da atividade industrial pela de serviços. Outros vão mais além, alegam que a emergência do modelo tecnológico informacional condiciona a produção, a distribuição, o consumo e a administração, ou seja, estão presentes em todas as fases (MEYER, 2000).

Essa alteração ou substituição vem provocando uma importante transformação no padrão urbano, na lógica espacial, que foi nomeado por Castells (1999) de “espaços de fluxos”. O autor defende que a cidade da era informacional não é uma forma e sim um processo que é caracterizado pelo predomínio estrutural do espaço de fluxos. Este processo, com base em fluxos de informação, permite que centros

produtivos e de consumo de serviços avançados e suas sociedades auxiliares locais estejam conectados em uma rede global ainda que, ao mesmo tempo, diminuam a importância das conexões com suas hinterlândias.

A comunicação comprimiu o espaço, reduzindo distância entre países e cidades. O mundo tornou-se a aldeia global, em uma nova geografia, como é o caso das cidades globais, onde as palavras de ordem são as da competitividade (ou complementaridade), utilizando-se de estratégias empresariais, pois tudo se tornou um grande mercado (VÉRAS, 2001).

Neste ambiente de competitividade, nas cidades capitalistas, “*locus* da mercadoria”, onde “tempo é dinheiro”, as conquistas dos movimentos trabalhistas da era industrial estão perdendo força. As pessoas que desejam manter-se no mercado de trabalho estão trabalhando cada vez mais, em um ritmo acelerado e sem horário fixo de trabalho. Fator possibilitado a partir do desenvolvimento da tecnologia (LIPOVETSKY, 2004). Por outro lado, a taxa de desemprego, principalmente nos centros urbanos, tem aumentado. Este paradoxo tem agravado a desigualdade social, já existente na metrópole moderna.

A globalização econômica contribuiu, segundo Sassen (1998), para uma nova geografia da centralidade e da marginalidade. A autora aponta para surgimento de novas desigualdades, que assumem formas múltiplas e em muitos campos. A começar pela distribuição dos recursos das telecomunicações até a estrutura da economia e do emprego. Percebe-se também a desigualdade entre cidades no mesmo país: enquanto as cidades globais tornam-se locais de grande concentração do poder econômico, cidades que já foram centros manufatureiros importantes estão em declínio. Por fim, trabalhadores especializados atingem rendas extremamente altas, enquanto outros que são pouco qualificados apresentam salários baixos, senão inexistentes.

O notável aumento do desemprego, queda importante do emprego assalariado e aumento da informalidade favorecem a “exclusão” social. Exclusão essa que está explicitada na questão espacial. Vêras (2001) enfatiza que o aumento da informalidade no mercado de trabalho rebate na questão da desigualdade

socioespacial, pois com a redução das receitas e o agravamento da crise do Estado, ocorre também a diminuição de equipamentos urbanos, a precariedade de acesso à habitação, saúde, transportes, cultura e lazer e, conseqüentemente, a degradação da qualidade de vida.

Em suma, nota-se a presença de espaços e tempos heterogêneos por toda a metrópole. Há pessoas trabalhando demasiadamente conectadas às outras cidades mundiais, enquanto outras estão desempregadas vivendo ou sobrevivendo na cidade local, e completamente alheias à cidade mundial.

A seguir, serão apresentadas características da cidade de São Paulo, sede da metrópole paulista, procurando identificar quais foram os impactos produzidos pelo avanço da tecnologia informacional e da globalização no espaço urbano e na vida das pessoas que nela habitam.

2.3 A Região Metropolitana de São Paulo

A aglomeração metropolitana de São Paulo (RMSP), abrange 39 municípios em 8.051 km², sendo sua sede a cidade de São Paulo. As estimativas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que, em 2005, viviam na cidade de São Paulo mais de 10,9 milhões de habitantes e na região metropolitana de São Paulo cerca de 19,1 milhões.

A cidade de São Paulo, no início do século XX, possuía aproximadamente 240 mil habitantes, sendo aproximadamente dois terços estrangeiros, e até o pós-guerra chegou a quase dois milhões de habitantes. O que evidencia seu caráter multicultural e sem raízes. Martins (2001) enfatiza que a cidade surge como territorialidade do diverso, lugar onde muitas vezes a população em sua maioria não é de origem local.

Ao analisar a evolução da população da cidade de São Paulo é possível identificar algumas características relevantes para o estudo em questão. Primeiramente, ao

observar o Gráfico 1 que demonstra o crescimento populacional nas últimas décadas, fica evidente a elevada taxa geométrica de crescimento da população no período.

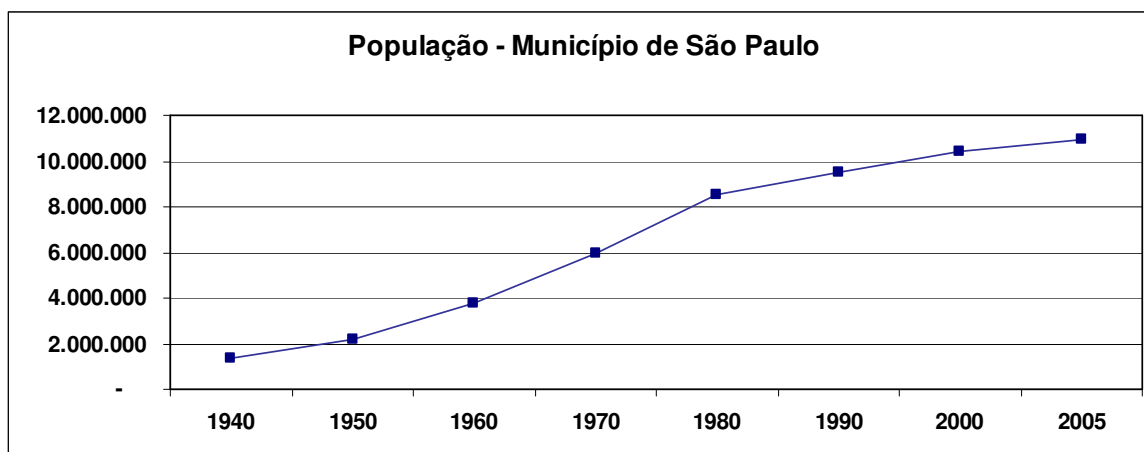


Gráfico 1 – Evolução da População do Município de São Paulo – 1940 - 2005
 Fontes: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE, 1940-1960
 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1970-2005

Nota-se que não somente a cidade apresentou exacerbada evolução populacional nas últimas décadas, como também, e principalmente, a Região Metropolitana de São Paulo. A Tabela 1 deixa clara esta ocorrência, comparando as taxas geométricas de crescimento populacional do Brasil com o Estado de São Paulo, Região Metropolitana de São Paulo e cidade de São Paulo, em cinco períodos.

Tabela 1 – Taxa geométrica de crescimento demográfico anual do Brasil, Estado de São Paulo, Região Metropolitana de São Paulo e Cidade de São Paulo – 1960-1970/ 1970-1980/ 1980-1991/ 1991-2000/ 2000-2005

	Taxa geométrica de crescimento demográfico				
	1960/70	1970/80	1980/91	1991/2000	2000/05
Brasil	2,9%	2,5%	1,9%	1,6%	1,6%
Estado de São Paulo	3,3%	3,5%	2,1%	1,8%	1,8%
Região Metropolitana de São Paulo	5,4%	4,5%	1,9%	1,6%	1,4%
Município de São Paulo	4,6%	3,7%	1,2%	0,9%	0,9%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Conforme apresentado na Tabela 1 e já analisado por diversos pesquisadores, a cidade de São Paulo apresentou alto crescimento, principalmente no período do pós-Segunda Guerra Mundial até final da década de 70. Muitos fatores ocasionaram esta evolução populacional, certamente o principal está associado a fluxos

migratórios em busca de melhores condições financeiras e oportunidades de trabalho.

Entretanto, percebe-se nas últimas décadas, mais especificamente a partir da década de 80, a redução do ritmo do crescimento demográfico, sobretudo na cidade de São Paulo, resultante não apenas da queda da fecundidade, mas também de alterações significativas nas tendências migratórias (CUNHA, 2003).

No caso de São Paulo, verifica-se, a partir de 1980, maior expansão dos municípios periféricos, que compõem a região metropolitana e de municípios médios e intermediários localizados no interior do estado. No Estado de São Paulo, em 1980, 50,3% da população residia na Região Metropolitana de São Paulo, enquanto que em 1991 e 2000, este percentual caiu para 48,9% e 48,3%, respectivamente (IBGE).

O fenômeno metropolitano, no Brasil, apresentou como conseqüência o processo de “periferização” de significativa parcela da população (CUNHA, 2003, VÉRAS, 2001). Nota-se uma desconcentração metropolitana, as cidades menores da periferia da região metropolitana de São Paulo e os distritos periféricos vêm apresentando aumento da população. Em 1960, a cidade de São Paulo concentrava cerca de 80% da população da RMSP, em 2000 este percentual caiu para 58% (IBGE).

Existem dificuldades de operacionalização da definição de periferia freqüentemente encontrada na literatura, como foi bem apontado por Marques (2005):

“Embora a periferia tenha sido definida de maneira precisa nos termos teóricos da literatura na qual se insere, sua delimitação em termos empíricos não é tão trivial assim. Para alguns atores a periferia é definida como local em que as rendas diferenciais tendem a zero. Para outros, é o espaço onde se registram as inúmeras extorsões produzidas pelo capitalismo periférico, ou, de forma mais concreta, o local em que se associam loteamentos irregulares, população operária, autoconstrução e ausência do Estado” (MARQUES, 2005 p. 30).

O termo “periferização” foi definido por Ribeiro e Lago⁵ (1992 *apud* BOUQUAT; COHN, 2003) como um fenômeno que não está associado apenas a um espaço, local, e sim a um processo de segregação e diferenciação social no espaço que tem causas econômicas, políticas e culturais e no qual consolida-se a imagem de espaços socialmente homogêneos.

Marques (2005) resume as causas, apontadas na literatura, da segregação em quatro principais grupos, que são: a dinâmica econômica, o mercado de trabalho e a estrutura social em si; a dinâmica do mercado de terras, as ações dos produtores do espaço urbano e da produção da moradia; o Estado e as políticas públicas; e a ordem jurídica brasileira e sua relação com a sociedade em suas dimensões de tradicionalismo, hierarquia social e preconceito.

Vale ressaltar que associado ao fenômeno da “periferização” está a migração intra-metropolitana de pessoas, predominantemente de estratos sociais mais baixos, bem como algumas características peculiares dessas localidades como maior crescimento vegetativo em função de maior fecundidade de população de baixa renda (CUNHA, 2003) e índices de crescimentos mais elevados devido à baixa densidade demográfica nesses distritos.

Véras (2001) descreve a situação da metrópole contemporânea São Paulo da seguinte forma: de um lado verifica-se um transbordamento da ocupação da pobreza da periferia da cidade para os demais municípios da região metropolitana, de outro lado, ocorre a auto-segregação das elites, assumindo a forma de condomínios fechados, alguns de alto luxo com Granja Viana e Alphaville. A desigualdade socioespacial presente na cidade de São Paulo reproduz-se por toda a região metropolitana. Para exemplificar a desigualdade socioespacial a autora revela que enquanto as periferias da sede metropolitana e dos municípios vizinhos são ocupadas por migrantes pobres, há algumas áreas do município de São Paulo, como a região sudoeste da cidade, que são ocupadas por estratos de altas e médias rendas.

⁵ RIBEIRO, L. LAGO, L. Crise e mudança nas metrópoles brasileiras: a periferização em questão. In: LEAL, Maria do Carmo et al. (orgs.). **Saúde, ambiente e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1992.

Para Marques (2005), há três processos diferentes de segregação socioespaciais. Em linhas gerais, podendo significar: total apartação e o isolamento (gueto *versus* cidadela); a desigualdade de acesso a políticas públicas ou de condições de vida; e a separação, a homogeneidade interna e heterogeneidade externa na distribuição dos grupos no espaço.

A oposição binária centro *versus* periferia existente em São Paulo não se limita à questão da desigualdade socioespacial, revela também a existência de desigualdades sociotemporais. Isto se torna evidente ao verificar a distribuição de empregos na região metropolitana de São Paulo, que também é desigual. As áreas centrais e mais consolidadas detêm alto nível de emprego, de renda e de infraestrutura, traço que vai diminuindo na direção das áreas intermediárias e rareando nas periferias. (VÉRAS, 2001).

Apesar de grande parte da literatura caracterizar a questão da segregação urbana baseada no modelo centro *versus* periferia, sendo esta última constituída de lugares homogêneos em que se acumulam problemas de forma quase completa, combinando aspectos negativos de ações do poder público e do ambiente urbano com características negativas da desigualdade de oportunidades no mercado de trabalho, existem trabalhos apontando para uma outra direção. Apresentando a hipótese da periferia apresentar características bem distintas: complexa e heterogênea. Não existindo assim a periferia e sim periferias (MARQUES, 2005).

A desigualdade espacial baseada no modelo de crescimento dual resumia bem a situação de São Paulo até a década de 70. A partir dos anos 80 uma nova lógica se impõe, com o desenvolvimento da metrópole transnacional, tornando o modelo centro *versus* periferia insuficiente para o completo entendimento da construção urbana da metrópole paulista. Na era da informação, as altas taxas de crescimento populacional – estimuladas pelo aumento freqüente dos limites físicos da metrópole, incremento no número de plantas industriais e de serviços, atraindo populações migrantes – não ocorrem com a mesma intensidade de antes. A metrópole transnacional passa a concentrar o comando e a direção política e econômica do

país, sem necessariamente acumular todas as atividades em seu interior (BOUQUAT; COHN, 2003).

Santos⁶ (1994 *apud* BOUQUAT; COHN, 2003) apresenta alguns elementos da transformação da metrópole industrial para a transnacional como: o fenômeno da “involução metropolitana” (menor crescimento populacional da cidade-sede em comparação com os demais municípios que compõem a região metropolitana); a especialização nos setores terciários e quaternários da economia, a diminuição relativa do peso industrial, associada à mudança nas características das plantas industriais, o aumento da economia informal, bem como das desigualdades e da pobreza. É possível notar fortes semelhanças com os aspectos já tratados na seção inicial deste capítulo.

Encontra-se assim uma nova feição para a metrópole. A dimensão espacial da exclusão intensifica-se e ganha novos contornos, tornando-se mais complexa (BOUQUAT; COHN, 2003). O que torna ainda mais fundamental a existência de pesquisas nesta linha.

Para auxiliar a operacionalização do conceito de pobreza e desigualdade social, foram criados alguns indicadores. Como, por exemplo, o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS (FUNDAÇÃO SEADE, 2004). Este indicador tem por objetivo orientar o gestor público e a sociedade na compreensão das condições de vida dentro do município, permitindo melhor eficácia nas ações de combate à pobreza.

Estudos recentes sobre condições de vida e pobreza têm destacado a necessidade de se levar em conta não apenas os recursos acumulados, ou a ausência dos mesmos, por indivíduos, famílias e comunidades, mas também considerar em paralelo as oportunidades acessíveis para empregá-los. Ao analisar essas duas dimensões, é possível identificar as diferentes situações de vulnerabilidade social a que eles estão submetidos (FUNDAÇÃO SEADE, 2004). Dessa forma o IPVS determina o construto vulnerabilidade à pobreza de maneira mais ampla. Não se

⁶ SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade – o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/ EDUC, 1994.

restringindo à variável renda, como foi desenvolvido em muitos estudos desta temática.

Este índice leva em consideração basicamente duas dimensões: socioeconômica e demográfica. A primeira composta da renda apropriada pelas famílias e do poder de geração da mesma, sendo que os níveis baixos de renda definem a situação de pobreza, enquanto a escassez de fontes de rendimentos seguros e regulares delimita situações concretas de riscos à pobreza. Já a dimensão demográfica expressa o ciclo de vida familiar por intermédio das variáveis: idade do responsável e presença de crianças com idade até quatro anos. Vale ressaltar que não há relação direta entre pobreza e ciclo de vida, mas entende-se que o ciclo de vida tende a atuar como fator que potencializa o risco à pobreza (FUNDAÇÃO SEADE, 2004).

Para melhor compreender a profundidade da análise, apresenta-se o seguinte exemplo: a simples condição de uma família composta por uma mãe solteira e crianças pequenas, em que a mulher é a chefe de família, não a torna necessariamente vulnerável. No entanto, a combinação dessa situação com baixa escolaridade da chefe da família configura uma situação de vulnerabilidade (FUNDAÇÃO SEADE, 2004).

Os resultados do estudo da Fundação SEADE (2004) apresentam seis grupos do IPVS, que podem ser descritos da seguinte forma:

Grupo 1 – **nenhuma vulnerabilidade**: engloba os setores censitários não vulneráveis, exibindo os maiores níveis de renda e escolaridade entre os responsáveis pelo domicílio e famílias mais velhas em termos do seu ciclo de vida familiar.

Grupo 2 – **vulnerabilidade muito baixa**: engloba os setores censitários com vulnerabilidade à pobreza muito baixa, sendo o segundo em termos de renda e escolaridade do chefe e, em média, com as famílias mais velhas.

Grupo 3 – vulnerabilidade baixa: incorpora os setores censitários que apresentam baixa vulnerabilidade à pobreza, posicionando-se em terceiro lugar em condições socioeconômicas e com famílias mais jovens ou em nível intermediário em termos do ciclo de vida familiar.

Grupo 4 – vulnerabilidade média: um dos três grupos com maior vulnerabilidade à pobreza, apresentando-a em um nível médio, com famílias mais jovens em termos do seu ciclo de vida.

Grupo 5 – vulnerabilidade alta: o segundo pior grupo em termos de condições socioeconômicas, apresentando famílias mais velhas.

Grupo 6 – vulnerabilidade muito alta: o grupo que apresenta a maior vulnerabilidade à pobreza, com responsáveis por domicílios jovens com baixa renda e escolaridade.

Para facilitar a visualização segue o Quadro 1 com a síntese das variáveis que determinam os grupos descritos anteriormente⁷.

Grupo	Dimensões		IPVS
	Socioeconômica	Ciclo de Vida Familiar	
1	Muito Alta	Famílias Jovens, Adultas ou Idosas	Nenhuma Vulnerabilidade
2	Média ou Alta	Famílias Idosas	Vulnerabilidade Muito Baixa
3	Alta Média	Famílias Jovens e Adultas Famílias Adultas	Vulnerabilidade Baixa
4	Média	Famílias Jovens	Vulnerabilidade Média
5	Baixa	Famílias Adultas e Idosas	Vulnerabilidade Alta
6	Baixa	Famílias Jovens	Vulnerabilidade Muito Alta

Quadro 1 – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS)

Fonte: FUNDAÇÃO SEADE, 2004

A Figura 1 apresenta a distribuição espacial dos grupos de vulnerabilidade social no município de São Paulo.

⁷ Para mais detalhes metodológicos ver FUNDAÇÃO SEADE. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social: espaços e dimensões da pobreza nos municípios do Estado de São Paulo – metodologia.** São Paulo, Fundação SEADE, 2004.

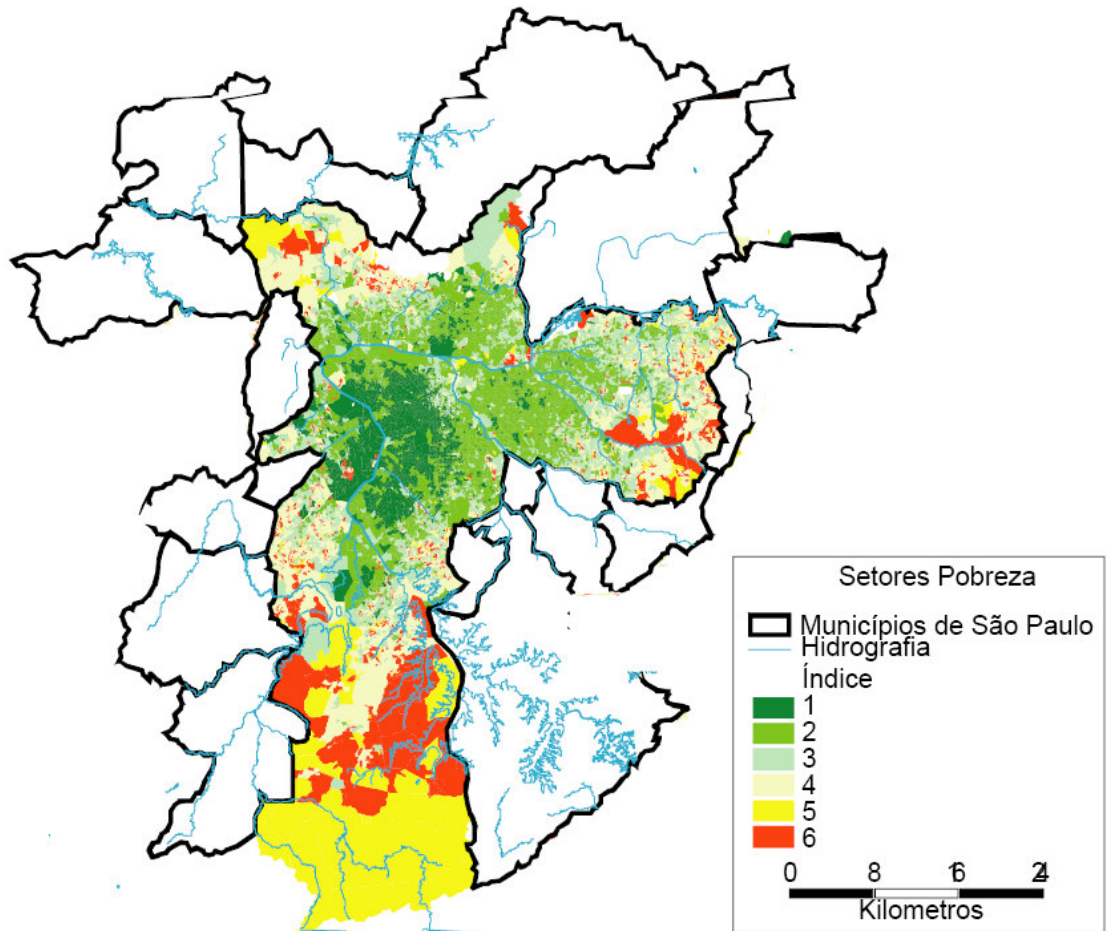


Figura 1 – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – Município de São Paulo, 2000
Fonte: FUNDAÇÃO SEADE, 2004

2.4 Juventude e vulnerabilidade social

A juventude brasileira representa ampla parcela da população do país. Os dados do IBGE apontam que este grupo etário nunca foi tão numeroso como é atualmente em termos absolutos e as tendências demográficas indicam que a participação deste grupo na população brasileira cairá. Em 2003, o país tinha 33,85 milhões de jovens entre 15 e 24 anos, o que representava 19,5% da população (REZENDE; TAFNER, 2005).

Há diversas razões para a juventude ser encarada como questão prioritária e como crescente forte preocupação. A começar pela justificativa demográfica apresentada anteriormente. Além disso, há duas principais fontes de preocupações: uma indireta e outra direta. A primeira está relacionada ao fato de os jovens não terem seus direitos respeitados (principalmente trabalho e educação), o que os alienaria das oportunidades necessárias para desenvolver e aproveitar suas potencialidades e capacidades. E a segunda está ligada a uma certa “disfuncionalidade” percebida no comportamento dos jovens, que não estariam aproveitando as oportunidades disponíveis e nem estariam comprometidos com suas famílias e comunidades ao seu redor (REZENDE; TAFNER, 2005).

Bouquat e Cohn (2003) alertam para a importância da inserção da juventude na metrópole ainda mais ao analisar resultados de estudos sobre padrões de segregação socioespacial em São Paulo que revelaram que a existência de alta proporção de adolescentes em determinada região está estritamente correlacionada à existência de pobreza (TORRES et al., 2003).

O período da adolescência e juventude é considerado por si só uma fase de intensa vulnerabilidade. Pesquisadores advertem que este fenômeno é potencializado pela situação de pobreza e exclusão social. Esta preocupação é cada vez mais freqüente na sociedade contemporânea, em que se verifica a intensificação das desigualdades sociais, provocadas em grande parte pelos processos de rápida urbanização (FUNDAÇÃO SEADE, 2002).

A preocupação não se restringe à “exclusão social”, está direcionada e concentrada, sobretudo, a uma espécie de “inclusão perversa”. Na sociedade atual, o desejo de consumo é estimulado pela comunicação de massa, especialmente pela televisão, mas, para satisfazê-lo rapidamente, enquanto ainda é jovem, o trabalho que oferece mais oportunidades é o envolvimento com o negócio das drogas (FUNDAÇÃO SEADE, 2002).

Para tanto foi desenvolvido o Índice de Vulnerabilidade Juvenil – IVJ (FUNDAÇÃO SEADE, 2002), que tem como objetivo diagnosticar a desigualdade social nos diversos distritos da cidade, identificando regiões críticas de pobreza para,

sobretudo, auxiliar na escolha de áreas de intervenção por parte, principalmente, do poder público. Na verdade, deseja-se encontrar formas de contribuir para que este período natural turbulento transcorra de forma a impedir ou minimizar escorregões para a transgressão.

O Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ) é composto das seguintes variáveis: taxa anual de crescimento populacional entre 1991 e 2000; percentual de jovens, de 15 a 19 anos, no total da população dos distritos; taxa de mortalidade por homicídio da população masculina de 15 a 19 anos; percentual de mães adolescentes, de 14 a 17 anos, no total de nascidos vivos; valor do rendimento nominal médio mensal, das pessoas com rendimento, responsáveis pelos domicílios particulares permanentes; e percentual de jovens de 15 a 17 anos que não freqüentam a escola. Este indicador tem sido utilizado para auxiliar na decisão de locais de intervenção do poder público, como, por exemplo, o Projeto Fábricas de Cultura.

2.5 Equipamentos de lazer na cidade de São Paulo

Pesquisadores indicam que um dos fatores que influenciam o comportamento do indivíduo no lazer é acessibilidade à determinada atividade ou equipamento. Entretanto, sabe-se que a análise da distribuição espacial é apenas um dos lados da questão. Não basta apenas analisar a oferta existente, é necessário também compreender a efetiva utilização desses espaços, bem como as outras formas de uso do tempo da população, como, por exemplo, as atividades associadas à indústria cultural (BOTELHO, 2004).

Botelho (2004) realizou um levantamento sobre os equipamentos públicos e privados de cultura da cidade de São Paulo. A pesquisa revelou alto desequilíbrio entre crescimento urbano e distribuição dos equipamentos culturais. Demonstrando assim alinhamento com os aspectos até então apresentados, sobretudo da desigualdade socioespacial existente.

Vale ressaltar que o levantamento focaliza basicamente equipamentos culturais. O que significa dizer que este não revela exatamente a realidade do segmento de lazer, no entanto considera-se esta pesquisa um bom indicador da distribuição espacial de espaços de lazer dentro da cidade de São Paulo, já que foram analisados os equipamentos “clássicos” de cultura, que são também, em sua maioria, classificados como espaços de lazer. Os espaços levantados foram: centros culturais, oficinas e casas de cultura, cinemas, cinemas em shoppings, centro desportivos municipais, bibliotecas, unidades do SESC, museus, teatros e escolas de samba.

Antes de apresentar alguns dos resultados do estudo, faz-se necessário destacar pontos importantes levantados pela autora. O primeiro deles é que ao refletir sobre a utilização desses espaços, deve-se ter em mente que não há apenas “um público”, e sim um conjunto de públicos diferentes, apresentando padrões culturais diversificados em função da faixa etária, história familiar, bagagem cultural, entre outros, o que dificulta a análise e a desejada democratização cultural. Outro ponto importante é que o fato de existir uma oferta cultural próxima, não significa dizer que será bem aproveitada pela vizinhança. Assim, é necessário observar a correlação entre acessibilidade (distribuição espacial dos equipamentos) e outras variáveis, em especial escolaridade e capital cultural. E, por fim, a relativa importância dos equipamentos culturais e de sua distribuição diante dos avanços tecnológicos ocorridos. Aliado a este fenômeno está o crescente consumo cultural em domicílio, possibilitado pela redução de preços de equipamentos eletrônicos e estimulado pelas ameaças de se viver em grandes cidades (BOTELHO, 2004).

Botelho (2004) destaca a impossibilidade, por parte do poder público, em atender às demandas potenciais por equipamentos culturais em certas zonas da cidade. A autora aponta que a maior concentração de jovens entre 10 e 19 anos está localizada em regiões carentes de equipamentos culturais. Este aspecto é agravado considerando-se as dificuldades crescentes de deslocamentos na cidade de São Paulo.

A pesquisa indica alta concentração de equipamentos nas regiões centrais, principalmente de museus, teatros, bibliotecas e cinemas. Por um lado, este fato

pode ser explicado pela formação histórica da cidade e, por outro, em função das características da demanda que habita nessas regiões: maior escolaridade e renda (BOTELHO, 2004).

Apesar de grande parte dos equipamentos estar localizado nas regiões centrais, há alguns tipos de equipamento que se mostraram mais descentralizados como bibliotecas municipais, as casas de cultura (município), as oficinas de cultura (estado), centros desportivos municipais e escolas de samba (BOTELHO, 2004).

A autora sugere no estudo um melhor aproveitamento de espaços já existentes, como a rede escolar pública, principalmente pelo fato de esta apresentar alta densidade e boa distribuição na cidade de São Paulo. Nesta linha já existe o programa Escola Aberta (no Estado de São Paulo – Escola da Família), desenvolvido pelo governo federal, em 2004, que tem por objetivo promover a melhoria da qualidade da educação no país, ampliando as oportunidades de acesso a atividades educativas, culturais, esportivas, de lazer e de geração de renda por meio da abertura de escolas públicas de 5^a a 8^a séries e de ensino médio nos fins de semana.

Além do Programa Escola Aberta, outras ações, umas permanentes outras pontuais, já existem ou estão surgindo com objetivos similares: minimizar as desigualdades existentes e proporcionar alternativas de lazer e cultura para segmentos da população mais desprovidos. Como exemplo, podem-se citar as Fábricas de Cultura, os Centros Educacionais Unificados (CEUs), virada cultural e projetos de diversas organizações não governamentais. Nota-se o envolvimento do poder público, privado e de organizações não governamentais nestes projetos.

Vale salientar que não é objetivo deste estudo se aprofundar nessas ações, no entanto, faz-se necessário comentar a repercussão que a periferia tem conquistado, haja vista o programa da TV Globo recentemente criado por Regina Casé (atriz), Hermano Vianna (antropólogo) e Guel Arraes (diretor de televisão), que em um sábado por mês se propõe a revelar um pouco da arte, da cultura e do engajamento social das populações que habitam as zonas periféricas de centros urbanos do país. A música conduz o programa, mas *Central da Periferia* procura apresentar também

histórias das pessoas que fazem música e, paralelamente, exercem outras atividades criativas ou se empenham em projetos sociais.

Este capítulo concentrou-se em apresentar características da metrópole contemporânea com ênfase em questões relacionadas com o segmento específico da população a ser analisado. No próximo capítulo serão detalhados os procedimentos da análise.

3 A PESQUISA COM JOVENS DA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO: METODOLOGIA E FONTES

Este capítulo está dividindo em três seções. A primeira seção apresenta comentários sobre a base de dados utilizada, ou melhor, sobre a população analisada. Na segunda seção está delineado o objeto a ser estudado e por fim, na última parte, detalha-se a técnica de análise utilizada no estudo.

3.1 Base de Dados – comentários sobre a população analisada

O presente estudo se serviu da base de dados da Pesquisa de Condição de Vida – PCV (Fábrica de Cultura), levantamento realizado pela Fundação SEADE, entre outubro de 2004 e fevereiro de 2005, que procurou construir indicadores de condição de vida, por meio de questões variadas, de ordem socioeconômica, demográfica e socioafetiva, da população residente na periferia da cidade de São Paulo.

Vale ressaltar que a pesquisa da Fundação SEADE (2005) contempla dados de 9.267 indivíduos de diversas idades. Entretanto, a amostra analisada no trabalho em questão se restringe ao foco desta pesquisa, que são os adolescentes e jovens, entre 12 e 24 anos. O que resultou em um total de 2.282 pessoas residentes em nove distritos periféricos da cidade de São Paulo, localizados nas zonas norte, leste e sul da cidade.

A Figura 2 aponta a localização dos distritos. Da zona norte estão os distritos de Vila Brasilândia, Vila Nova Cachoeirinha e Jaçanã; da zona leste, Itaim Paulista, Vila Curuçá, Cidade Tiradentes, Sapopemba; e da zona sul, Jardim São Luiz e Capão Redondo. Conforme demonstrado na Figura 2, os distritos citados apresentam alto Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), o que os levou a serem classificados como áreas prioritárias de intervenção por parte, principalmente, do poder público. Um exemplo são as próprias Fábricas de Cultura que serão instaladas uma em cada um desses distritos.

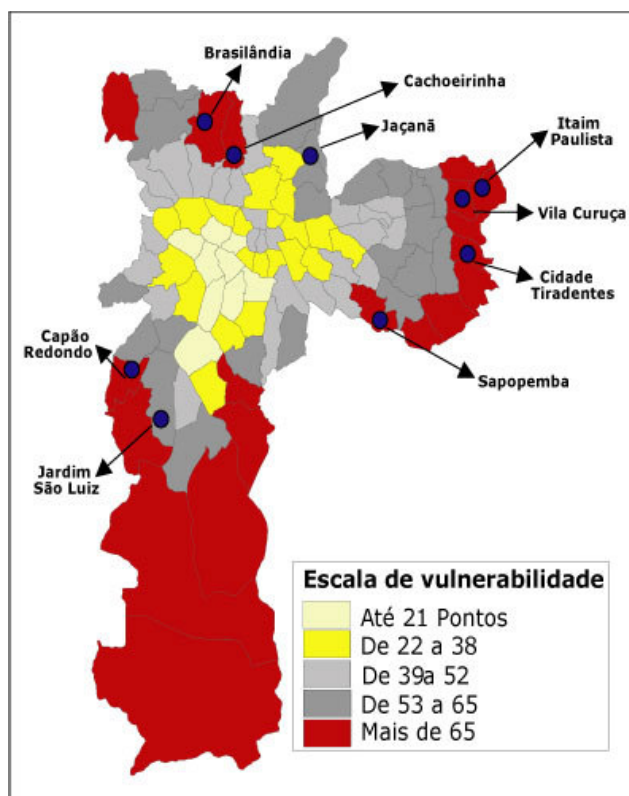


Figura 2 – Localização dos distritos analisados e escala de vulnerabilidade (IVJ)
 Fonte: Secretaria de Estado da Cultura; FUNDAÇÃO SEADE; 2002

Os nove distritos abrigavam, em 2000, 1,8 milhão de pessoas, que equivalia 17,3% da população da cidade de São Paulo. Um indicador interessante para compreender algumas características da população analisada é o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), desenvolvido pela Fundação SEADE (2004). Em 2000, 41% da população dos distritos selecionados residia em áreas de baixa vulnerabilidade à pobreza (denominados grupo 1 – composto por áreas classificadas como nenhuma vulnerabilidade, vulnerabilidade muito baixa e vulnerabilidade baixa), 45% em áreas médias (grupo 2 – que concentra áreas de vulnerabilidade à pobreza média e alta) e 14% em locais considerados de muito alta vulnerabilidade social (grupo 3). Ao comparar, por meio do Gráfico 2, os percentuais dos distritos selecionados com os dados do município de São Paulo, é possível notar que as áreas analisadas são evidentemente mais vulneráveis à pobreza do que grande parte do município.

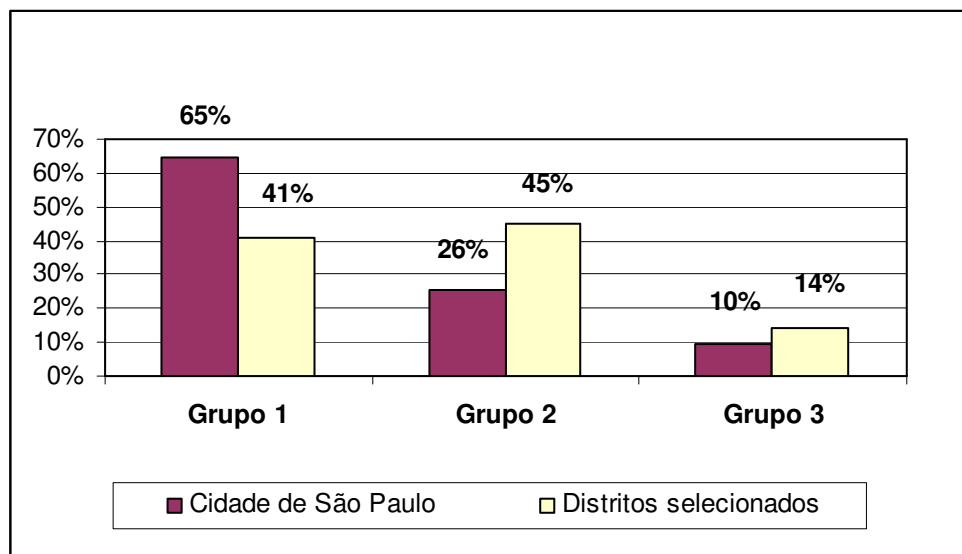


Gráfico 2 – Distribuição da População, segundo Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) – 2000

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000; FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Os 2.282 adolescentes e jovens analisados no presente estudo residem em áreas dos três grupos apresentados acima. Vale salientar a notável predominância de pessoas do grupo de muito alta vulnerabilidade social (grupo 3), visto que a distribuição dos tamanhos da amostra de domicílios da pesquisa da Fundação SEADE (2005) não foi dividida de maneira proporcional aos três grupos e sim da seguinte forma: 23% dos domicílios pertencente ao grupo 1, 27% ao grupo 2 e 50% ao grupo 3 (alta vulnerabilidade – setores censitários com as piores condições de vida da região). O plano amostral da pesquisa da Fundação SEADE (2005) foi desenhado desta forma, pois visava obter análise mais refinada dos dados nas áreas mais carentes dos distritos selecionados⁸.

Sendo assim, considerando-se as informações apresentadas anteriormente, a análise apresentada no capítulo vindouro focaliza, em grande parte, indivíduos que apresentam de média a muito alta vulnerabilidade à pobreza.

⁸ Para mais informações sobre o Plano Amostral da pesquisa, consultar “Fábricas da Cultura – Pesquisa de Condições de Vida – Fundação SEADE (2005)”.

3.2 Objeto de estudo

Vale salientar que o objeto de estudo é o lazer de adolescentes e jovens de distritos periféricos de São Paulo, que foi medido pela Fundação SEADE (2005), basicamente por meio das seguintes perguntas:

Questão 1 – Cite, no máximo, três atividades que você faz normalmente nos finais de semana para se divertir.

Questão 2 – Habitualmente, você realiza atividades de lazer na companhia de familiares (pai, mãe e irmãos)? Qual?

Para o desenvolvimento da análise do lazer foi necessário não apenas observar as respostas obtidas individualmente, como também selecionar e aplicar algumas das classificações referenciadas no primeiro capítulo deste estudo. Vale ressaltar que algumas das classificações utilizadas sofreram adaptações, visando atender às necessidades da pesquisa. Esses ajustes serão detalhados a seguir.

A análise do lazer foi dividida em duas principais etapas, focalizando principalmente as respostas obtidas por meio da questão 1, que se refere às atividades de lazer freqüentemente realizadas pelos adolescentes e jovens pesquisados, durante os finais de semana. A questão 2, que analisa o costume de se realizar atividades de lazer ao lado dos familiares, será abordada na segunda etapa.

Etapa 1 – Classificação do Camargo adaptada pelas autoras

Considerando-se que para o desenvolvimento do estudo em questão foram analisadas respostas de questões já realizadas e pré-classificadas pela Fundação SEADE (2005), foi necessário agregar as atividades de lazer em categorias construídas “ex-post”, dentro das limitações e em função dos interesses da pesquisa.

Dessa forma, para o estudo em questão sugere-se uma classificação adaptada da categorização sugerida por Camargo (1982) que contempla seis classes de lazer: físico, manual, artístico, intelectual, social e turístico, conforme apresentado no Quadro 2.

Classe	Atividade
Físico	Ginástica e esportes.
Manual	Bricolagem, jardinagem e criação de animais.
Artístico	Festas, artes.
Intelectual	Informação e autoformação.
Social	Relações interpessoais, participação em grupos ou de movimentos.
Turístico	Passeios e viagens.

Quadro 2 – Classificação de atividades de lazer de Camargo
 Fonte: Camargo, 1982, p. 31-32

As adaptações sugeridas estão relacionadas, principalmente, com as classes de lazer artístico, intelectual e social de Camargo, conforme apresentado no Quadro 3. Primeiramente, acredita-se ser interessante agregar na categoria intelectual atividades de criação artística, visto que estas, em geral, também contribuem para a formação do indivíduo.

Classe	Tipos de Atividade
Físico	Ginástica e esportes.
Manual	Bricolage e trabalhos manuais de artesanato em geral, jardinagem e cuidados com animais de estimação, coleções, hobbies.
Intelectual e de criação artística	Ler, escrever, obter informação para formação, tocar instrumentos, pintar, esculpir, compor músicas (sem ser profissional), dançar ballet e atividades similares.
Consumo de mídia e cultura	Ver TV, DVD, ouvir rádio, música, MP3, ir a cinema, teatro, shows.
Individual virtual	Jogos de internet, videogames, flipperama e similares.
Sociabilidade virtual	Chats, skype, MSN, Orkut e similares
Sociabilidade tradicional	Festas, reuniões que não de trabalho, cultivo de relações interpessoais, participação em grupos ou movimentos diversos.
Turístico	Passeios e viagens.

Quadro 3 – Classificação de atividades de lazer adaptada pelos autores
 Fonte: Adaptado de Camargo, 1982

Além disso, considera-se mais apropriado para esta pesquisa incluir atividades como festas, ir a shoppings centers, parques junto de atividades que envolvem relações interpessoais, criando a categoria sociabilidade tradicional. Ressalta-se também a necessidade identificada, ao analisar as características da sociedade contemporânea, de criação da dimensão virtual, a qual deve ser analisada, se possível, em duas categorias: atividades realizadas predominantemente de maneira individual (individual virtual) e atividades que exigem relacionamento com as pessoas ainda que seja um contato virtual (sociabilidade virtual). No estudo em questão, optou-se por tratar as categorias “individual virtual” e “sociabilidade virtual” em uma única classe denominada virtual, visto que o formato das respostas não possibilitava esta separação.

Por fim, foi introduzida também na nova classificação uma classe relacionada com o consumo de mídia e cultura. Acredita-se ser interessante analisar separadamente as atividades associadas à cultura erudita das de cultura de massa, entretanto nesta pesquisa não há informações suficientes para operacionalizar esta divisão.

Etapa 2 – Análises complementares

Nesta etapa, procurou-se analisar as respostas das atividades de lazer ditas como mais comuns entre os adolescentes e jovens pesquisados utilizando duas outras classificações de tipo de atividade: lazer externo versus lazer domiciliar e lazer pago. Além disso, verificaram-se as respostas obtidas por meio da questão 2 realizada pela Fundação SEADE (2005), em que se buscou verificar se o entrevistado realizava com frequência atividades com familiares e quais seriam as atividades mais praticadas nestas ocasiões.

Por último, será apresentada análise das atividades de lazer que se destacaram na pesquisa, pela alta incidência nas respostas dos entrevistados ou por apresentarem diferenciação expressiva entre os grupos analisados.

3.3 Técnica de análise

Para analisar as práticas de lazer de adolescentes e jovens residentes na periferia da cidade de São Paulo decidiu-se que seria importante, primeiramente, identificar grupos de indivíduos com características sociodemográficas homogêneas. Resultados de estudos nacionais e internacionais apontam que variáveis sociodemográficas influenciam no comportamento do lazer, conforme apresentado nas primeiras seções deste estudo.

Ao invés de verificar a variação das respostas em função de cada uma das dimensões sociodemográficas, utilizou-se a técnica da análise de agrupamento para auxiliar na identificação de agrupamentos de indivíduos semelhantes em diversas variáveis de interesse, para posterior comparação das respostas dos grupos de jovens na questão do lazer. Bussab, Miazaki e Andrade (1990) afirmam que a análise de agrupamentos é uma técnica exploratória de dados que tem como objetivo encontrar e separar objetos, no caso indivíduos, em grupos similares segundo as características de interesse selecionadas.

A técnica de análise de agrupamentos foi utilizada neste estudo em dois momentos. Inicialmente para identificar grupos de indivíduos homogêneos segundo características sociodemográficas, como já comentado. E, posteriormente, para identificar agrupamentos de pessoas que apresentam comportamento semelhante na questão do lazer, considerando-se como base de análise as atividades de lazer mencionadas por eles como freqüentemente realizadas, durante os finais de semana. Para o desenvolvimento desta análise foi necessário primeiramente agrupar as respostas obtidas (atividades de lazer) dentro das categorias da classificação de lazer desenvolvida neste estudo.

Após a aplicação da técnica de agrupamento, tanto na dimensão sociodemográfica quanto no lazer, foi efetuado o cruzamento dos resultados obtidos (agrupamento “sociodemográfico” versus agrupamento “lazer”) com o intuito de verificar se há indícios de variações expressivas entre os indivíduos na questão do lazer em função do grupo sociodemográfico a que pertencem.

Na seção seguinte serão descritos aspectos relacionados com a técnica utilizada como procedimentos de tratamento dos dados, definição das variáveis de interesse, seleção dos critérios de parença e da técnica de agrupamento.

– *Tratamento dos dados*

Faz-se necessário enfatizar que dos 2.282 indivíduos da amostra 49 foram retirados da análise, restando 2.233 pessoas. A seguir, serão discriminados os motivos pelos quais estes foram excluídos:

– 37 pessoas não responderam quais lazeres costumam praticar aos finais de semana;

– 2 deles possuíam informações faltando (“*missing information*”) em muitas das características de interesse, o que inviabilizava as análises preliminares.

– 9 indivíduos responderam mais de 3 atividades, o que foge à questão do estudo da Fundação SEADE (2005), visto que a questão solicitava no máximo 3 lazeres por indivíduos;

– 1 indivíduo respondeu apenas uma atividade, a qual se enquadrava na categoria “outras atividades”, o que inviabilizava considerá-lo na pesquisa, visto que a categoria “outras atividades” não foi considerada na análise. Vale ressaltar que indivíduos que responderam além de atividades que se encaixaram em “outras atividades” alternativas classificadas, foram considerados normalmente na análise, apenas não levando em consideração quando uma ou duas das atividades se enquadravam na categoria outras.

Quanto à categoria “outras atividades”, que inicialmente totalizava 81 respostas, foi efetuado tratamento nas respostas procurando aproveitá-las da melhor maneira possível. Ao observar as respostas, notou-se que havia um grupo de atividades que poderia ser realocadas em opções já existentes, como, por exemplo, “jogar pingue-pongue” foi encaixado na alternativa “praticar outros esportes”.

Ainda sobre o tratamento da categoria “outras atividades”, verificou-se também a possibilidade de reunir atividades correlacionadas como “tocar violão”, “tocar guitarra”, entre outros instrumentos musicais em uma única alternativa classificada como “Dançar/cantar/tocar instrumentos musicais”, o que resultou em total de 32 respostas nesta categoria. Da mesma maneira, foram criadas três outras novas categorias que são: “Jogar cartas/dominó/xadrez/sinuca”; “Ir a restaurantes/lanchonetes/sorveterias” e “Realizar trabalhos manuais/*hobbies*”. Ao final do tratamento das respostas, restaram nove respostas na categoria “outras atividades”.

– *Definição das variáveis de interesse para a análise de agrupamentos sociodemográfica*

Para selecionar as variáveis de interesse foram levados em consideração estudos já realizados no âmbito do lazer e relacionados com o uso do tempo, conforme apresentado no capítulo precedente.

Em primeira análise, pretendia-se selecionar variáveis das cinco dimensões do modelo sugerido por Robinson e Godbey (1997): fatores biológicos; de papéis; status; ambientais e temporais. No entanto, como o foco do estudo é analisar o lazer de adolescentes e jovens, nos finais de semana, que residem na periferia da cidade de São Paulo, foram descartadas duas dimensões: fatores ambientais (região geográfica, urbanização, tipo de habitação) e temporais (dia da semana, estação do ano). Acredita-se que sob estes fatores não haveria, no estudo em questão, variação significativa a ser considerada, visto que a análise se limita ao final de semana e a um segmento específico da população.

Assim, foram selecionadas para análise as seguintes variáveis:

Fatores biológicos: faixa de idade, gênero e cor;

Fatores de papéis: situação conjugal, posição na família, se possui filhos e ocupação (estudo e trabalho);

Fatores de status: renda familiar ampliada per cápita, instrução do chefe do domicílio e escolaridade.

Ao analisar as variáveis pôde-se perceber que a pergunta “Possui filhos?” tinha sido direcionada somente às mulheres, assim optou-se por unir as variáveis “gênero” e “se possui filhos” em uma única variável, chamada de “gênero e possui filhos”, com as seguintes categorias: mulher com filho, mulher sem filho e homem.

As características cor e instrução dos pais foram excluídas da análise, visto que ao realizar diversas análises preliminares foi possível perceber que estas eram muito pouco discriminantes na formação dos grupos, em comparação com as demais variáveis selecionadas.

Dessa forma, foram utilizadas no desenvolvimento dos *conglomerados* sociodemográficos seis variáveis categóricas (faixa de idade, gênero e se possui filho, situação conjugal, posição na família, ocupação e escolaridade), e uma discreta (renda familiar ampliada per cápita).

Segue breve explicação de cada uma das variáveis e a distribuição dos 2.233 indivíduos analisados nas diversas categorias das respectivas variáveis consideradas.

Faixa de idade: foram criadas quatro faixas: de 12 a 14 anos; 15 a 17 anos; 18 a 20 anos e de 21 a 24 anos. A distribuição dos indivíduos dentro das categorias pode ser visualizada no Gráfico 3.

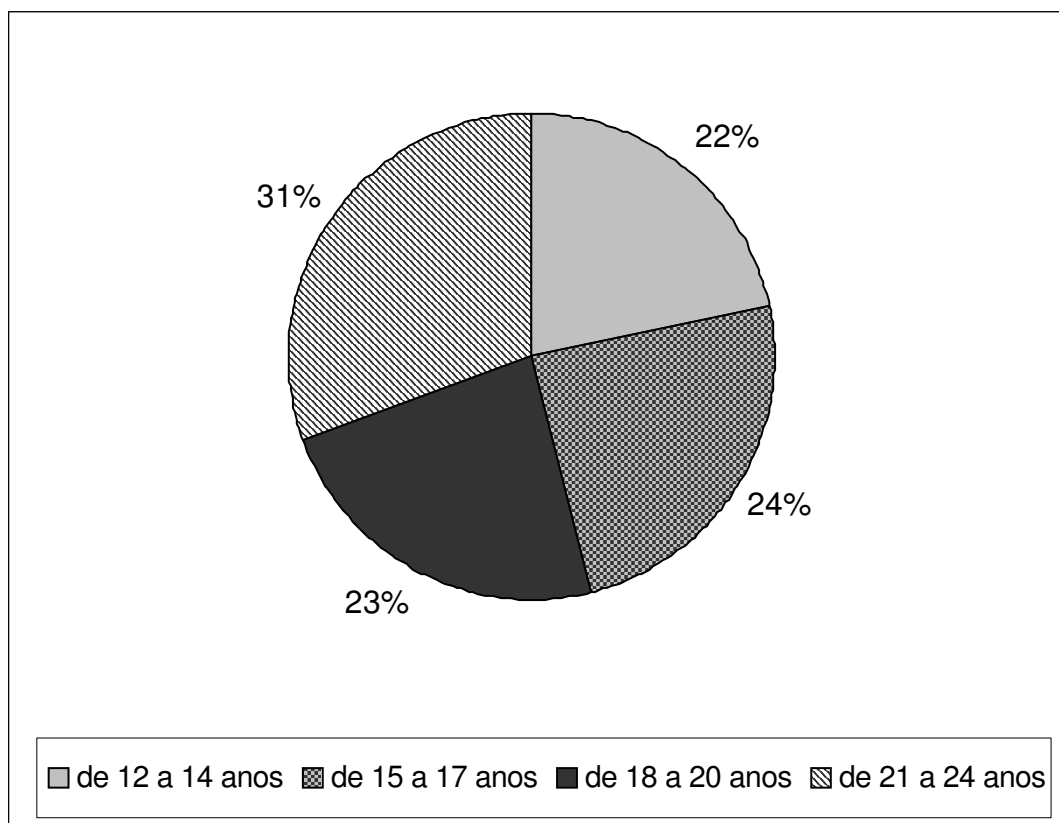


Gráfico 3 – Distribuição dos entrevistados por faixa de idade

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Gênero e se possui filhos: conforme explicado anteriormente, com a junção de duas variáveis foram determinadas as seguintes categorias: homem; mulher com filho; mulher sem filho, conforme demonstrado no Gráfico 4.

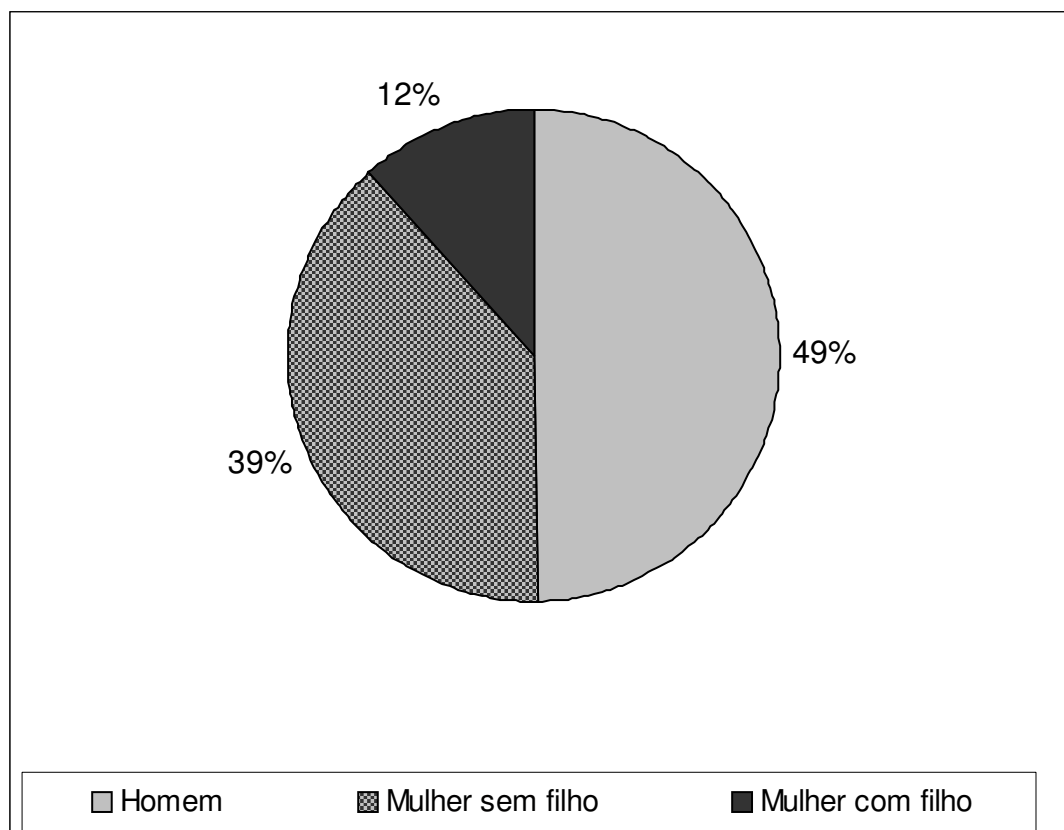


Gráfico 4 – Distribuição dos entrevistados por "gênero e se possui filho"
Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005
Nota: dados trabalhados pelo autor

Situação conjugal: esta variável apresenta quatro classes: solteiro; casado; união consensual; separado ou viúvo. Pela baixa incidência de pessoas separadas e viúvas, decidiu-se por juntar as duas categorias. O Gráfico 5 demonstra a frequência de cada uma delas.

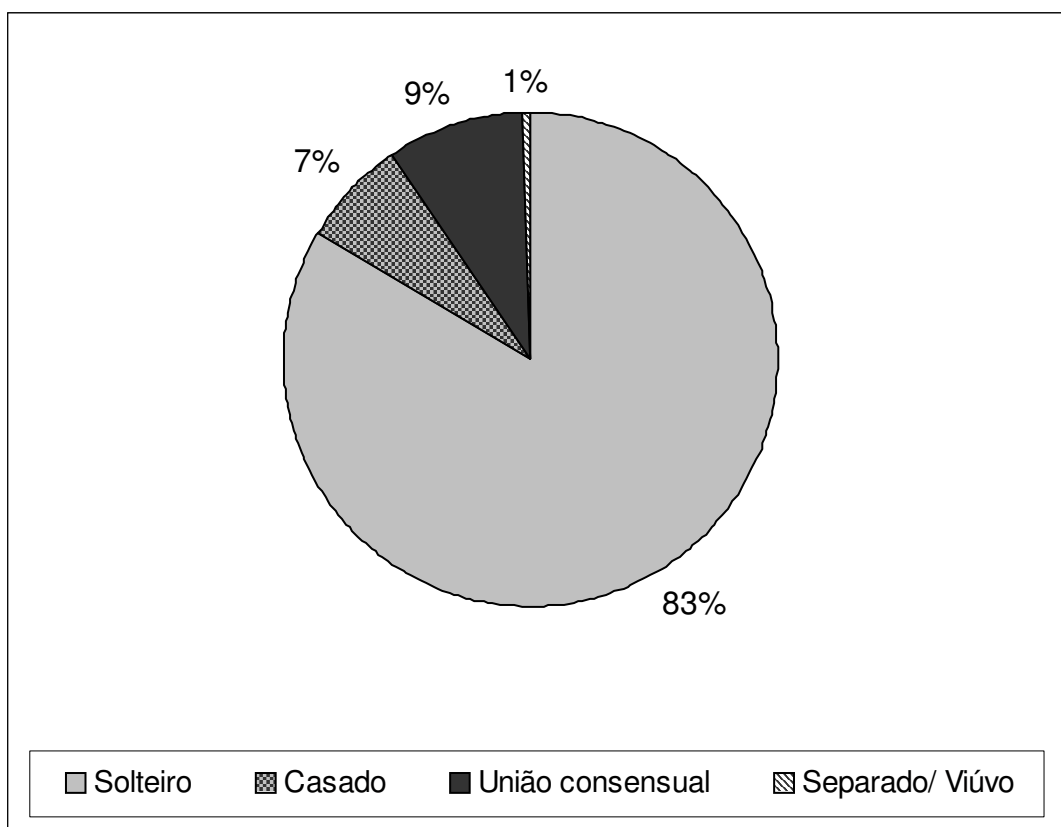


Gráfico 5 – Distribuição dos entrevistados por situação conjugal

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Posição na família: as alternativas foram condensadas em cinco principais categorias: chefe; cônjuge; filho ou enteado; outro parente do chefe ou do cônjuge (sobrinho, pai, mãe, irmão, avô, tio, genro/nora); e outros (agregados, pensionistas, empregado doméstico, parente do empregado doméstico). A distribuição dentro dessas categorias está apresentada no Gráfico 6.

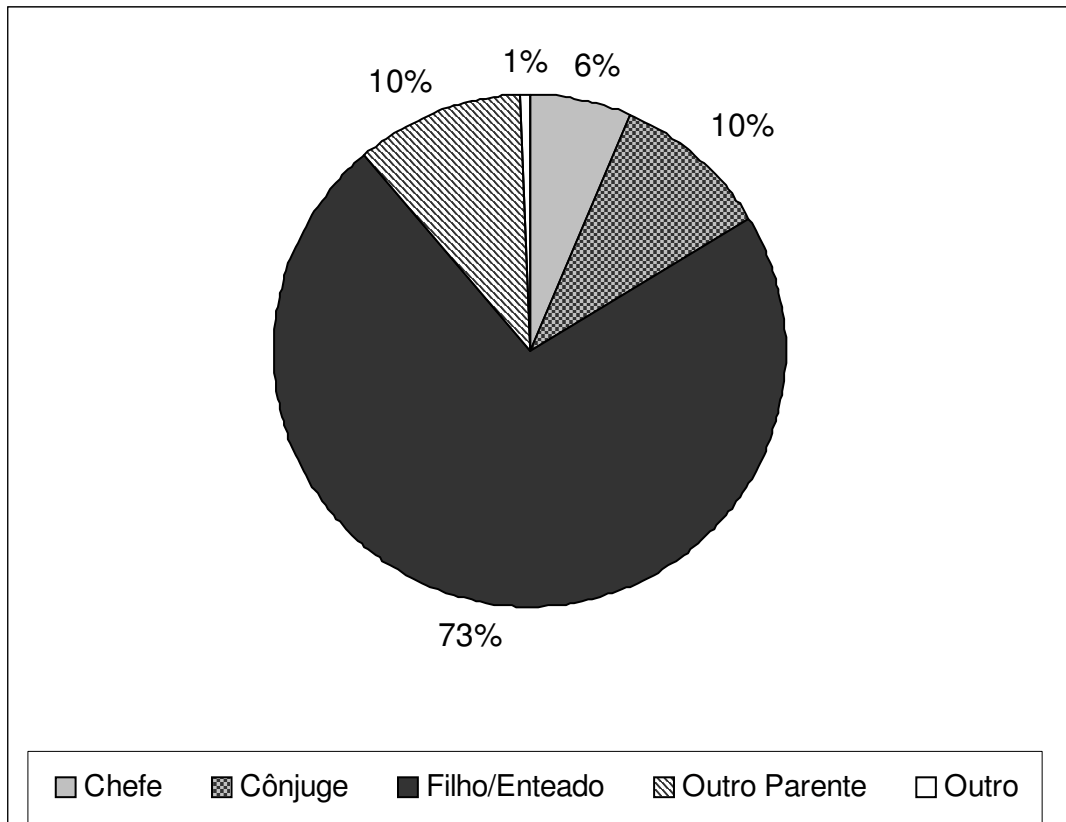


Gráfico 6 – Distribuição dos entrevistados por posição na família

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Ocupação: na definição desta variável foram consideradas atividades profissionais e educacionais, segmentando em quatro categorias: apenas estuda; apenas trabalha; estuda e trabalha; não estuda e nem trabalha. Sendo que a definição de quem trabalha se baseia no sentido de ocupados da condição de ocupação definida pela Fundação SEADE (2005)⁹. Foram considerados para formar a categoria estudo o ensino fundamental, o ensino médio, o ensino superior e a pós-graduação. No Gráfico 7 é possível visualizar a distribuição dentro das categorias criadas.

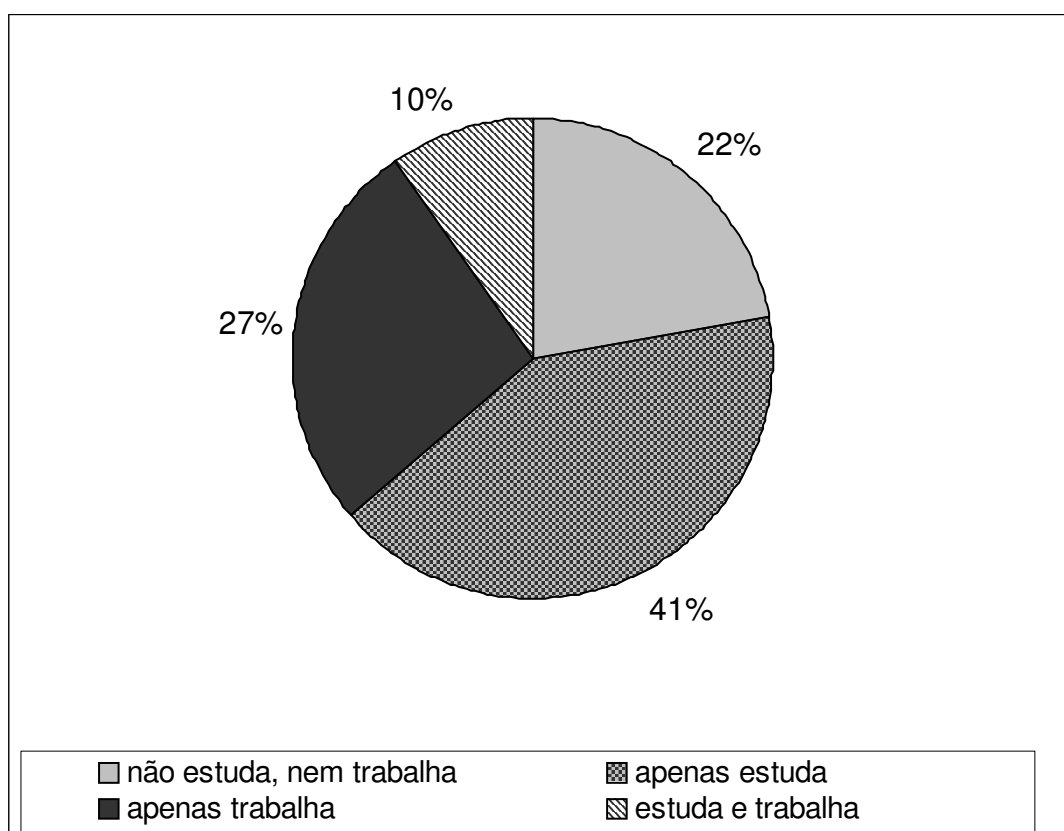


Gráfico 7 – Distribuição dos entrevistados por ocupação

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

⁹ Ocupados correspondem às pessoas que, nos sete dias anteriores ao da entrevista, possuem trabalho remunerado exercido regularmente, com ou sem procura de trabalho; ou que, neste período, possuem trabalho remunerado exercido de forma irregular, desde que não tenham procurado trabalho diferente do atual; ou possuem trabalho não-remunerado de ajuda em negócios de parentes, sem procura de trabalho. (FUNDAÇÃO SEADE, 2005).

Escolaridade: as categorias utilizadas foram: nunca freqüentou ensino regular/abandonou antes de concluir o ensino fundamental; está cursando o ensino fundamental; concluiu o ensino fundamental; concluiu o ensino médio; concluiu o ensino superior. No Gráfico 8 pode-se notar a predominância das categorias intermediárias.

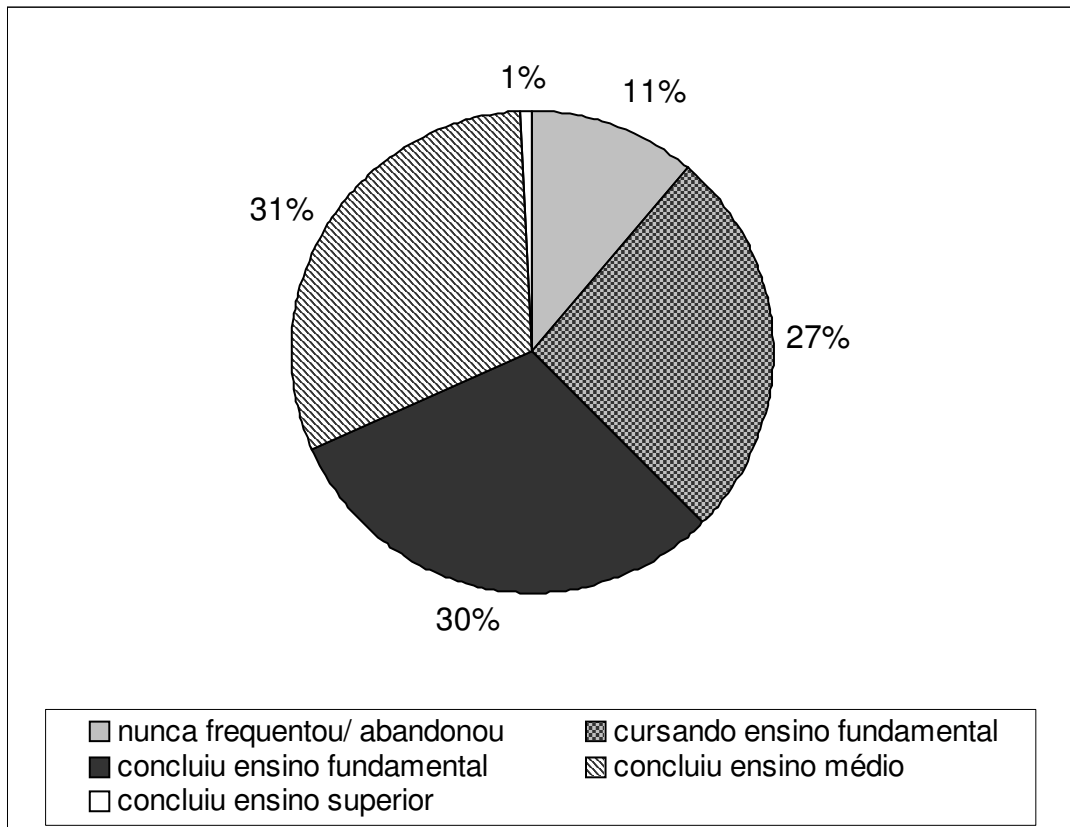


Gráfico 8 – Distribuição dos entrevistados por nível de escolaridade
Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005
Nota: dados trabalhados pelo autor

Renda familiar ampliada per cápita: esta variável é formada pelo quociente entre a renda familiar total ampliada¹⁰ e o número de membros da família. A renda familiar per cápita média é calculada como a soma das rendas familiares per cápita dividida pelo total de famílias. Vale salientar que do total de 2.233 indivíduos, 283 (12,7% do total) faltam informação sobre esta variável. Por intermédio da Tabela 2 é possível verificar a análise descritiva da variável.

Tabela 2 – Análise Descritiva da variável Renda familiar ampliada per cápita

Variável	Total de respostas	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Renda familiar ampliada per cápita	1.950	R\$ 0	R\$ 2.637,5	R\$ 322,6	R\$ 277,5

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

– Definição das variáveis de interesse para a análise de agrupamento segundo o tipo de lazer

Para realizar o agrupamento dos indivíduos segundo as atividades de lazer que os mesmos mencionaram como freqüentemente praticada por eles, foi necessário primeiramente categorizar as atividades citadas nas classes de lazer desenvolvidas neste estudo. No Quadro 4 está a aplicação da categorização sugerida considerando a diversidade de respostas geradas pela questão “Cite, no máximo, três atividades que você faz normalmente nos finais de semana para se divertir” da pesquisa da Fundação SEADE (2005). Desta forma, em vez de 26 categorias (22 pré-existentes mais as que foram 4 criadas para este estudo) passaram a existir sete classes, facilitando as análises posteriores.

¹⁰ Renda familiar total ampliada é a soma dos rendimentos auferidos pelos membros da família no mês anterior ao da pesquisa, provenientes das seguintes fontes: rendimentos brutos do trabalho principal; rendimentos brutos do trabalho adicional; aposentadorias e pensões previdenciárias e alimentícias; auxílios; renda de desempregados e inativos; outras rendas; renda de aluguéis – ampliada; rendimentos financeiros e rendimentos provenientes de programas governamentais (FUNDAÇÃO SEADE, 2005).

Classe de Lazer	Atividade
Físico	Andar de bicicleta/patins ou skate
	Brincar no geral
	Jogar futebol
	Empinar pipa
	Praticar outros esportes
Manual	Realizar trabalhos manuais/ <i>hobbies</i>
Intelectual e de Criação Artística	Participar de grupo musical
	Dançar/ Cantar/ Tocar instrumento musical
	Ler/estudar/desenhar/pintar quadros
Consumo de Midia e Cultura	Ir ao cinema/teatro/shows
	Ouvir música
	Ouvir radio
	Assistir TV
Virtual	Acessar a internet/usar ou jogar no computador
	Jogar video game/fliperama
Sociabilidade Tradicional	Conversar com amigos
	Freqüentar parques
	Ir ao shopping center
	Namorar
	Participar de atividades da associação
	Participar de atividades da igreja
	Freqüentar danceteria/bar/festas
	Ir a restaurantes/ lanchontes/ sorveterias
	Jogar cartas/ dominó/ xadrez/ sinuca
Visitar parentes	
Turístico	Viajar

Quadro 4 – Aplicação da classificação de atividades de lazer

Fonte: Elaboração própria

Cabe lembrar que a questão realizada possibilitava ao indivíduo responder até três atividades normalmente praticadas nos finais de semana para se divertir. Como o formato da pesquisa não permite mensurar exatamente o tempo gasto em cada uma das atividades, ao utilizar a classificação indicada optou-se por avaliar se cada indivíduo havia mencionado ou não determinada categoria (variável *dummy*) e não quantas vezes o indivíduo citou atividades de determinada classe. Por exemplo, se determinado jovem respondeu que usualmente conversa com amigos, freqüenta danceteria e vai ao shopping center (todas da categoria sociabilidade tradicional), ele será classificado como um indivíduo que pratica atividade de sociabilidade tradicional, da mesma forma que um jovem que tenha respondido apenas uma atividade da mesma categoria, como namorar, e nenhuma das demais categorias.

– *Escolha de critérios de parecença e da técnica de agrupamento*

Bussab, Miazaki e Andrade (1990) apontam que um conceito fundamental na utilização das técnicas de análise de agrupamento é a seleção do critério que meça a distância existente entre os objetos, ou melhor, verifique o grau de parecença existente entre eles. Vale salientar que existem, tecnicamente, duas categorias de medidas: de similaridade e de dissimilaridade. Na primeira quanto maior o valor observado mais parecidos são os objetos, como exemplo tem-se o coeficiente de correlação. Enquanto que para a segunda quanto maior o valor observado menos parecidos serão os objetos. Um exemplo de medida de dissimilaridade é a distância euclidiana.

A medida de distância utilizada na formação dos agrupamentos neste estudo foi a variação do log-verossimilhança, uma vez que esta medida é bastante utilizada quando uma ou mais variáveis são categóricas. Esta medida se baseia na distribuição de probabilidade das variáveis. Para este cálculo, considera-se que as variáveis contínuas seguem distribuição normal e as variáveis categóricas são multinomiais (SPSS, 2003).

Quanto ao método utilizado, foi selecionado o *Twostep Cluster* pelo fato deste aceitar tanto variáveis categóricas quanto contínuas, além de ser altamente recomendado para bases de dados grandes e possuir a opção de selecionar o número de agrupamentos automaticamente (utilizando como critério de escolha a variação no BIC ou AIC¹¹) ou manualmente, fixando o número de conglomerados desejado. Ademais, utilizando esta técnica é possível considerar indivíduos que tenham algumas das variáveis de interesse faltando, sem que os mesmos sejam excluídos totalmente da análise.

¹¹ BIC (Schwartz Bayesian Criterion) e AIC (Akaike Information Criterion) são critérios utilizados na determinação do número ótimo de agrupamentos.

Para determinar a quantidade de conglomerados, foram primeiramente realizados alguns testes utilizando o comando automático de quantificação. Ao avaliar estes resultados, pôde-se perceber, no caso do agrupamento sociodemográfico, que algumas variáveis relevantes para o estudo em questão não apareciam significativamente, como, por exemplo, “se possui filhos” e “posição na família”. Quanto ao agrupamento segundo o lazer mencionado, os resultados automáticos geraram 13 agrupamentos o que poderia dificultar a interpretação dos resultados. Desta forma optou-se por determinar o número de agrupamentos observando a evolução dos grupos ao aumentar e diminuir a quantidade solicitada, considerando assim a relevância dos grupos formados para o trabalho em questão, e avaliando também variação da medida de distância BIC, para verificar se ao optar por determinado número de conglomerados haveria um ganho expressivo em comparação com as demais opções.

Após detalhar os procedimentos de análise, realizado neste capítulo, torna-se possível analisar dos dados e interpretar os resultados. Tópicos a serem apresentados no capítulo seguinte.

4 ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Nos dois primeiros tópicos deste capítulo encontram-se descritos os resultados obtidos por meio das duas análises de agrupamento, a sociodemográfica e a referente ao tipo de lazer mencionado pelos entrevistados.

Na seção três estão as etapas analíticas do trabalho, denominadas etapa 1 e 2 no capítulo de métodos e dados, que objetivam identificar diferenças expressivas no comportamento no lazer dos entrevistados conforme o grupo sociodemográfico a que pertencem. Na etapa 1 analisam-se os resultados do cruzamento entre os dois agrupamentos, sociodemográfico e por tipo de lazer mencionado.

Na etapa 2 são abordadas questões complementares do lazer. Para tanto, procurou-se analisar as respostas dos entrevistados quanto às atividades de lazer, freqüentemente realizadas, utilizando outras formas de classificação. Além disso, são analisadas as informações obtidas por meio da questão 2 aplicada pela Fundação SEADE (2005), que visava verificar se o adolescente ou o jovem, rotineiramente, pratica atividades de lazer com familiares e quais são as atividades mais mencionadas por eles. E, por fim, apresenta-se discussão sobre atividades que se destacaram entre as respostas dos entrevistados.

4.1 Formação dos agrupamentos sociodemográficos

Para a formação dos agrupamentos sociodemográficos foram utilizadas seis variáveis categóricas (faixa de idade, gênero e se possui filho, situação conjugal, posição na família, ocupação e escolaridade) e uma discreta (renda familiar ampliada per cápita), conforme detalhamento apresentado no capítulo anterior.

Para determinar a quantidade de agrupamentos sociodemográficos observou-se a evolução dos grupos aumentando a quantidade de agrupamentos fixada, visto que ao utilizar o comando que determinava automaticamente a quantidade ótima, foram gerados apenas três agrupamentos. Aparentemente, o resultado automático limitava algumas análises desejadas no desenvolvimento desta pesquisa, como, por exemplo, analisar as mulheres casadas, que em geral ocupam a posição de cônjuges na família, separadamente dos chefes de família, que são homens em sua maioria. Detalhes desta análise e a relevância da mesma serão apresentados mais adiante.

Observando-se a evolução dos agrupamentos ao aumentar a quantidade solicitada em conjunto com a análise da medida BIC, que avalia o ganho ao optar por determinado número em comparação com os demais, decidiu-se por cinco agrupamentos sociodemográficos.

A seguir, serão detalhados os cinco agrupamentos identificados, segundo as variáveis de interesse. A Tabela 3 apresenta a distribuição dos 2.233 indivíduos entrevistados nos cinco agrupamentos. Pretende-se após esta análise descritiva, encontrar “rótulos” que ilustrem adequadamente as principais características de cada um dos grupos sociodemográficos.

Tabela 3 – Distribuição dos entrevistados nos agrupamentos sociodemográficos

Agrupamento	Quantidade de pessoas	% do total
1	373	16,70%
2	705	31,60%
3	813	36,40%
4	235	10,50%
5	107	4,80%
Total	2.233	100,00%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

– *Descrição dos agrupamentos sociodemográficos*

As tabelas apresentadas a seguir estão estruturadas da seguinte forma:

– nas primeiras linhas segue a descrição das variáveis categóricas, sendo que nesta parte da tabela a primeira coluna apresenta a quantidade de pessoas em cada uma das categorias das variáveis de interesse (qtde.), na segunda coluna está o percentual que representa dentro da categoria em análise (Cat. %) e na terceira coluna o percentual dentro do agrupamento em questão (Agrup. %).

– nas duas últimas linhas da tabela são apresentados os resultados da variável discreta analisada. Neste caso, a primeira coluna refere-se à quantidade de entrevistados que revelaram a informação solicitada adequadamente (% válido), na segunda coluna está a média do agrupamento em questão (Média) e a terceira coluna o desvio padrão do mesmo (DP).

AGRUPAMENTO 1

Ao analisar os dados da Tabela 4, percebe-se que o agrupamento 1 é composto, de maneira relativamente equilibrada, por homens e mulheres sem filhos que têm entre 12 e 14 anos, são solteiros, ocupam a posição de filho/enteado dentro da família, apenas estudam e estão cursando o ensino fundamental. Desta forma, este grupo foi denominado de “estudantes crianças”.

Tabela 4 – Análise descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 1

Variável	Categoria	Qtde	Cat %	Agrup %
Faixas de Idade	de 12 a 14 anos	373	77,2%	100,0%
	de 15 a 17 anos			
	de 18 a 20 anos			
	de 21 a 24 anos			
Situação Conjugal	Solteiro	373	20,0%	100,0%
	Casado			
	União consensual			
	Separado/ Viúvo			
Posição na família	Chefe			
	Cônjuge			
	Filho/Enteado	373	23,0%	100,0%
	Outro Parente			
	Outro			
Gênero e se possui filho	Homem	201	18,1%	53,9%
	Mulher sem filho	172	20,0%	46,1%
	Mulher com filho			
Ocupação	não estuda, nem trabalha			
	apenas estuda	373	40,2%	100,0%
	apenas trabalha			
	estuda e trabalha			
Escolaridade	nunca frequentou/ abandonou			
	cursando ensino fundamental	373	63,0%	100,0%
	concluiu ensino fundamental			
	concluiu ensino médio			
	concluiu ensino superior			
Total Geral		373	16,7%	100,0%
Variável	Discreta	% válido	Média	DP
Renda familiar ampliada per cápita		91%	R\$ 245	R\$ 214

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 2

Os dados da Tabela 5 demonstram que neste grupo há presença equilibrada entre homens e mulheres sem filho, predominantemente entre 15 e 17 anos (69,8% dos entrevistados dentro desse grupo), solteiros, que em geral são filhos/enteados, mas há também significativa presença de outros parentes (15,5% dos entrevistados dentro desse grupo).

Quanto à ocupação e escolaridade, percebe-se o início de uma fase de transição. Mais de 90% dos indivíduos deste grupo estudam, sendo que grande parte passou para o ensino médio e um percentual significativo já ingressou no mercado de trabalho, procurando conciliar trabalho e estudo. Este grupo foi nomeado “estudantes adolescentes”

Tabela 5 – Análise descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 2

Variável	Categoria	Qtde	Cat %	Agrup %
Faixas de Idade	de 12 a 14 anos	105	21,7%	14,9%
	de 15 a 17 anos	492	90,4%	69,8%
	de 18 a 20 anos	92	17,6%	13,0%
	de 21 a 24 anos	16	2,3%	2,3%
Situação Conjugal	Solteiro	703	37,6%	99,7%
	Casado			
	União consensual	1	0,5%	0,1%
	Separado/ Viúvo	1	8,3%	0,1%
Posição na família	Chefe	1	0,7%	0,1%
	Cônjuge			
	Filho/Enteado	591	36,4%	83,8%
	Outro Parente	109	46,6%	15,5%
	Outro	4	33,3%	0,6%
Gênero e se possui filho	Homem	372	33,6%	52,8%
	Mulher sem filho	327	37,9%	46,4%
	Mulher com filho	6	2,3%	0,9%
Ocupação	não estuda, nem trabalha	49	9,9%	7,0%
	apenas estuda	511	55,1%	72,5%
	apenas trabalha	8	1,3%	1,1%
	estuda e trabalha	137	63,4%	19,4%
Escolaridade	nunca frequentou/ abandonou	40	16,2%	5,7%
	cursando ensino fundamental	213	36,0%	30,2%
	concluiu ensino fundamental	452	66,1%	64,1%
	concluiu ensino médio			
	concluiu ensino superior			
Total Geral		705	31,6%	100,0%
Variável	Discreta	% válido	Média	DP
Renda familiar ampliada per cápita		88%	R\$ 297	R\$ 268

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 3

As variáveis determinantes na formação deste grupo foram escolaridade, ocupação e idade. A Tabela 6 revela expressiva presença de jovens, entre 18 e 24 anos, que já se formaram no ensino médio. Vale destacar também que 81,3% dos entrevistados que finalizaram o ensino superior estão neste grupo, ainda que haja no total um número de pessoas pequeno dentro desta categoria.

No que diz respeito à ocupação, mais de 60% dos entrevistados deste grupo trabalham, sendo que parte deles trabalham e estudam (8% do total dentro do agrupamento). Vale salientar que não há um número muito elevado de indivíduos que estudam neste agrupamento (8% estudam e trabalham e 3,2% apenas estudam) e algo que também chama bastante atenção é o significativo percentual de pessoas que não estudam e nem trabalham dentro do agrupamento (35,1% do total).

Ainda sobre o grupo 3, predominam jovens solteiros, que são filhos/enteados (80,7% dentro do agrupamento) ou outros parentes (13,5% dentro do agrupamento) dentro da família. Quanto ao gênero, nota-se certo equilíbrio, 52,4% são homens e 47,6% mulheres. Vale destacar a presença de 92 mulheres com filho dentro do agrupamento, que representam 11,3% do total de pessoas do grupo 3.

Optou-se por designar este grupo de “jovens solteiros trabalhadores”, mesmo sabendo da existência de 35,1% de pessoas que não estudam nem trabalham, visto que o número de pessoas que trabalham é relativamente superior aos outros agrupamentos, exceto o agrupamento 5 que será detalhado mais adiante.

Tabela 6 – Análise descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 3

Variável	Categoria	Qtde	Cat %	Agrup %
Faixas de Idade	de 12 a 14 anos	4	0,8%	0,5%
	de 15 a 17 anos	39	7,2%	4,8%
	de 18 a 20 anos	351	67,1%	43,2%
	de 21 a 24 anos	419	61,3%	51,5%
Situação Conjugal	Solteiro	792	42,4%	97,4%
	Casado	4	2,6%	0,5%
	União consensual	6	3,0%	0,7%
	Separado/ Viúvo	11	91,7%	1,4%
Posição na família	Chefe	39	27,1%	4,8%
	Cônjuge			
	Filho/Enteado	656	40,4%	80,7%
	Outro Parente	110	47,0%	13,5%
	Outro	8	66,7%	1,0%
Gênero e se possui filho	Homem	426	38,4%	52,4%
	Mulher sem filho	295	34,2%	36,3%
	Mulher com filho	92	35,0%	11,3%
Ocupação	não estuda, nem trabalha	285	57,6%	35,1%
	apenas estuda	26	2,8%	3,2%
	apenas trabalha	437	73,4%	53,8%
	estuda e trabalha	65	30,1%	8,0%
Escolaridade	nunca frequentou/ abandonou	107	43,3%	13,2%
	cursando ensino fundamental			
	concluiu ensino fundamental	144	21,1%	17,7%
	concluiu ensino médio	549	79,1%	67,5%
	concluiu ensino superior	13	81,3%	1,6%
Total Geral		813	36,4%	100,0%
Variável	Discreta	% válido	Média	DP
Renda familiar ampliada per cápita		83%	R\$ 388	R\$ 306

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 4

Grupo composto por 93,2% de cônjuges, o que explica a predominância de mulheres, (98,7% dos entrevistados dentro desse grupo) casadas ou que vivem em união consensual. Além disso, há alto percentual de mulheres com filho (70,2% dos entrevistados dentro desse grupo).

Quanto às demais variáveis, destaca-se a forte presença de jovens entre 21 e 24 anos. Ressalta-se ainda o significativo grupo de pessoas que não estudam nem trabalham (58,7% dos entrevistados dentro desse grupo) e que nunca freqüentaram ou abandonaram a escola antes de concluir o ensino fundamental (31,5% dos entrevistados dentro desse grupo). Após analisar as características do agrupamento, demonstradas na Tabela 7, decidiu-se nomeá-lo de “mulheres-cônjuges com filho”.

Tabela 7 – Análise Descritiva do Agrupamento Sócio-Demográfico 4

Variável	Categoria	Qtde	Cat %	Agrup %
Faixas de Idade	de 12 a 14 anos			
	de 15 a 17 anos	13	2,4%	5,5%
	de 18 a 20 anos	63	12,0%	26,8%
	de 21 a 24 anos	159	23,3%	67,7%
Situação Conjugal	Solteiro			
	Casado	102	65,8%	43,4%
	União consensual	133	67,5%	56,6%
	Separado/ Viúvo			
Posição na família	Chefe	1	0,7%	0,4%
	Cônjuge	219	100,0%	93,2%
	Filho/Enteado	3	0,2%	1,3%
	Outro Parente	12	5,1%	5,1%
	Outro			
Gênero e se possui filho	Homem	3	0,3%	1,3%
	Mulher sem filho	67	7,8%	28,5%
	Mulher com filho	165	62,7%	70,2%
Ocupação	não estuda, nem trabalha	138	27,9%	58,7%
	apenas estuda	14	1,5%	6,0%
	apenas trabalha	77	12,9%	32,8%
	estuda e trabalha	6	2,8%	2,6%
Escolaridade	nunca frequentou/ abandonou	74	30,0%	31,5%
	cursando ensino fundamental	2	0,3%	0,9%
	concluiu ensino fundamental	57	8,3%	24,3%
	concluiu ensino médio	100	14,4%	42,6%
	concluiu ensino superior	2	12,5%	0,9%
Total Geral		235	10,5%	100,0%
Variável	Discreta	% válido	Média	DP
Renda familiar ampliada per cápita		90%	R\$ 323	R\$ 274

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 5

Na Tabela 8 é possível verificar que duas variáveis foram determinantes na formação deste agrupamento que são posição na família e situação conjugal. Este grupo é composto basicamente por chefes de família, casados ou que vivem em união consensual.

Os entrevistados são em geral mais velhos, ou seja, entre 21 e 24 anos (83,2% dos entrevistados dentro desse grupo), homens (99,1% dos entrevistados dentro desse grupo), que trabalham (ao somar com a categoria “estuda e trabalha”, representam mais de 75% do total do grupo) e apresentam escolaridade média.

Vale destacar também neste grupo a existência de jovens que não estudam e nem trabalham (21,5% dos entrevistados dentro desse grupo) e que nunca freqüentaram ou abandonaram a escola antes de concluir o ensino fundamental (24,3% dos entrevistados dentro desse grupo).

Considerando-se as características que predominam dentro deste grupo, decidiu-se denominá-lo de grupo dos “homens-chefes de família”.

Tabela 8 – Análise descritiva do Agrupamento Sociodemográfico 5

Variável	Categoria	Qtde	Cat %	Agrup %
Faixas de Idade	de 12 a 14 anos	1	0,2%	0,9%
	de 15 a 17 anos			
	de 18 a 20 anos	17	3,3%	15,9%
	de 21 a 24 anos	89	13,0%	83,2%
Situação Conjugal	Solteiro	1	0,1%	0,9%
	Casado	49	31,6%	45,8%
	União consensual	57	28,9%	53,3%
	Separado/ Viúvo			
Posição na família	Chefe	103	71,5%	96,3%
	Cônjuge			
	Filho/Enteado	1	0,1%	0,9%
	Outro Parente	3	1,3%	2,8%
	Outro			
Gênero e se possui filho	Homem	106	9,6%	99,1%
	Mulher sem filho	1	0,1%	0,9%
	Mulher com filho			
Ocupação	não estuda, nem trabalha	23	4,6%	21,5%
	apenas estuda	3	0,3%	2,8%
	apenas trabalha	73	12,3%	68,2%
	estuda e trabalha	8	3,7%	7,5%
Escolaridade	nunca frequentou/ abandonou	26	10,5%	24,3%
	cursando ensino fundamental	4	0,7%	3,7%
	concluiu ensino fundamental	31	4,5%	29,0%
	concluiu ensino médio	45	6,5%	42,1%
	concluiu ensino superior	1	6,3%	0,9%
Total Geral		107	4,8%	100,0%
Variável	Discreta	% válido	Média	DP
Renda familiar ampliada per cápita		95%	R\$ 302	R\$ 237

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

RESUMO DOS AGRUPAMENTOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Após analisar e descrever cada um dos agrupamentos, foi possível encontrar nomes que resumissem as principais características de cada um deles. Sendo assim, na Tabela 9 apresentam-se os cinco agrupamentos com os respectivos nomes designados, bem como a distribuição dos entrevistados nos diversos grupos.

Tabela 9 – Denominação dos grupos e distribuição dos entrevistados por agrupamentos sociodemográficos

Agrupamento	Denominação	Quantidade de pessoas	% do total
1	Estudante criança	373	16,70%
2	Estudante adolescente	705	31,60%
3	Jovem solteiro trabalhador	813	36,40%
4	Mulher cônjuge com filho	235	10,50%
5	Homem chefe de família	107	4,80%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Percebe-se pelos resultados da análise de agrupamento sociodemográfico que os grupos foram determinados, predominantemente, segundo duas dimensões: posição no ciclo familiar e posição no ciclo de vida profissional. A primeira dimensão foi medida, principalmente, pelas variáveis situação conjugal, posição na família e “gênero e se possui filhos”. Enquanto que a posição no ciclo profissional pelas variáveis: escolaridade, ocupação e renda per cápita familiar. A faixa de idade está presente nas duas dimensões.

4.2 Formação dos agrupamentos segundo o tipo de lazer mencionado

Antes de descrever as características dos agrupamentos identificados, faz-se necessário tecer alguns comentários retomando os procedimentos de análise. Primeiramente, as 26 atividades de lazer mencionadas pelos entrevistados foram qualificadas nas sete categorias de lazer, segundo a classificação desenvolvida neste estudo, que são lazer físico; intelectual e de criação artística; consumo de mídia e cultura; virtual; sociabilidade tradicional; turístico e manual.

Para realizar a análise de agrupamento, concluiu-se que seria mais apropriado identificar se cada indivíduo havia mencionado ou não determinada categoria de lazer (variável *dummy*) e não quantas vezes o indivíduo citou atividades de determinada classe. Sendo assim, hipoteticamente, se um indivíduo mencionar três diferentes atividades que se encaixam na categoria “lazer físico”, este seria classificado da mesma forma que um indivíduo que mencionasse apenas que joga futebol, atividade que também se enquadrava na categoria “lazer físico”. Os dois indivíduos seriam considerados indivíduos que apresentam “sim” para o lazer físico e “não” para as demais categorias de lazer.

Para determinar a quantidade de conglomerados, realizou-se o mesmo processo do agrupamento sociodemográfico. Inicialmente, foi utilizado o comando automático de quantificação, o que resultou em 13 agrupamentos. Ao desenvolver algumas análises iniciais, notou-se que esta quantidade estava dificultando a interpretação dos resultados e, além disso, percebeu-se que havia outras opções de agrupamentos interessantes que não comprometiam os resultados.

Desta forma, optou-se por determinar o número de conglomerados observando a evolução dos grupos ao diminuir a quantidade solicitada, considerando assim a relevância dos grupos formados para o trabalho em questão e avaliando também a variação da medida de distância BIC. Após estudar as diversas possibilidades, selecionou-se a opção que gerava nove agrupamentos segundo o tipo de lazer mencionado.

A seguir, serão detalhados os nove agrupamentos identificados, segundo as categorias de lazer utilizadas. A Tabela 10 apresenta a distribuição dos 2.233 indivíduos nos nove agrupamentos. Objetiva-se após esta análise descritiva, encontrar “rótulos” que resumam adequadamente as principais categorias de atividades mencionadas pelos entrevistados em cada um dos agrupamentos.

Vale salientar que se determinado indivíduo for classificado em determinado agrupamento, por exemplo, em que as pessoas só responderam atividades da categoria de lazer físico, não significa dizer que ele só realize atividades, para se divertir aos finais de semana, que estejam dentro desta categoria. Acredita-se, no entanto, que pelo fato de ele ter respondido apenas atividades que se encaixam nesta categoria, há indícios de que este indivíduo preferencialmente opta por atividades de lazer físico.

Tabela 10 – Distribuição dos indivíduos nos agrupamentos segundo o tipo de lazer mencionado

Agrupamento	Quantidade de pessoas	% do total
1	469	21,00%
2	192	8,60%
3	70	3,10%
4	130	5,80%
5	231	10,30%
6	438	19,60%
7	191	8,50%
8	261	11,70%
9	251	11,20%
Total	2.233	100,00%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

– Descrição dos agrupamentos segundo o tipo de lazer mencionado

As tabelas apresentadas a seguir estão estruturadas da seguinte maneira: a primeira coluna da tabela apresenta a quantidade de pessoas classificadas em cada uma das categorias de lazer analisadas (qtde.), na segunda coluna está o percentual que representa dentro da categoria de lazer em questão (Cat. %) e a terceira coluna o percentual dentro do agrupamento (Agrup. %).

AGRUPAMENTO 1. Na Tabela 11 é possível visualizar que este grupo é composto por indivíduos que mencionaram na sua totalidade praticar atividades classificadas como lazer de consumo de mídia e cultura e lazer de sociabilidade tradicional. Este grupo foi definido como freqüentadores de consumo de mídia/ cultura e de sociabilidade tradicional.

AGRUPAMENTO 2. Conforme apresentado na Tabela 11, o agrupamento 2 concentra entrevistados na sua totalidade informam praticar algum tipo de lazer virtual, mas que, em alguns casos, demonstraram optar também por outros tipos de lazer além do virtual como o físico (60,4% dos entrevistados deste grupo), de consumo de mídia e cultura (45,3% dos entrevistados deste grupo) e/ ou de sociabilidade tradicional (35,9% dos entrevistados deste grupo). Este grupo foi nomeado de freqüentadores de lazer “virtual e outras categorias”.

Tabela 11 – Análise descritiva dos Agrupamentos 1 e 2, segundo o tipo de lazer

Categoria de lazer	Agrupamento 1			Agrupamento 2		
	Qtde	Cat %	Agrup %	Qtde	Cat %	Agrup %
Físico	0			116	13,2%	60,4%
Intelectual e criação artística						
Consumo de mídia e cultura	469	41,7%	100,0%	87	7,7%	45,3%
Virtual				192	94,6%	100,0%
Sociabilidade tradicional	469	32,0%	100,0%	69	4,7%	35,9%
Turístico						
Manual	3	42,9%	0,6%			
Total	469	21,0%	100,0%	192	8,6%	100,0%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 3. Os resultados demonstrados na Tabela 12 revelam que os entrevistados do agrupamento 3 afirmam na sua totalidade que viajam com freqüência nos finais de semana. Além do lazer turístico, os entrevistados deste grupo mencionaram realizar outras atividades de lazer, como de sociabilidade tradicional (71,4% dos entrevistados deste grupo), de consumo de mídia e cultura (38,6% dos entrevistados deste grupo), física (22,9% dos entrevistados deste grupo) e/ou intelectual (2,9% dos entrevistados deste grupo). Sendo assim, denominou-se o agrupamento 3 de freqüentadores de lazer “turístico e outras categorias”.

AGRUPAMENTO 4. No agrupamento 4, segundo os dados apresentados na Tabela 12, estão os entrevistados que na sua totalidade mencionaram realizar atividades de lazer intelectual e criação artística. Percebe-se que há certa heterogeneidade quanto a outras atividades de lazer mencionadas por estes indivíduos. Desta forma, este grupo foi nomeado freqüentadores de lazer “intelectual e criação artística e outras categorias”.

Tabela 12 – Análise descritiva dos Agrupamentos 3 e 4, segundo o tipo de lazer

Categoria de lazer	Agrupamento 3			Agrupamento 4		
	Qtde	Cat %	Agrup %	Qtde	Cat %	Agrup %
Físico	16	1,8%	22,9%	43	4,9%	33,1%
Intelectual e criação artística	2	1,5%	2,9%	130	98,5%	100,0%
Consumo de mídia e cultura	27	2,4%	38,6%	61	5,4%	46,9%
Virtual				11	5,4%	8,5%
Sociabilidade tradicional	50	3,4%	71,4%	60	4,1%	46,2%
Turístico	70	98,6%	100,0%	1	1,4%	0,8%
Manual				2	28,6%	1,5%
Total	70	3,1%	100,0%	130	5,8%	100,0%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 5. No agrupamento 5 concentram-se os adolescentes e jovens pesquisados que praticamente mencionaram realizar apenas atividades de lazer classificadas na categoria consumo de mídia e cultura, como pode ser visto na Tabela 13. Estes foram classificados como freqüentadores de lazer “de mídia e cultura”.

AGRUPAMENTO 6. Conforme apresentado na Tabela 13, o agrupamento 6 é composto por pessoas que praticam na sua totalidade algum tipo de lazer de sociabilidade tradicional. O que remete a nomeá-los de freqüentadores de lazer de “sociabilidade tradicional”

Tabela 13 – Análise descritiva dos Agrupamentos 5 e 6, segundo o tipo de lazer

Categoria de lazer	Agrupamento 5			Agrupamento 6		
	Qtde	Cat %	Agrup %	Qtde	Cat %	Agrup %
Físico						
Intelectual e criação artística						
Consumo de mídia e cultura	231	20,5%	100,0%			
Virtual						
Sociabilidade tradicional				438	29,9%	100,0%
Turístico						
Manual	1	14,3%	0,4%			
Total	231	10,3%	100,0%	438	19,6%	100,0%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 7. Já no agrupamento 7 encontram-se os indivíduos pesquisados que mencionaram praticar apenas atividades de lazer físico, segundo os dados apresentados na Tabela 14. Sendo assim, denominou-se este agrupamento de freqüentadores de lazer “físico”.

AGRUPAMENTO 8. Nota-se na Tabela 14, que no caso do agrupamento 8 estão os adolescentes e jovens entrevistados que na sua totalidade dizem realizar atividades de lazer físico e de sociabilidade tradicional. Este grupo foi nomeado freqüentadores de lazer “físico e de sociabilidade tradicional”.

Tabela 14 – Análise descritiva dos Agrupamentos 7 e 8, segundo o tipo de lazer

Categoria de lazer	Agrupamento 7			Agrupamento 8		
	Qtde	Cat %	Agrup %	Qtde	Cat %	Agrup %
Físico	191	21,8%	100,0%	261	29,7%	100,0%
Intelectual e criação artística						
Consumo de mídia e cultura						
Virtual						
Sociabilidade tradicional				261	17,8%	100,0%
Turístico						
Manual						
Total	191	8,6%	100,0%	261	11,7%	100,0%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

AGRUPAMENTO 9. Por fim, no agrupamento 9 concentram-se os entrevistados que afirmaram na sua totalidade realizar atividades da categoria de lazer físico e de consumo de mídia e cultura. Como pode ser visualizado na Tabela 15, além destas duas categorias de lazer, 46,6% deste grupo afirmaram praticar atividades de sociabilidade tradicional. Desta forma, este agrupamento foi denominado de freqüentadores de lazer “físico e de consumo de mídia/cultura”.

Tabela 15 – Análise descritiva do Agrupamento 9, segundo o tipo de lazer

Categoria de lazer	Agrupamento 9		
	Qtde	Cat %	Agrup %
Físico	251	28,6%	100,0%
Intelectual e criação artística			
Consumo de mídia e cultura	251	22,3%	100,0%
Virtual			
Sociabilidade tradicional	117	8,0%	46,6%
Turístico			
Manual	1	14,3%	0,4%
Total	251	11,2%	100,0%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

RESUMO DOS AGRUPAMENTOS POR TIPO DE LAZER MENCIONADO

Após analisar e descrever cada um dos agrupamentos, foram escolhidos nomes que resumissem as principais características de cada um deles. Sendo assim, na Tabela 16 apresentam-se os nove agrupamentos com os respectivos nomes designados, bem como a distribuição dos entrevistados nos diversos grupos.

Tabela 16 – Denominação dos grupos e distribuição dos entrevistados por agrupamento segundo o tipo de lazer mencionado

Agrupamento	Entrevistados freqüentadores de	Quantidade de pessoas	% do total
1	Consumo de mídia/cultura e sociabilidade tradicional	469	21,0%
2	Virtual e outras categorias	192	8,6%
3	Turístico e outras categorias	70	3,1%
4	Intelectual/Criação artística e outras categorias	130	5,8%
5	Consumo de mídia/cultura	231	10,3%
6	Sociabilidade tradicional	438	19,6%
7	Físico	191	8,5%
8	Físico e Sociabilidade tradicional	261	11,7%
9	Físico e Consumo de mídia/Cultura	251	11,2%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

4.3 Interpretação dos resultados

4.3.1 - Etapa 1: Cruzamento entre agrupamentos sociodemográficos e tipos de lazer mencionados nas entrevistas

Antes de iniciar a primeira etapa analítica da pesquisa, faz-se necessário explicar aspectos relacionados com os procedimentos de análise.

Ao realizar os dois agrupamentos, cada entrevistado foi classificado de duas formas, de acordo com suas características sociodemográficas e segundo o tipo de lazer mencionado por ele. O objetivo de cruzar os dois agrupamentos está em procurar indícios da existência de diferenças no tipo de lazer mencionado dependendo do agrupamento sociodemográfico a que pertence.

Para auxiliar na análise, foi criada uma medida, designada como indicador de comportamento, que busca verificar se, em cada um dos cinco agrupamentos sociodemográfico, as preferências por um tipo de lazer específico são influenciadas pelo agrupamento sociodemográfico a que pertencem os entrevistados.

O indicador de comportamento foi definido da seguinte maneira: valor observado dividido por valor esperado; onde:

- valor observado é o percentual de entrevistados que manifestaram uma determinada preferência por tipo de lazer e pertencem a um determinado agrupamento sociodemográfico;
- valor esperado é o percentual de entrevistados em cada um dos cruzamentos, caso as variáveis “agrupamento sociodemográficos” e “agrupamento por tipo de lazer mencionado pelos entrevistados” fossem independentes.¹²

¹² Para encontrar o valor esperado de cada um dos cruzamentos, assume-se que o percentual da ocorrência conjunta (pertencer a determinado agrupamento sociodemográfico e ao mesmo tempo

Quando o indicador de comportamento apresentar resultados diferentes de 1 (sejam inferiores ou superiores) há evidências de que o comportamento no lazer dos entrevistados difere em função do agrupamento sociodemográfico. Quanto mais afastado de 1 for o resultado, mais forte será essa evidência.

Se o indicador for superior a 1, conclui-se que aquele agrupamento sociodemográfico apresenta preferência por aquele tipo de lazer. Por outro lado, se o indicador for inferior a 1, entende-se que aquele tipo de lazer é menos freqüente do que o esperado para aquele agrupamento sociodemográfico caso as variáveis fossem independentes.

Na Tabela 17 estão os resultados já consolidados do índice de comportamento referido. Para facilitar a visualização, os resultados foram destacados em negrito quando o valor observado superou o esperado.

Percebe-se que há indícios do comportamento no lazer ser distinto conforme o grupo sociodemográfico a que pertence o entrevistado, visto que os indicadores de comportamento se mostraram bem diferentes.

TABELA 17 – Indicador de comportamento – agrupamento sociodemográfico versus agrupamento segundo o tipo de lazer.

INDICADOR DE COMPORTAMENTO	Estudante criança	Estudante adolescente	Jovem solteiro trabalhador	Mulher cônjuge com filho	Homem chefe de família
Consumo de Mídia/Cultura e Sociabilidade tradicional	0,60	0,86	1,17	1,50	0,93
Virtual e outras categorias	1,75	1,29	0,64	0,30	0,76
Turístico e outras categorias	0,60	0,59	1,61	1,09	0,30
Intelectual/Criação artística e outras categorias	1,01	1,12	1,12	0,29	0,80
Consumo de Mídia/Cultura	0,47	0,66	1,14	2,30	1,17
Sociabilidade tradicional	0,60	0,90	1,11	1,61	0,91
Físico	1,97	1,36	0,52	0,10	0,87
Físico e Sociabilidade tradicional	1,31	1,14	0,91	0,22	1,44
Físico e Consumo de Mídia/Cultura	1,41	1,16	0,88	0,19	1,25

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Objetivando-se melhor compreender estas diferenças, será realizada análise de cada um dos agrupamentos sociodemográficos frente aos resultados do agrupamento segundo o tipo de lazer mencionado.

Estudante criança

Ao analisar os indicadores de comportamento dentro do agrupamento sociodemográfico “estudante criança” nota-se certa preferência por atividades de lazer físico. Todos os agrupamentos segundo o tipo de lazer em que a categoria lazer físico aparecia, o grupo dos estudantes crianças apresentaram indicadores superiores a 1. Sendo que no agrupamento em que os entrevistados responderam apenas atividades de lazer físico o indicador de comportamento quase atingiu o indicador 2, revelando que há fortes indícios de que este grupo sociodemográfico interfere neste tipo de lazer escolhido.

O agrupamento “lazer virtual e outras categorias” também chama atenção em se tratando do grupo de estudantes crianças, conforme apresentado no Gráfico 9. A atividade lazer que mais influencia este resultado positivo é “jogar videogame/ fliperama” que se mostrou bastante freqüente dentro do agrupamento estudantes crianças (11,80% dos entrevistados deste grupo mencionaram realizar com freqüência esta atividade enquanto que a média de todos os entrevistados foi 6,18%).

Há, por outro lado, agrupamentos por tipo de lazer que se mostraram menos presentes entre os estudantes crianças que são “consumo de mídia/cultura e sociabilidade tradicional”, “turístico e outras categorias”, “consumo de mídia/cultura” e “sociabilidade tradicional”.

Aparentemente, estes resultados indicam que para o agrupamento estudantes crianças não enfatizam a sociabilidade no lazer.

Quanto ao consumo de mídia/cultura, apesar de haver parcela significativa de entrevistados dentro deste agrupamento que mencionou assistir TV com freqüência como lazer (35,59% dos entrevistados dentro do grupo), percebe-se que os mesmos estudantes crianças também afirmam, além desta, realizar outras categorias de lazer como o físico, virtual ou intelectual.

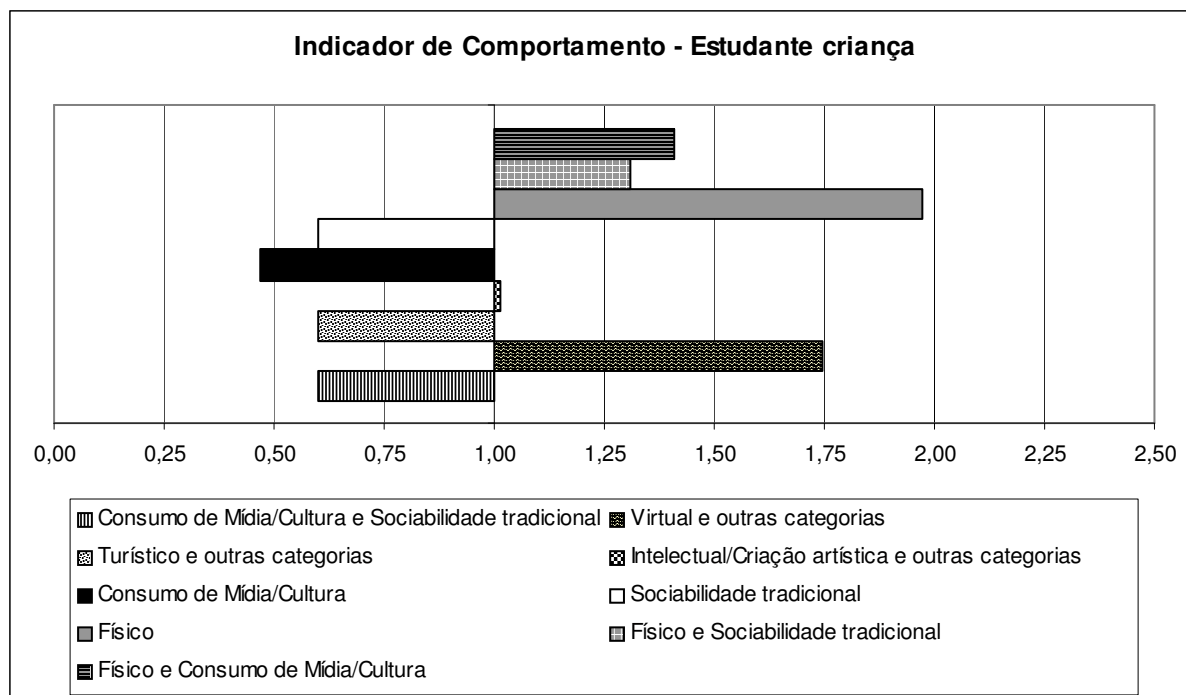


Gráfico 9 – Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Estudante criança

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Estudante adolescente

Quando se observa o indicador de comportamento do grupo de estudantes adolescentes, tornam-se visíveis semelhanças de conduta com o grupo anteriormente analisado. A medida demonstrada no Gráfico 10 revela que dentro deste grupo de entrevistados também há evidências de preferência por atividades de lazer físico e virtual em oposição a atividades de lazer de sociabilidade tradicional, de consumo de mídia/cultura e turístico. O que diferencia o agrupamento dos estudantes crianças dos estudantes adolescentes é que os resultados são mais extremados no primeiro caso, visto que os indicadores de comportamento estão mais distantes de 1.

Considerando-se que neste grupo encontram-se os adolescentes, arrisca-se dizer que as opções de lazer estão passando por uma fase de transição o que ajuda a explicar este cenário semelhante ao dos estudantes crianças, mas menos acentuado.

Ressaltam-se principalmente aumento nos indicadores relacionados com os agrupamentos que contêm atividades de sociabilidade tradicional, em especial “consumo de mídia/ cultura e sociabilidade tradicional” e “sociabilidade tradicional”, o que pode ser explicado pelo início da inserção dos indivíduos no mercado de trabalho (20% dos entrevistados deste grupo já trabalham ao passo que no agrupamento dos estudantes crianças este percentual era nulo), bem como o despertar do interesse por atividades freqüentadas por indivíduos do sexo oposto, que nas faixas de idade inferiores tende a ser menor.

Vale destacar também o resultado relacionado com o agrupamento “intelectual/ criação artística e outras categorias”, que de certa forma apresenta indicador elevado, acima de 1. Nesta categoria duas atividades parecem ser as principais responsáveis por este desempenho: “ir ao cinema/ teatro/ shows” e “dançar/ cantar e tocar instrumentos musicais”.

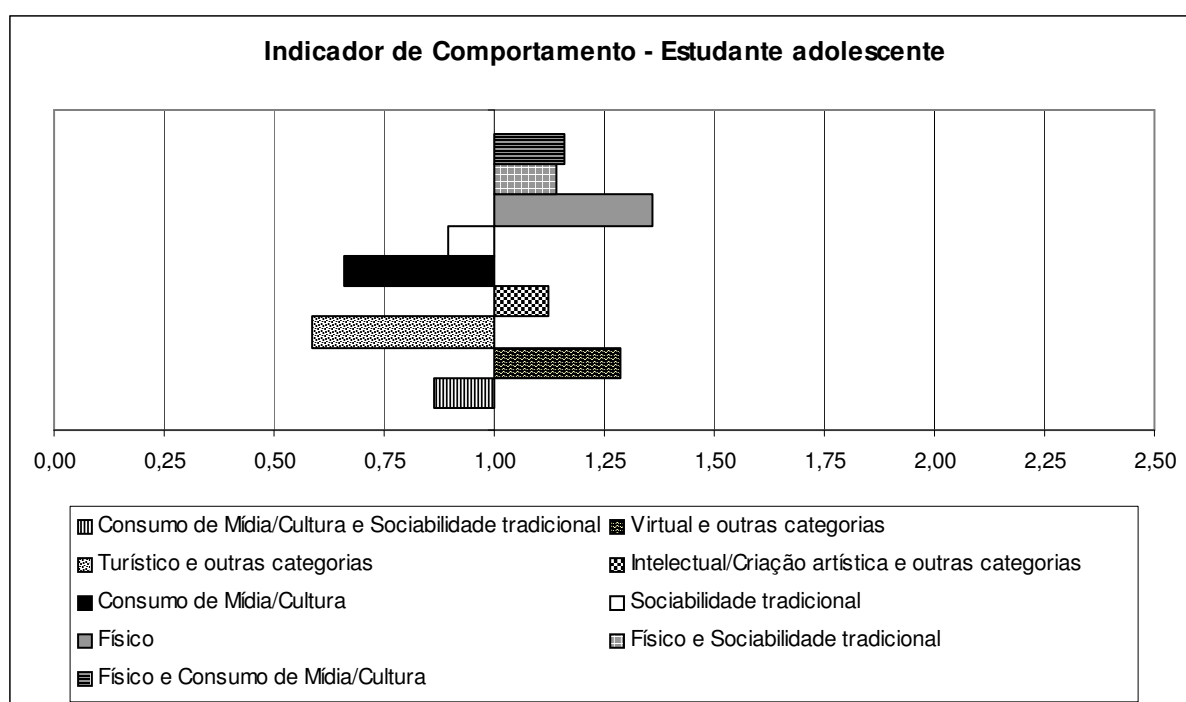


Gráfico 10 – Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Estudante adolescente

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Jovem solteiro trabalhador

Ao interpretar os resultados apresentados pelo grupo denominado jovens solteiros trabalhadores nota-se que a tendência de comportamento passa a ser bem diferente dos dois grupos analisados.

As atividades de lazer físico e virtual, aparentemente, deixam de ser tão procuradas, resultado revelado pela redução relativa de entrevistados classificados nos agrupamentos que contêm atividades desta categoria. Por outro lado, as atividades de lazer de sociabilidade tradicional, de consumo de mídia/cultura e turístico passam a ser mais freqüentes, se comparadas com os resultados dos agrupamentos dos estudantes criança e estudantes adolescentes. O Gráfico 11 deixa claro esta modificação.

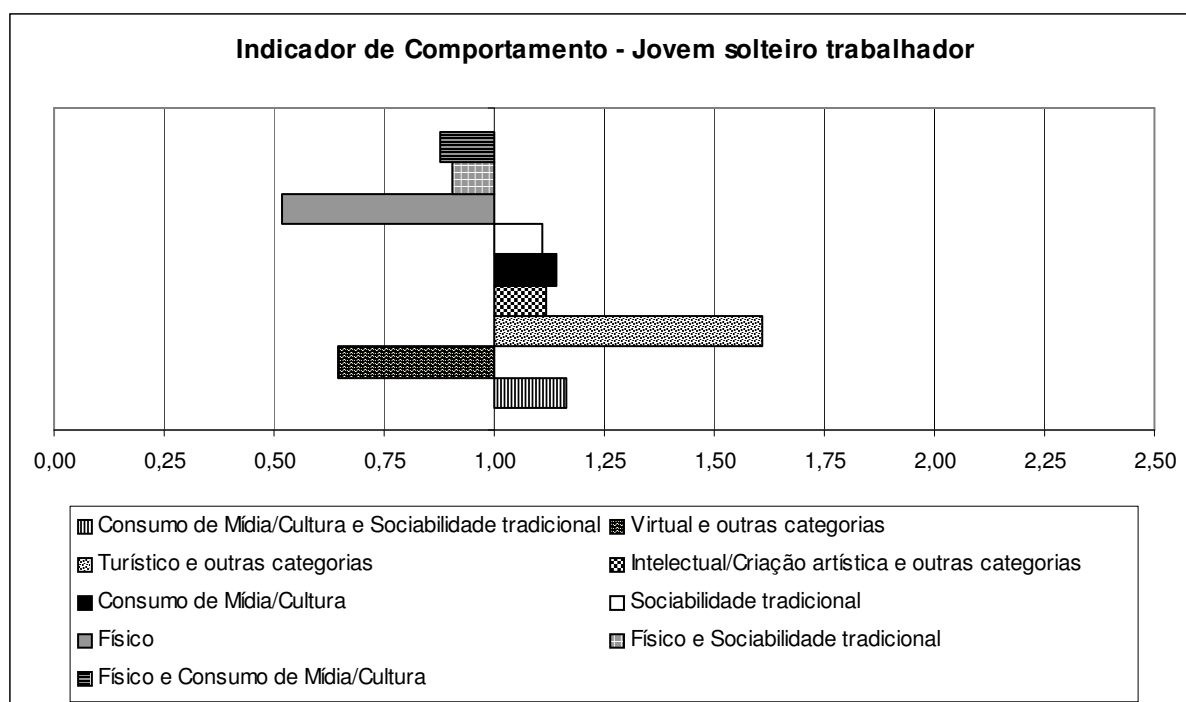


Gráfico 11 – Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Jovem solteiro trabalhador

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

O único indicador que apresenta comportamento similar ao apresentado pelo grupo de estudantes adolescentes é o do agrupamento “intelectual/ criação artística e outras categorias”.

Faz-se necessário destacar dois aspectos no caso dos jovens solteiros trabalhadores. Primeiramente, salienta-se que este grupo é composto, predominantemente, por pessoas que possuem mais de 18 anos e, além disso, mais de 60% estão trabalhando. Acredita-se que estes fatores podem interferir nas escolhas dentro do campo do lazer, visto que se entende que estes indivíduos estão atingindo relativa independência dos pais. O que talvez explique o número de jovens deste grupo que mencionaram viajar nos finais de semana (lazer turístico), bem como a preferência evidenciada por lazer de sociabilidade tradicional, que se mostrou bastante influenciada por atividades como “freqüentar danceteria/ bar/ festa”.

Mulher cônjuge com filho

O agrupamento das mulheres cônjuges, com mais de 70% delas com filhos, apresentou o comportamento mais díspar frente aos demais. Fato que deve estar relacionado à grande mudança ocorrida no estágio de vida ao assumir um compromisso efetivo principalmente pelo nascimento do filho.

O primeiro aspecto a ser destacado é a importância que a categoria “consumo de mídia/cultura” passa a exercer neste grupo. O indicador de comportamento ultrapassa 2,25, o que significa dizer que o número de entrevistados classificado nesta categoria foi 225% superior do que seria se as variáveis analisadas fossem independentes.

O agrupamento que reúne os entrevistados que mencionaram praticar atividades de lazer “de consumo de mídia/cultura e sociabilidade tradicional” e apenas “sociabilidade tradicional” também apresentaram indicadores superiores a 1, de maneira expressiva, dentro do grupo de mulheres cônjuges com filhos.

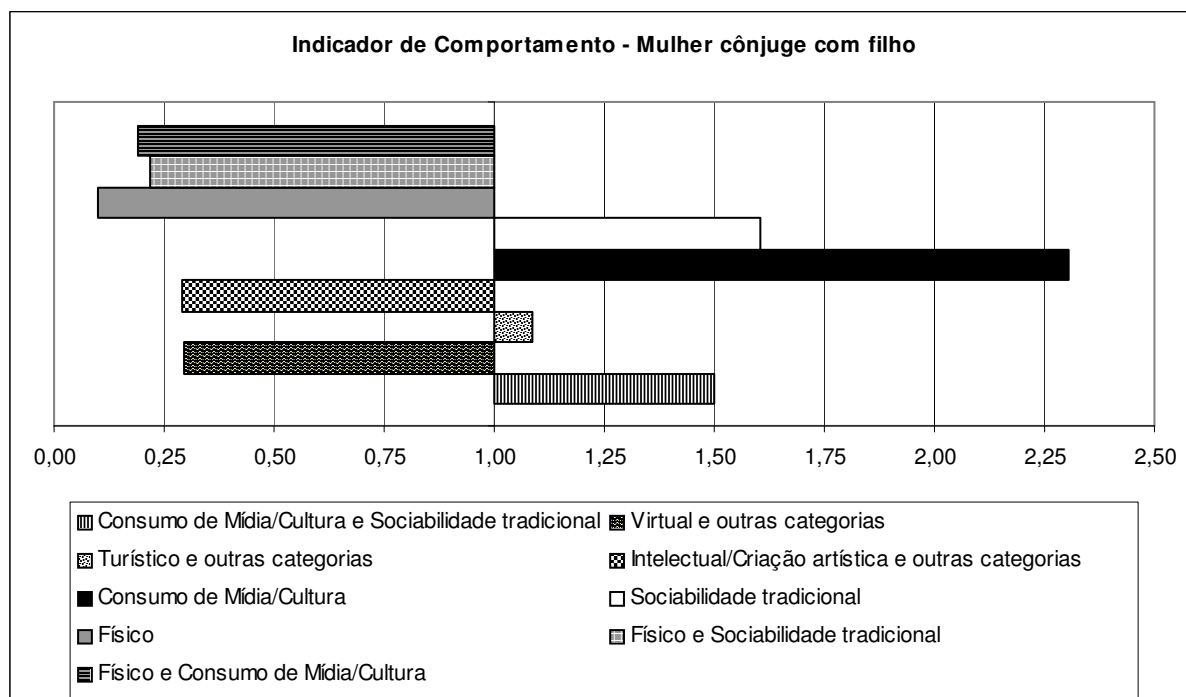


Gráfico 12 – Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Mulher cônjuge com filho

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

É interessante destacar que apesar de as “mulheres cônjuges com filhos” demonstrarem certa semelhança com o agrupamento dos “jovens solteiros trabalhadores” no que diz respeito à preferência por atividades de sociabilidade tradicional, há diferenças contrastantes no tipo de atividade selecionada com mais frequência entre os dois grupos. As três atividades de sociabilidade tradicional mais mencionadas pelos entrevistados no caso do agrupamento dos jovens solteiros trabalhadores foram “freqüentar danceterias/bares/festas”, “conversar com amigos” e “namorar”, e no agrupamento das mulheres cônjuges com filho foram “visitar parentes”, “ir ao shopping center” e “freqüentar parques”.

Quanto às atividades de lazer físico, virtual e intelectual, nota-se que entre as mulheres cônjuges com filho não há expressiva adesão a estas categorias. O que pode ser explicado pela predominância de mulheres dentro do agrupamento e/ou pelo estágio da vida em que se encontram.

Homem chefe de família

No que diz respeito aos homens chefes de família, percebe-se certa preferência por atividades de lazer físico. Entretanto, diferentemente do que, aparentemente, ocorre no caso do grupo de estudantes crianças, maior predominância do agrupamento que apresenta apenas a opção de lazer físico, os homens chefes de família indicam praticar atividades físicas, mas procuram freqüentemente dividir o tempo com atividades de outras categorias como de consumo de mídia e/ou de sociabilidade tradicional.

O agrupamento de consumo de mídia/cultura também apresentou resultados superiores a 1, o que pode indicar também influência do momento de vida, ou melhor, do estágio do ciclo de vida familiar. Nota-se, entretanto, que no caso dos homens o efeito exercido parece ser inferior ao caso das mulheres casadas.

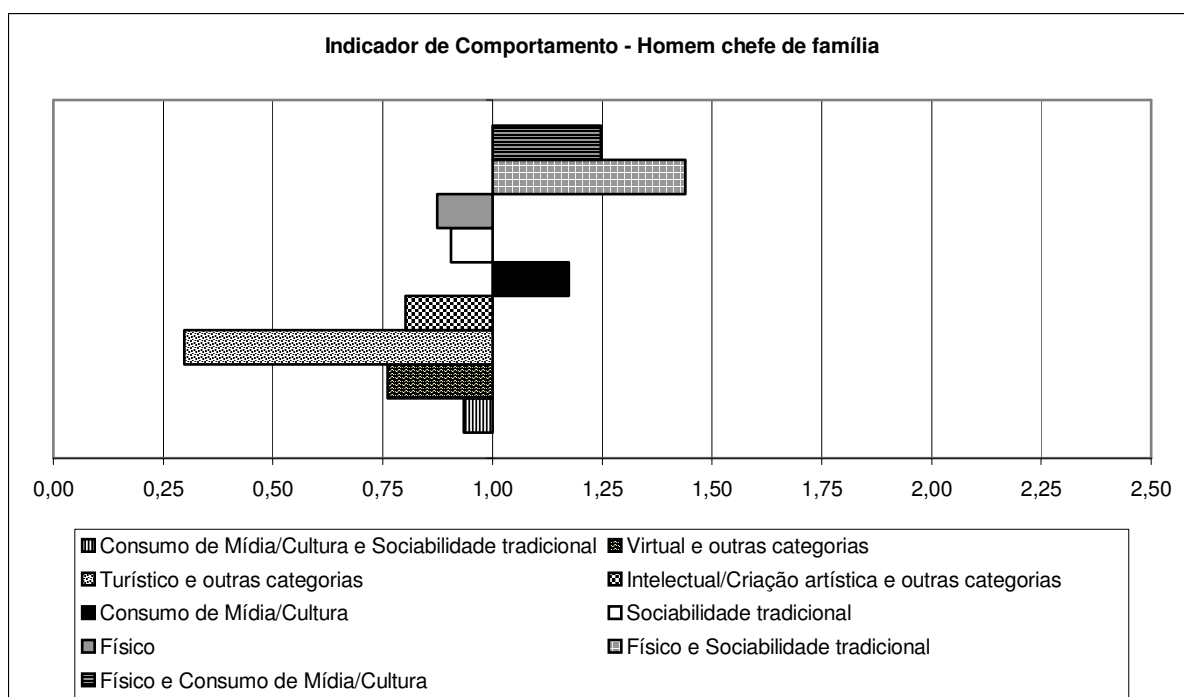


Gráfico 13 – Indicador de comportamento no lazer do agrupamento Homem chefe de família
 Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005
 Nota: dados trabalhados pelo autor

4.3.2 – Etapa 2: Análises complementares sobre o lazer

Para complementar as análises anteriormente realizadas serão apontadas algumas questões consideradas relevantes para o estudo em questão.

Inicialmente, procurou-se observar o lazer entre os agrupamentos sócio-demográficos utilizando duas outras classificações de tipo de atividade: lazer externo versus lazer domiciliar e lazer pago. Além disso, verificaram-se as respostas obtidas por meio da questão 2 realizada pela Fundação SEADE (2005), em que se buscou verificar se o entrevistado realizava com frequência atividades com familiares e quais seriam as atividades mais praticadas nestas ocasiões.

Por fim, será apresentada a discussão sobre as atividades de lazer que se destacaram na pesquisa, pela alta incidência nas respostas dos entrevistados ou por apresentarem diferenciação expressiva entre os agrupamentos analisados.

Lazer externo versus lazer domiciliar

Baseando-se na classificação desenvolvida por Botelho e Fiore (2005) as 26 atividades mencionadas pelos entrevistados foram classificadas em lazer externo e domiciliar, conforme está descrito no Quadro 5.

Categoria de Lazer	Atividade
Domiciliar	Acessar a internet/usar ou jogar no computador
	Assistir TV
	Ler/estudar/desenhar/pintar quadros
	Ouvir música
	Ouvir rádio
	Realizar trabalhos manuais/ hobbies
Externo	Andar de bicicleta/patins ou skate
	Brincar no geral
	Conversa com amigos
	Dançar/ Cantar/ tocar instrumento musical
	Empinar pipa
	Freqüentar danceteria/bar/festas
	Freqüentar parques
	Ir a restaurantes/ lanchonetes/ sorveteria
	Ir ao cinema/teatro/shows
	Ir ao shopping center
	Jogar cartas/dominó/xadrez/sinuca
	Jogar futebol
	Jogar video game/fliperama
	Namorar
	Participar de atividades da associação
	Participar de atividades da igreja
	Participar de grupo musical
	Praticar outros esportes
Viajar	
Visitar parentes	

Quadro 5 – Aplicação da classificação de Botelho e Fiore (2005)

Fonte: Botelho e Fiore, 2005

Ao observar o número de respostas dadas pelos entrevistados dentro destas duas categorias nos diversos agrupamentos sociodemográficos é possível verificar diferenças nos comportamentos e refletir sobre algumas hipóteses que levem a este ocorrido.

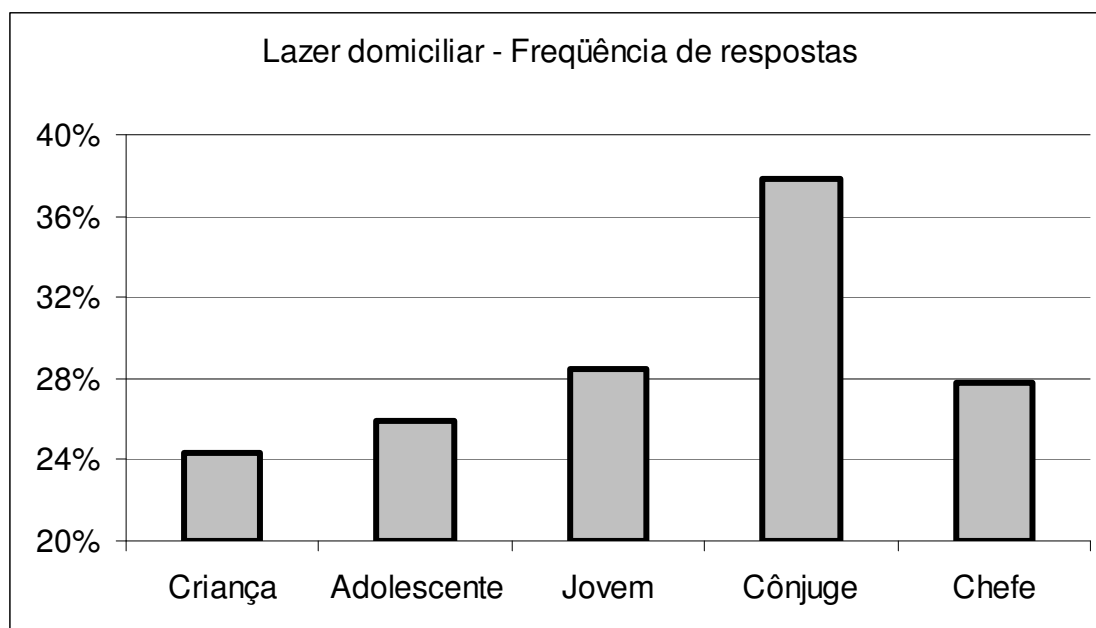


Gráfico 14 – Freqüência de respostas dentro da categoria lazer domiciliar

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Percebe-se, pelo Gráfico 14, que há maior freqüência de respostas da categoria lazer domiciliar nos agrupamentos em que estão os indivíduos mais velhos (jovens trabalhadores, mulheres cônjuge com filhos e homens chefe de família).

Vale destacar o resultado apresentado no caso das mulheres cônjuges com filhos que foi aproximadamente 10 pontos percentuais acima da média, considerando todos os entrevistados. O que não se verifica, com a mesma intensidade, no agrupamento dos homens chefe de família. Sendo assim, as mulheres parecem “sofrer” mais com o impacto do compromisso casamento e/ou nascimento dos filhos, alterando até mesmo o comportamento no lazer.

É interessante notar o comportamento dos jovens solteiros trabalhadores que embora já tenham atingido maior independência dos pais, ao comparar os resultados com os estudantes crianças e estudantes adolescentes percebe-se que

os jovens trabalhadores apresentam menor incidência de respostas de atividades do lazer externo, ou seja, maior frequência de lazer domiciliar. Acredita-se que este fato pode estar associado à inserção no mercado de trabalho, que proporciona maior cansaço ao indivíduo e conseqüentemente menor disposição para sair de casa no momento de lazer.

Lazer pago

Para desenvolver esta análise foi determinado que seriam consideradas atividades de lazer pago apenas aquelas que exigem desembolso a cada vez que a pratica. Sendo assim, apenas quatro atividades mencionadas pelos entrevistados se enquadram nesta categoria que são:

- Ir a restaurantes/lanchonetes/sorveteria

- Ir ao cinema/teatro/shows

- Freqüentar danceteria/bar/festas

- Jogar videogame/fliperama

No Gráfico 15 está o percentual de respostas dos entrevistados de cada um dos agrupamentos sociodemográficos na categoria lazer pago. Nota-se que os agrupamentos de estudantes adolescentes e, principalmente, dos jovens solteiros trabalhadores mostraram mais predisposição a gastar com atividades de lazer. Este fenômeno pode ser explicado por se encontrar nestes agrupamentos entrevistados que trabalham, mas que ainda não assumiram a responsabilidade de formar a própria família, como é o caso dos agrupamentos da mulher cônjuge e do homem chefe.

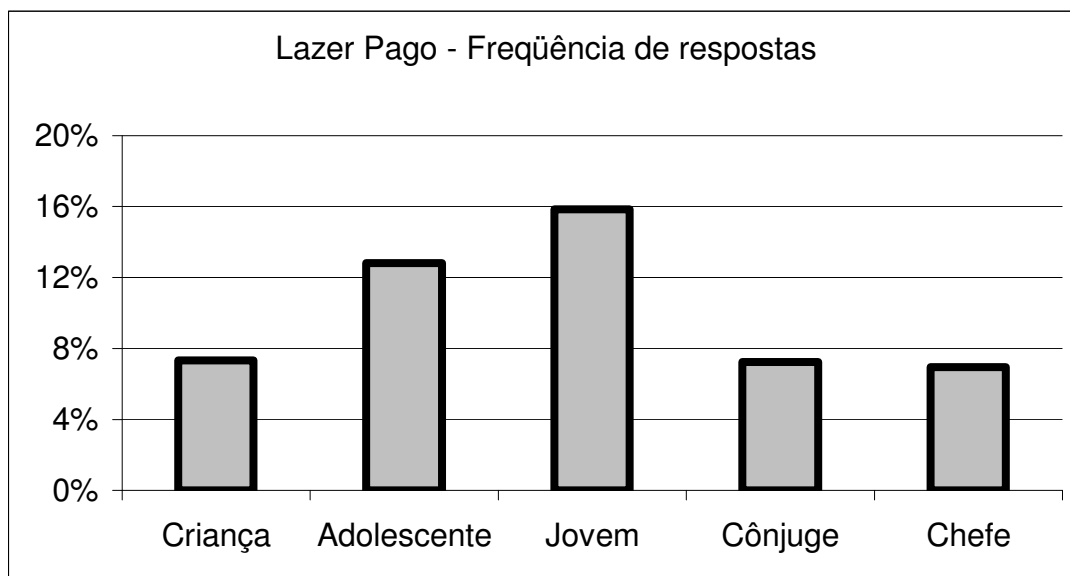


Gráfico 15 – Freqüência de respostas dentro da categoria lazer pago

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Lazer com familiares

Quanto à prática de lazer com os familiares, analisada por meio da segunda pergunta da pesquisa da Fundação SEADE (2005), também apresenta indícios de variar conforme o agrupamento sociodemográfico pertencente.

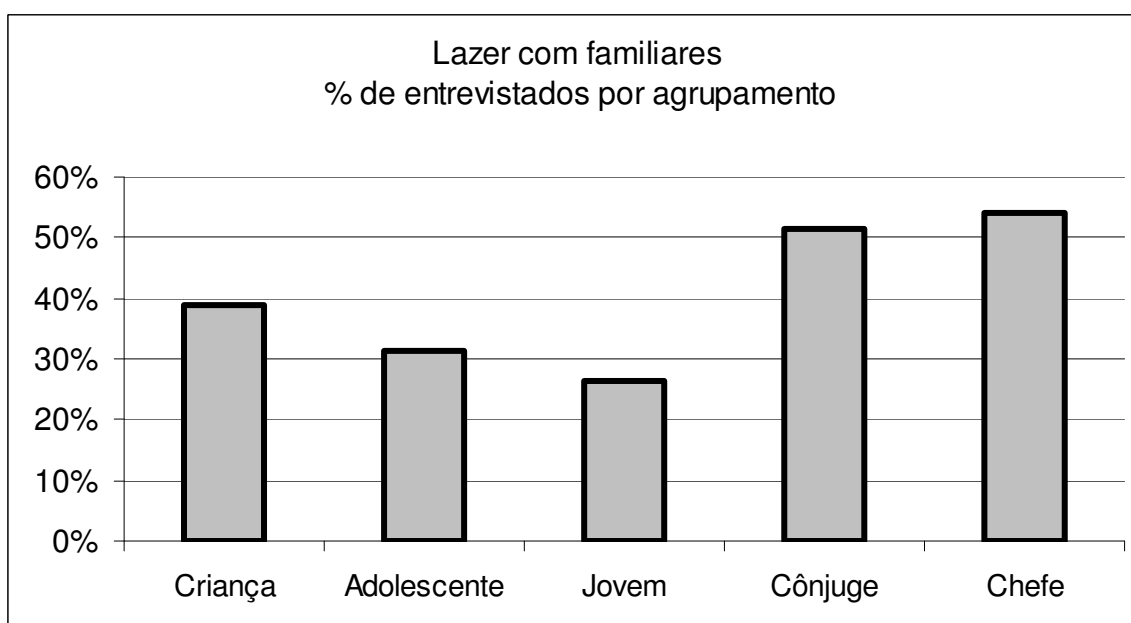


Gráfico 16 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou realizar, habitualmente, atividades de lazer na companhia de familiares

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Mais de 50% dos entrevistados dos agrupamentos das mulheres cônjuge e dos homens chefe de família mencionaram realizar lazer com familiares, freqüentemente. Depois segue o grupo dos estudantes crianças (39% dos entrevistados) e os estudantes adolescentes (31% dos entrevistados). Os entrevistados que mostraram menos dispostos a dividir o tempo de lazer com familiares foram os jovens solteiros trabalhadores (26% dos entrevistados).

Os números indicam que conforme os indivíduos vão avançando nos estágios do ciclo de vida a freqüência de pessoas que desfrutam dos momentos de lazer com a família diminui. Esta situação, aparentemente, é retomada com o início da construção da própria família.

As atividades mais comumente realizadas com os familiares, conforme apontado pelos entrevistados, são: visitar parentes (17,6% das respostas), freqüentar parques (13,6%), participar de atividades da igreja (13,6%), ir ao shopping center (11,1%), assistir TV (8,6%). Outras atividades também foram mencionadas como viajar, jogar futebol, freqüentar danceterias/bares/festas, praticar outros esportes, ir ao cinema/teatro/shows, ouvir música, participar de atividades da associação, entre outras.

Análise das principais atividades de lazer mencionadas pelos entrevistados

Para finalizar o estudo apresenta-se breve reflexão sobre as principais práticas mencionadas na pesquisa. Conforme apresentado no Tabela 18, as três atividades de lazer que apresentaram maior incidência entre os adolescentes e jovens foram assistir TV (36,05% dos entrevistados), jogar futebol (29,78% dos entrevistados) e conversar com amigos (21,63% dos entrevistados).

Tabela 18 – Classificação das atividades de lazer mais mencionadas pelos entrevistados

Atividades de lazer	% dos entrevistados
1 Assistir TV	36,05%
2 Jogar futebol	29,78%
3 Conversar com amigos	21,63%
4 Ouvir música	17,24%
5 Frequentar danceterias/bares/festas	13,84%
6 Ir ao shopping center	13,48%
7 Praticar outros esportes	12,40%
8 Visitar parentes	12,14%
9 Participar de atividades da igreja	10,93%
10 Namorar	10,34%
11 Frequentar parques	7,25%
12 Ir ao cinema/teatro/show	7,12%
13 Jogar videogame/fliperama	6,18%
14 Empinar pipa	4,84%
15 Ouvir rádio	3,36%
16 Viajar	3,18%
17 Acessar a internet/usar ou jogar no computador	3,05%
18 Andar de bicicleta/patins ou skate	2,91%
19 Ler/estudar/desenhar/pintar quadros	2,60%
20 Participar de grupo musical	2,02%
21 Brincar no geral	1,66%
22 Dançar/cantar/tocar instrumento musical	1,43%
23 Jogar cartas/dominó/xadrez/sinuca	0,90%
24 Participar de atividades da associação	0,49%
25 Ir a restaurantes/lanchonetes/sorveterias	0,36%
26 Realizar trabalhos manuais/hobbies	0,31%

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Assistir TV

Das 2.681 famílias pesquisadas pela Fundação SEADE (2005), aproximadamente 95% afirmaram possuir ao menos uma televisão, corroborando os dados apresentados pela pesquisa de Botelho e Fiore (2005) “O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo”, que revelou que o aparelho de TV em cores está presente em cerca de 96% dos domicílios.

Nesta mesma pesquisa, Botelho e Fiore (2005) mencionam que o hábito de assistir TV foi relatado por 93,5% dos entrevistados, sendo que 86,9% destes declararam ver televisão com frequência, que significa pelo menos algumas vezes por semana.

Ainda que as metodologias de análise da pesquisa de Botelho e Fiore (2005) e da Fundação SEADE (2005) não permitam comparação direta, é possível afirmar que aparentemente há coerência entre os resultados encontrados. Os resultados da pesquisa da Fundação SEADE (2005) revelam que a prática de assistir TV foi a atividade mais mencionada pelos entrevistados (mais de um terço dos indivíduos analisados consideram assistir TV uma atividade freqüentemente realizada nos finais de semana por eles, buscando por meio dela o divertimento).

Estes resultados indicam a importância que a televisão desempenha no lazer das pessoas que residem em São Paulo. Botelho e Fiore (2005) afirmam que a difusão do hábito de assistir TV supera os resultados de outras pesquisas internacionais, demonstrando ser essa uma prática de acesso quase universal no País. Os autores vão além, enfatizam que a importância desta prática exige um olhar mais acurado por parte dos poderes públicos, já que o equipamento está presente em todos os lares e é visto por todos (BOTELHO E FIORE, 2005).

Ao observar os resultados relacionados com o hábito de assistir TV dentro dos cinco agrupamentos sociodemográficos identificados na pesquisa em questão, percebe-se expressiva variação dependendo do grupo analisado. A televisão mostrou-se ainda mais essencial no lazer dos agrupamentos dos “casados”: homens chefes de família e, principalmente, das mulheres cônjuges com filhos. O Gráfico 17 evidencia esta questão, demonstrando que o percentual das mulheres cônjuges que afirmaram

assistir TV com freqüência nos momentos de lazer ultrapassou 50% dos entrevistados e dos homens chefes de família ficou em torno 42%, enquanto nos demais agrupamentos a incidência ficou entre 30 e 35% dos entrevistados.

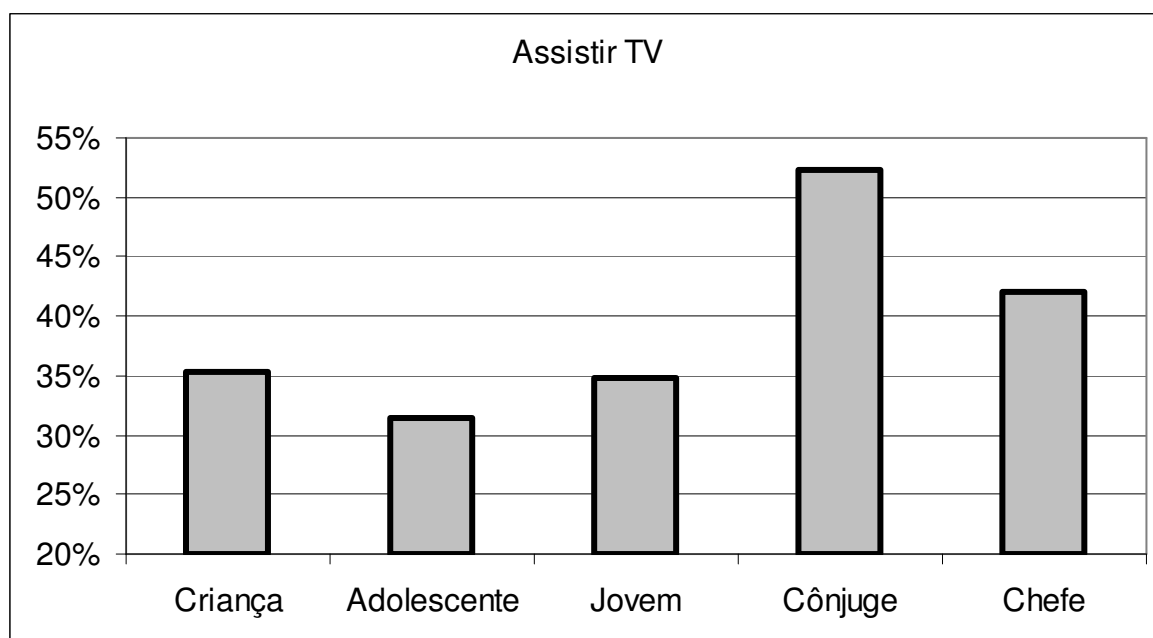


Gráfico 17 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou assistir TV nos momentos de lazer dos finais de semana

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

A variação revelada no Gráfico 17 indica que mais determinante que a faixa de idade do indivíduo na escolha da televisão como atividade de lazer parece ser a posição no ciclo de vida familiar. Deixar de ser apenas filho e passar a desempenhar o papel de marido ou mulher e/ou de pai ou mãe parece favorecer o hábito de assistir TV.

Jogar futebol

O futebol, o esporte nacional, não apresentou resultados diferentes do esperado. Segunda atividade mais mencionada pelos entrevistados (29,8% dos entrevistados), confirmando resultados de pesquisas anteriormente realizadas.

Dos 665 entrevistados que responderam futebol como atividade de lazer, freqüentemente, realizada nos finais de semana, 94% são do sexo masculino. O que demonstra predominância dos homens na realização dessa modalidade esportiva. Entretanto, ao comparar os resultados apresentados com relação à prática de outros esportes, verifica-se que a proporção observada se dá de maneira bem distinta, ainda que se mantenha a predominância masculina. Dos 277 entrevistados que mencionaram a categoria “praticar outros esportes”, 61% são do sexo masculino.

Considerando-se as limitações de comparação, ressaltam-se os resultados do levantamento realizado por Franch (2002), estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. A autora destaca em seu trabalho a importância do “bater bola”, mais especificamente “queimado” para as meninas e futebol no caso dos meninos. Segundo a autora, a prática de jogos na rua foi referida por 60% dos rapazes e por 33,3% das moças entrevistadas, demonstrando também certo predomínio masculino.

Ao analisar os resultados dos agrupamentos sociodemográficos, no Gráfico 18, é possível constatar diferenças entre os mesmos. Primeiramente, observando-se os resultados relacionados com o futebol, seria possível afirmar que a baixa incidência no caso do agrupamento das mulheres cônjuges estaria associada, principalmente, à questão modalidade esportiva versus gênero. No entanto, observando-se também a freqüência de entrevistados, dentro do mesmo agrupamento, que afirmou praticar outro esporte no momento do lazer, percebeu-se que os resultados se repetiam. Conclui-se assim que a baixa incidência identificada no agrupamento das mulheres cônjuges não está associada apenas à predominância de mulheres dentro do grupo, mas está também relacionada com o estágio do ciclo de vida familiar em que se encontram.

É interessante destacar a quantidade de entrevistados do grupo de homens chefes de família que afirmou jogar futebol aos finais de semana (41% dos entrevistados). Acredita-se que esta alta incidência foi influenciada, principalmente, pela predominância de indivíduos do sexo masculino dentro do agrupamento. Entretanto, faz-se necessário apontar que o casamento e/ou nascimento do filho aparentemente não impedem, no caso dos homens, a prática esportiva, ou melhor, o futebol.

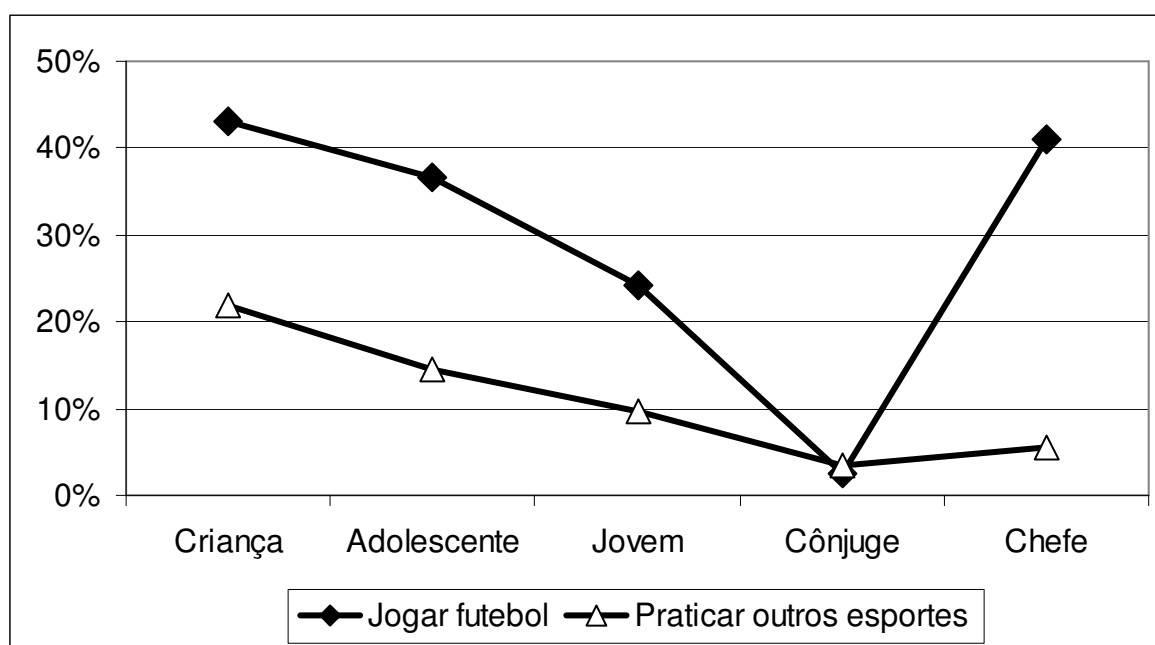


Gráfico 18 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou jogar futebol ou praticar outros esportes nos momentos de lazer dos finais de semana

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Por fim, é possível notar que a prática esportiva como lazer parece declinar ao avançar no estágio do ciclo de vida familiar. Os estudantes crianças, seguido pelos estudantes adolescentes, mostraram-se mais engajados no esporte de maneira geral. Conforme apontado por Franch (2002), na puberdade emergem atividades mais ligadas à aproximação com o sexo oposto, hábitos como o da conversa, bem como a fruição da mobilidade, fruto das crescentes parcelas de liberdade que muitos jovens conquistam, que acabam estimulando o desinteresse por outras atividades antes praticadas. A autora afirma, entretanto, que uma das poucas atividades que resistem a esta nova fase é a prática esportiva, principalmente, no caso dos homens.

Conversar com amigos

O hábito da conversa se mostrou freqüente no grupo de adolescentes e jovens pesquisados. Outros estudos também já revelaram a importância da conversa entre amigos em bairros periféricos. Franch (2002) afirma que “a composição das rodas de conversa nos informa da existência de um padrão de sociabilidade observado por vários estudiosos do modo de vida das classes populares, e que tem como principal característica a base local das relações” (FRANCH, 2002, p.122).

Magnani (1998) também identifica a ligação das classes populares com o bairro, denominado o pedaço, ao estudar as formas de lazer de trabalhadores que residem na cidade de São Paulo. O autor afirma que na periferia as relações se dão de maneira distinta da que acontece em segmentos sociais mais elevados, em que na maioria das vezes os vínculos que ampliam a sociabilidade restrita da família nuclear não são os de vizinhança, mas os que se estabelecem a partir de relações profissionais. O autor afirma que a população da periferia, sujeita às oscilações do mercado de trabalho e a condições precárias de existência, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem.

Magnani (1998) ainda complementa que “essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano” (MAGNANI, 1998 p.117). A partir desta colocação é possível sentir a importância desta prática de lazer, especialmente, em bairros periféricos.

Os resultados da pesquisa em questão demonstram que a conversa com os amigos parece ser mais freqüente nos agrupamentos dos estudantes crianças e estudantes adolescentes, conforme os resultados apresentados no Gráfico 19.

No caso do grupo dos jovens solteiros trabalhadores, verifica-se menor incidência em comparação com os dois anteriores, que pode ser explicada pelo aumento do interesse por atividades do tipo namorar, ir ao cinema/teatro/shows e freqüentar danceterias/bares/shows, ou seja, outras formas de sociabilidade que exigem certa

liberdade de comportamento que, em geral, ainda não foi conquistada por adolescentes e, muito menos, por crianças.

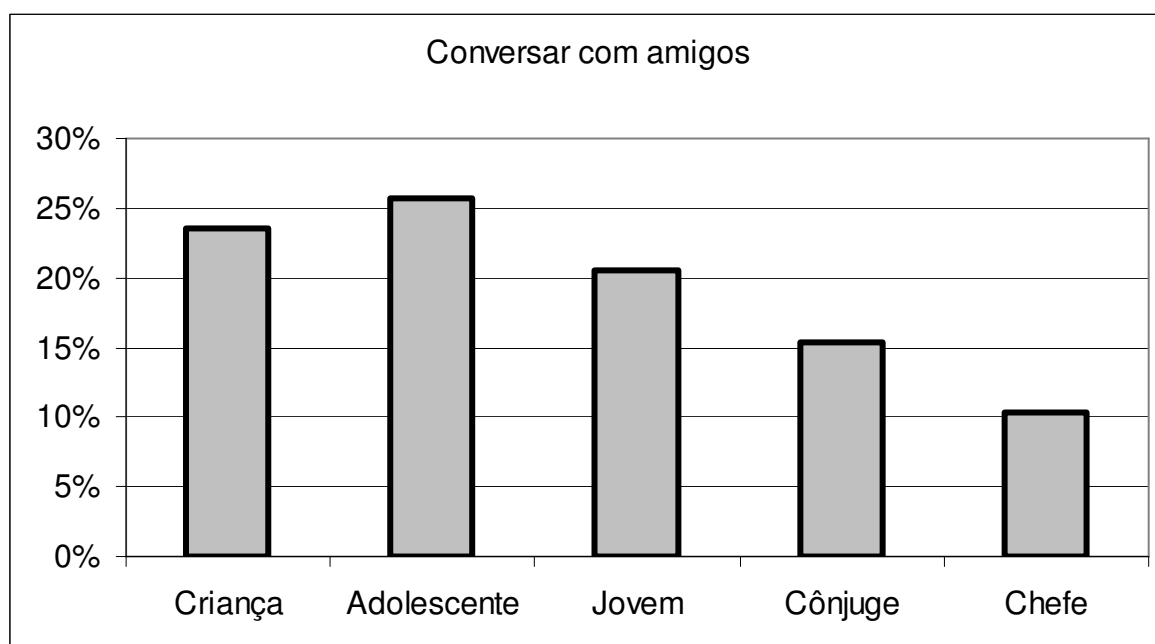


Gráfico 19 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou conversar com amigos nos momentos de lazer dos finais de semana

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Quanto aos “casados”, mulheres cônjuges e homens chefes de família, imagina-se que a queda relativa no interesse por este tipo de atividade está associada ao tempo de lazer destes agrupamentos estarem, aparentemente, mais centrados na nova família e não mais nos amigos.

Outras atividades que se destacaram na pesquisa

Por fim, há atividades que se destacaram na pesquisa não pela alta incidência entre os entrevistados, mas por particularidades específicas, principalmente no que diz respeito à maior participação de entrevistados de agrupamentos sociodemográficos específicos. Destacam-se quatro grupos de atividades que aparentemente apresentam comportamento semelhante dentro dos diversos grupos sociodemográficos, que resultou em uma curva de frequência de respostas similar, conforme demonstrado nos gráficos 20, 21, 22 e 23.

Os resultados das atividades “empinar pipa”, “andar de bicicleta/patins ou skate”, “brincar no geral” e “jogar videogame/fliperama” indicam ser atividades mais freqüentes entre os agrupamentos de estudantes crianças e estudantes adolescentes. Sendo que se pode notar certo declínio de um agrupamento para outro. Destaca-se também a presença de homens chefes de família nestas atividades, exceto “brincar no geral”. O que pode estar associada ao nascimento dos filhos, que os estimulam novamente a realizar estas atividades.

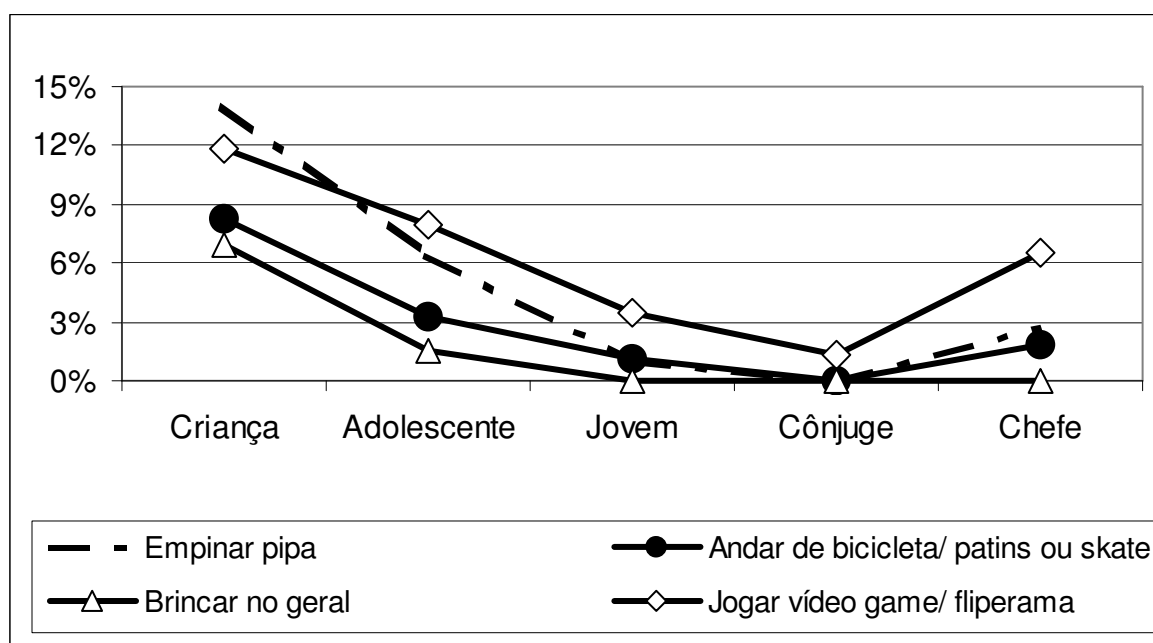


Gráfico 20 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “empinar pipa”, “andar de bicicleta/patins ou skate”, “brincar no geral” e “jogar videogame/fliperama”, nos momentos de lazer dos finais de semana

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Quanto às práticas relacionadas com a música, “participar de grupo musical” e “dançar/cantar/tocar instrumento musical” nota-se certa predominância de estudantes adolescentes, jovens trabalhadores solteiros e homens chefes de família. Acredita-se que estas atividades de lazer estejam associadas aos grupos de rap, “hip hop”, entre outros estilos musicais, cada vez mais freqüentes nas periferias. Estes grupos musicais têm proporcionado significativa visibilidade à periferia, por meio das produções artísticas juvenis. Segundo a Franch (2002), essas são formas de apresentação que os jovens encontraram para apresentar suas propostas contra a desigualdade social, utilizando os meios de comunicação de massa.

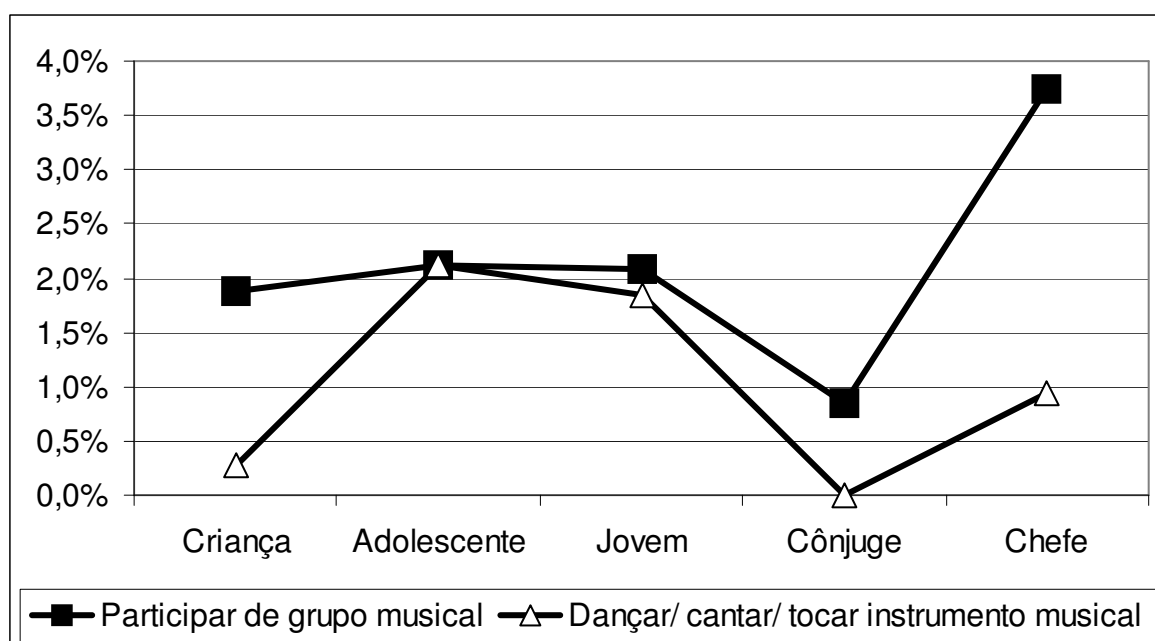


Gráfico 21 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “participar de grupo musical”, “dançar/cantar/tocar instrumento musical”, nos momentos de lazer dos finais de semana

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

As atividades “freqüentar danceterias/bares/festas”, “ir ao cinema/teatro/shows”, “namorar” e “viajar” exigem, de certa forma, independência na escolha e relativo gasto financeiro. O que talvez explique a curva de freqüência nos diversos agrupamentos sociodemográficos, demonstrada no Gráfico 22, que revela maior participação dos jovens solteiros trabalhadores.

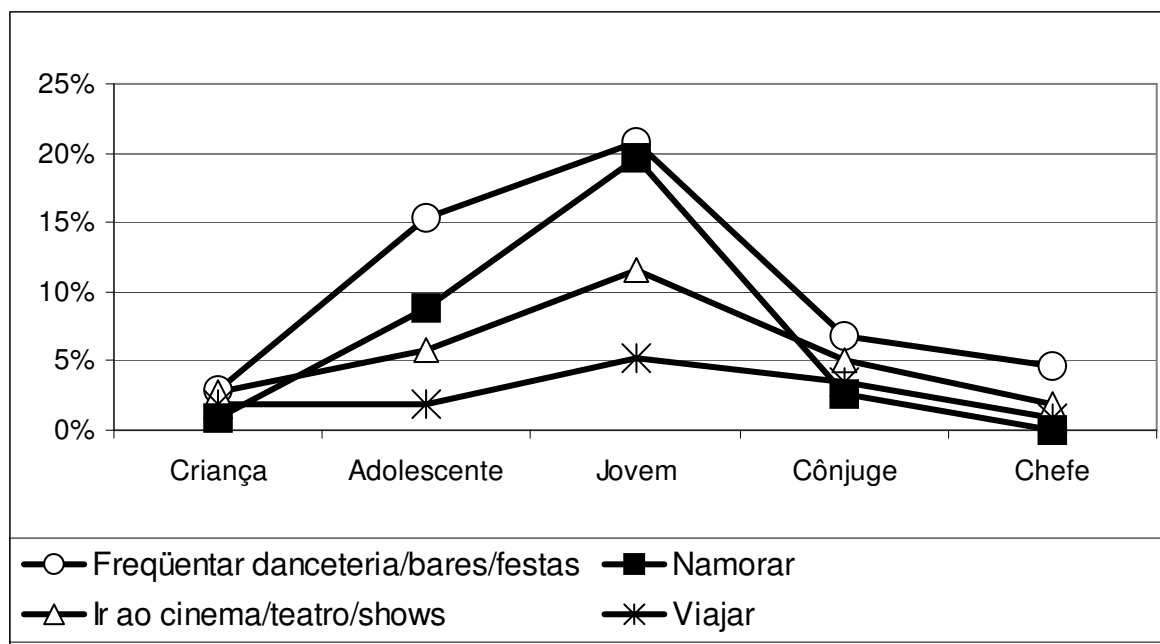


Gráfico 22 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “freqüentar danceterias/bares/festas”, “ir ao cinema/teatro/shows”, “namorar”, “viajar”, nos momentos de lazer dos finais de semana

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

Para finalizar, estão algumas das atividades que aparentemente se tornam mais freqüentes entre os casados, mulheres cônjuges e homens chefes de família, como “freqüentar parques” e “visitar parentes”.

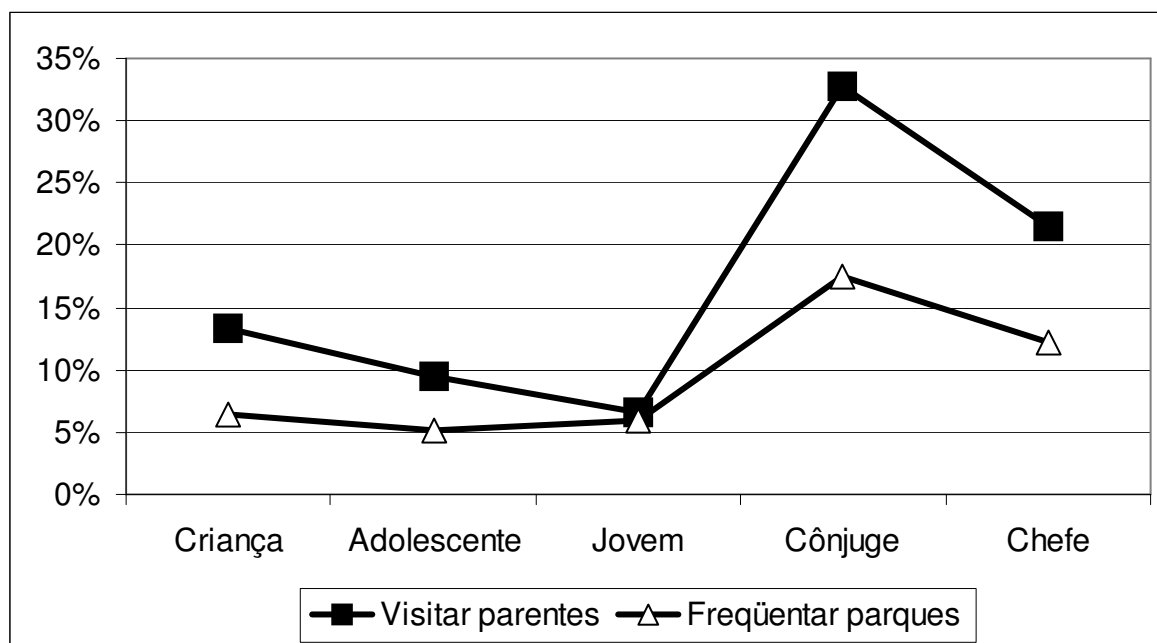


Gráfico 23 – Percentual de entrevistados por agrupamento sociodemográfico que afirmou “freqüentar parques”, “visitar parentes” nos momentos de lazer dos finais de semana

Fonte dos dados brutos: FUNDAÇÃO SEADE, 2005

Nota: dados trabalhados pelo autor

4.4 Visão geral da análise

Quanto às atividades de lazer individuais, destaca-se, primeiramente, que dentro de cada agrupamento analisado foi evidenciada a importância dos meios de comunicação de massa, televisão e rádio, que se mostraram muito freqüentes como opção de lazer dos entrevistados. Assistir televisão foi a atividade mais citada (36,05% dos entrevistados) e ouvir rádio, considerando-se ouvir música e rádio, foi citada por 20% dos entrevistados, quarta atividade mais mencionada. O uso da internet não revelou ser uma prática muito presente neste segmento da população. A atividade “acessar a internet/usar ou jogar no computador” foi citada por apenas 3,05% dos entrevistados, resultado provavelmente influenciado pela dificuldade de

acesso à atividade, visto que apenas 17% das famílias pesquisadas afirmaram ter computador em casa.

A prática de esporte também demonstrou ser freqüente entre os entrevistados. Enfatiza-se “o jogar futebol”, que foi a segunda atividade mais citada (29,78% dos indivíduos analisados). A prática de outros esportes também apresentou alta incidência, 12,40% dos entrevistados afirmaram realizá-la com freqüência nos finais de semana. Não se pode deixar de ressaltar que a análise dos agrupamentos sociodemográficos versus práticas esportivas indicaram expressiva variação de comportamento.

A prática esportiva como lazer declina ao avançar no estágio do ciclo de vida familiar e profissional. Os estudantes crianças, seguido pelos estudantes adolescentes, mostram maior participação no esporte de maneira geral. Ao passo que os demais grupos demonstram menos interesse por este tipo de atividade, excetuando-se o agrupamento dos homens chefes de família quando se trata de futebol.

A terceira prática mais citada foi “conversar com amigos” (21,63% dos entrevistados) corroborando estudos anteriormente realizados que demonstram a importância que as relações locais representam na vida das pessoas que habitam a periferia.

As práticas relacionadas com a música também merecem destaque. Apesar de não apresentarem alta incidência entre as respostas, apenas 3,45% dos entrevistados afirmaram participar, freqüentemente, de grupo musical ou dançar/cantar/tocar instrumento musical” como lazer durante os finais de semana, acredita-se que a música desempenha papel importante em bairros periféricos. Por intermédio de grupos musicais, jovens se expressam e parecem revelar à sociedade propostas contra a desigualdade social, utilizando os meios de comunicação de massa.

No que diz respeito à análise do lazer nos diferentes agrupamentos sociodemográficos, destacam-se:

– os estudantes crianças demonstraram certa preferência por atividades de lazer físico e lazer virtual. Já os estudantes adolescentes, apesar de apresentarem

semelhanças com as crianças, revelaram despertar por atividades de sociabilidade tradicional.

– os jovens solteiros trabalhadores, manifestam menor interesse por atividades de lazer físico e virtual e passam a preferir atividades de lazer de sociabilidade tradicional, de consumo de mídia/cultura e turístico.

– as mulheres cônjuges com filho demonstraram comportamento mais díspar frente aos demais. Neste agrupamento a categoria “consumo de mídia/cultura” passa a exercer grande importância, em especial, a atividade “assistir TV”, que provoca, aparentemente, expressivo aumento do lazer domiciliar. Acredita-se que esta ocorrência esteja relacionada à grande mudança ocorrida no estágio de vida ao assumir um compromisso efetivo principalmente pelo nascimento do filho. A sociabilidade tradicional também pareceu ser freqüente entre as “mulheres cônjuges com filhos” e esta se dá principalmente por meio das seguintes atividades “visitar parentes”, “ir ao shopping center” e “freqüentar parques”, diferentemente do caso dos jovens solteiros trabalhadores em que a sociabilidade acontece, principalmente, a partir de outras atividades que são “freqüentar danceterias/bares/festas”, “conversar com amigos” e “namorar”.

– os homens chefes de família apresentaram preferência por atividades de lazer físico, mas procuram freqüentemente dividir o tempo com atividades de outras categorias como de consumo de mídia e/ou de sociabilidade tradicional, a que desfruta, aparentemente, na companhia da nova família.

Concluindo, faz-se necessário apontar que os resultados apresentam fortes indícios de que pertencer a determinado agrupamento sociodemográfico influencia a escolha do tipo de lazer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Etapas percorridas e principais contribuições

Neste trabalho, buscou-se compreender melhor as práticas de lazer que adolescentes e jovens da periferia de São Paulo dizem realizar aos finais de semana. Além disso, procurou-se observar as diferenças existentes de comportamentos no lazer entre os agrupamentos sócio-demográficos identificados.

A realização deste projeto foi motivada pela importância da juventude para o país, as preocupações com este segmento da população, especialmente, em distritos altamente vulneráveis socialmente e as contribuições que o lazer pode propiciar em um universo com opções restritas.

Para o desenvolvimento deste estudo foram percorridas quatro principais etapas. Primeiramente, foram analisadas pesquisas bibliográficas que abordam a temática em questão. Este levantamento evidenciou a importância de estudos nesta linha e carência dos mesmos no Brasil. Além disso, forneceu subsídios para determinar o desenho da pesquisa e para melhor compreensão do lazer no contexto da metrópole, em especial, do jovem da periferia.

A segunda etapa percorrida está associada aos dados de análise. Aproveitando-se os resultados da Pesquisa de Condição de Vida, recentemente realizada pela Fundação SEADE (2005), foram estudados os dados brutos e realizado o devido tratamento dos mesmos para efetuar a análise em questão. Decidiu-se por trabalhar os dados já coletados pela Fundação SEADE (2005) por três principais motivos: reconhece-se a credibilidade desta instituição e, conseqüentemente, dos dados coletados; os dados foram coletados entre outubro de 2004 e fevereiro de 2005, ou seja, são dados recentes; e até então não havia sido publicada análise dos dados coletados com relação às questões do lazer.

Após tratar os dados, foi definido o desenho da pesquisa e, posteriormente, foram realizadas diversas análises para definir as variáveis relevantes na determinação dos agrupamentos. Acredita-se que tanto os agrupamentos sócio-demográficos identificados a partir das variáveis de interesse, quanto a nova classificação de lazer sugerida são contribuições deste estudo.

Por fim, foram realizadas análise e interpretação dos resultados, promovendo reflexão sobre as práticas de lazer relatadas por adolescentes e jovens, habitantes de distritos periféricos da cidade de São Paulo, em cada um dos agrupamentos sociodemográficos identificados no estudo.

Conforme apresentado no capítulo anterior, a análise evidencia a influência de caracterizações sócio-demográficas na escolha do lazer, corroborando resultados revelados por estudiosos internacionais. Além disso, promove melhor conhecimento desta parcela da população que é pouco estudada, principalmente no que diz respeito à participação no lazer. Acredita-se ser esta a maior contribuição do estudo em questão, uma vez que esta análise apresenta elementos que podem auxiliar a iniciativa pública e privada no direcionamento de ações mais eficazes para um segmento da população considerado vulnerável socialmente.

5.2 Limitações do estudo

A metodologia de estudo utilizada apresenta limitações que devem ser apontadas. Procurou-se por meio de dados coletados pela Fundação SEADE encontrar associações com características sociodemográficas dos indivíduos entrevistados. Desta forma, as análises seguem o escopo delimitado na pesquisa realizada pela Fundação SEADE (2005), como, por exemplo, análise restrita do lazer realizado durante os finais de semana e ênfase na função de **diversão** do lazer.

Ressalta-se que esse estudo tem um caráter exploratório, visto que não foram consideradas as ponderações necessárias, e não objetiva, portanto, inferir que toda a população jovem periférica se comporte da forma apresentada.

Além disso, sabe-se que pesquisas por sondagem, apesar de proporcionar contato com indicadores que auxiliam na compreensão do que pode estar acontecendo em determinada situação, não produzem uma fotografia exata dos comportamentos dos entrevistados. Conforme apontado por Botelho e Fiore (2005) há problemas de memorização, as pessoas têm a tendência a superestimar suas práticas quando estas se referem a comportamentos socialmente valorizados, e tendem a subestimar as demais. Entretanto, acredita-se que respostas geradas em pesquisas como estas, servem como expressivo indicador a ser analisado em um estudo exploratório.

A análise limita-se à melhor compreensão das práticas de atividades de lazer (dimensão diversão), mencionadas por entrevistados (demanda), como freqüentemente realizadas aos finais de semana. Não faz parte do escopo deste trabalho verificar o significado do lazer na vida dos entrevistados, o tempo exato despendido nas atividades, o nível de satisfação com o tipo de lazer realizado, bem como com a oferta de espaços para as práticas de lazer na cidade de São Paulo.

5.3 Sugestões para pesquisas futuras

A análise do tipo de lazer realizado em cinco diferentes agrupamentos sócio-demográficos de jovens da periferia paulistana foi apenas o início de um debate na questão do lazer deste expressivo segmento da população. Como desdobramento deste tema, sugere-se:

- aprofundar a análise do lazer deste segmento, com ênfase no sentido do lazer para os entrevistados e o significado das principais práticas, Neste caso, as técnicas de pesquisa qualitativa serão as mais adequadas.

- estudos que procurem validar algumas hipóteses levantadas nesta dissertação, como a alteração no comportamento no lazer em função de características sócio-demográficas, especialmente, enfatizando a alteração no estágio do ciclo de vida

familiar e profissional. A técnica do diário parece ser adequada para mensurar exatamente o tempo gasto com cada atividade e auxiliar nas análises. Estudos longitudinais que contemplem ao menos duas fases distintas do ciclo de vida familiar ou profissional podem contribuir bastante nestes testes, apesar do alto custo associado a tal técnica, bem como o tempo que deve ser despendido;

– realizar mapeamento minucioso da oferta de lazer na cidade de São Paulo e observar o desempenho da mesma frente às necessidades da demanda;

– analisar a importância da música dentro deste segmento da população, a qual aparentemente, não se resume a simples prática de lazer. Esta parece ser importante veículo de comunicação da periferia com a sociedade.

– focalizar análise no comportamento no lazer da expressiva e preocupante parcela de adolescentes e jovens que não estudam e nem trabalham (22% do total de entrevistados);

– verificar até que ponto o lazer, principalmente em segmentos mais carentes da população, contribui para a formação do indivíduo e, conseqüentemente, para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Estes são alguns possíveis desdobramentos que surgiram a partir do presente trabalho. Tais temas explicitam a relevância de estudos nesta área, além de evidenciar parte do amplo campo de pesquisa a ser explorado no Brasil.

Espera-se, por fim, que este estudo tenha promovido contribuições relevantes neste campo do conhecimento. Além disso, deseja-se que novos estudos sejam desenvolvidos nesta linha, procurando trazer benefícios a um segmento da população que apenas em relação a uns poucos aspectos tem recebido atenção nas pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural e sociedade**. Seleção de Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

BEAVERSTOCK, J. V.; TAYLOR, P. J.; SMITH, R. G. A roster of world cities. **Cities**. v.16, n. 6, p. 445 - 448, 1999.

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. In Espaço e Debates - **Revista de Estudos regionais e urbanos** - n.43/44 São Paulo, 2004.

BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. **O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo**. São Paulo: Centro de Estudos da Metrópole – CEM / CEBRAP, 2005.

BOURDIEU, P. **La distinction: a social critique of the judgement of taste**, translated by Richard Nice. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1984 (1^a editions de Minuit, 1979).

BOUSQUAT, Aylene; COHN, Amélia. A construção do mapa da juventude de São Paulo. **Lua Nova**. n. 60, p. 81-96, 2003.

BUSSAB, Wilton; MIAZAKI, Édina; ANDRADE, Dalton. **Introdução à análise de agrupamentos**. São Paulo: IME/ USP, 1990.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **“Lê loisir dans lês sociétés em développement: Lê ira du Brésil”** 1982. 344f. Tese (Doctorat de Sciences Humaines) – Université Paris V –René Descartes – Sorbonne.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUNHA, José M. P. Redistribuição Espacial da população: tendências e trajetórias. **São Paulo em Perspectiva**. v. 17, n.3-4, p. 218 - 233, 2003.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.

_____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

_____. **Toward a Society of Leisure**. New York: Free Press, 1967.

FAST, Janet; FREDERICK, Judith. The time of our lives: Juggling work and leisure over the life cycle. **Days of our lives: time use and transitions over the life course**. Statistics Canada. catalogue nº 89584-MIE, n. 4, 2004.

FRANCH, Mônica. Nada para fazer? Um estudo sobre as atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. In **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**. 13. Ouro Preto, MG, 2002.

FUNDAÇÃO SEADE. **Pesquisa de Condição de Vida: Fábricas de Cultura - Base de Dados**. São Paulo: Fundação SEADE, 2005.

_____. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social: espaços e dimensões da pobreza nos municípios do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/web/ipvs/index_ipvs.htm>. Acesso em: 23 nov. 2005.

_____. **Índice de Vulnerabilidade Juvenil**. São Paulo: Fundação SEADE, 2002. Disponível em: <<http://www.SEADE.gov.br/produtos/ivj/index.php>> . Acesso em: 23 nov. 2005.

_____. **Memórias das estatísticas demográficas**. Fundação SEADE. Disponível em: < <http://www.seade.gov.br/produtos/500anos/>> . Acesso em: 30 jan. 2006.

GOMES, Cristina M. **Pesquisa Científica em Lazer no Brasil: Bases Documentais e Teóricas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

GREENE, A., WHEATLEY, S., ALDAVA, J. Stages on life's way: Adolescents' implicit theories of the life course. **Journal of Adolescent Research**. v. 7, n. 3, p. 364-381, Jul., 1992.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objectiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos Demográficos**. IBGE. Disponíveis em: < <http://www.ibge.gov.br/>> . Acesso em: 15 jan. 2006.

_____. **Estimativas da População**. IBGE. Disponíveis em: < <http://www.ibge.gov.br/>> . Acesso em: 15 jan. 2006.

JUNIU, Susan. Downshifting: Regaining the Essence of Leisure. **Journal of Leisure Research**. v.32, n.1, p. 69-73, First Quarter, 2000.

KELLY, John R; FREYSINGER, Valeria J. **21st century leisure: current issues**. Boston: Allyn & Bacon, 2000.

KOTLER, Philip, MAKENS, James, BOWEN, John. **Marketing for hospitality and tourism**. Upper Saddle River, NJ, 1999.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Editora Claridade. 2003

LEE, Yoon. G. & BHARGAVA Vibha. Leisure Time: Do Married and Single Individuals Spend It Differently? **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 32 n. 3, p. 254 – 274, Mar. 2004

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação**.Campinas: Papyrus, 1990.

MARQUES, Eduardo. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In MARQUES, Eduardo, TORRES, Haroldo (orgs). **São Paulo:**

segregação, pobreza e desigualdade sociais. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MARTINS, Elvio R. A Geografia Urbana na dissolução das identidades originárias. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona, n. 94, agosto, 2001.

MATTINGLY, Marybeth J.; BIANCHI, Suzanne M. Gender differences in the quantity and quality of free time: The U.S. experience. **Social Forces**, v. 81, n. 3, p. 999, Mar 2003.

MELO, Marcelo. **Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpia da Maré.** Campinas: Autores Associados, 2005.

MEYER, Regina M. P. Atributos da Metrópole Moderna. **São Paulo em Perspectiva**, v. 4, n. 4, 2000.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MUNNÉ, Frederic. **Psicosociología del tiempo libre: um enfoque crítico.** México: Editorial Trillas, 1980.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito.** Campinas/SP: Editora Alínea, 2000.

PARKER, Stanley. **The sociology of leisure.** London: Allen and Unwin, 1976.

RAYMORE, Leslie ; BARBER, Bonnie ; ECCLES, Jacquelynne ; GODBEY, Geoffrey. Leisure Behavior Pattern Stability During the Transition from Adolescence to Young Adulthood. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 28, n.1, p. 79-103, Fev., 1999.

REZENDE, Fernando; TAFNER, Paulo (Editores) **Brasil: o estado de uma nação.** Rio de Janeiro: IPEA, 2005.

REQUIXA, Renato. **As dimensões do lazer.** São Paulo: SESC, 1974.

ROBINSON, John P.; GODBEY, Geoffrey. **Time for Life: The Surprising Ways Americans Use Their Time**. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 1997.

SASSEN, Saskia. **The global cities: New York, London, Tokyo**. Princeton: Princeton University Press, 1991.

_____. **As cidades na economia mundial**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura – São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SCHANINGER, Charles; DANKO, William. A Conceptual and Empirical Comparison of Alternative Household Life Cycle Models. **Journal of Consumer Research**, v. 19, n. 4, p. 580-594, Mar., 1993.

SCHOR, Juliet. **The overworked American: the unexpected decline of leisure**. New York: Basic Books, 1993.

_____. **The overspent American – why we want what we don't need**. New York: Harper Perennial, 1998.

SPSS Training – **Advanced Statistical Analysis Using SPSS**. SPSS Inc. 2003

TASCHNER, Gisela B. Distinção Social, Lazer e Entretenimento. In **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS** 18, 2004, Caxambu/ MG. *Anais*. Caxambu/ MG: ANPOCS. 2004.

_____. Lazer, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v. 40, n. 4, p.38-47, Out./Dez. 2000.

_____. Lazer operário e consumo cultural na São Paulo dos anos 80. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v. 31, n.3, Jul./Set. 1991.

TASCHNER, Suzana P.; BOGUS, Lucia M. M. São Paulo, uma metrópole desigual. **EURE (Santiago)**, v. 27, n. 80, p. 87-120, Mayo, 2001.

TORRES, Haroldo; MARQUES, Eduardo, FERREIRA, Maria P. e BITAR, Sandra. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Estudos Avançados**. v. 17, n. 47, p. 97-128, jan/abr, 2003.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.** São Paulo: Nova Cultural, 1987. (1ª ed. em inglês: 1899).

VÉRAS, Maura P. B. Tempo e Espaço na Metrópole: breves reflexões sobre assincronias urbanas. **São Paulo em Perspectiva.** v. 15, n. 1, 2001.

WAICHMAN, Pablo. **Tempo livre e recreação.** Campinas: Papirus, 1997.

WHITE, Clyde. Social Class Differences in the uses of leisure. **The American Journal of Sociology,** v. 61, n. 2, p. 145-150, Sep 1955.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)